

**A Arqueologia de uma casa islâmica do extremo
ocidental do Gharb Al-Andaluz: A unidade
habitacional P/Q -9/11 da Praça da Figueira (Lisboa).
(Versão corrigida e melhorada após a defesa pública
realizada a 22 de Fevereiro de 2019)**

Duarte Miguel Cardoso Mira

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação
científica do Prof. Dr. Rodrigo Banha da Silva.

Novembro de 2018

**A Arqueologia de uma casa Islâmica do extremo
ocidental do Gharb Al-Andaluz: A unidade
habitacional P/Q -9/11 da Praça da Figueira (Lisboa).**

**(Versão corrigida e melhorada após a defesa pública
realizada a 22 de Fevereiro de 2019)**

Duarte Miguel Cardoso Mira

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação
científica de Rodrigo Banha da Silva.

Novembro de 2018

A todos aqueles que lidam comigo

Agradecimentos

Difícilmente me é possível expressar como profundamente me sinto grato por toda a ajuda que recebi ao longo de todo o meu trabalho. A ajuda mais preciosa que recebi foi a nível emocional, pois nunca me deixaram ter o pensamento derrotista para conseguir levar a bom porto este projecto que tanto ansiei ver feito.

Em primeiro lugar, queria agradecer ao meu orientador, ao professor Doutor Rodrigo Banha da Silva por me ter ajudado em todos os momentos. Os seus conhecimentos e críticas construtivas disponibilizaram tudo o que eu precisei para a elaboração desta dissertação e por isso agradeço acima de tudo a paciência que teve comigo.

À minha colega, futura mestra e companheira Luana Narcisa Acs, agradeço pela enorme paciência que teve para lidar comigo, especialmente nos dias menos bons. Um muito obrigado não chega para todo o esforço que realizou ao me ter suportado moralmente e fisicamente ao longo de todo o meu trabalho.

À minha família que esteve sempre presente quando mais necessitei especialmente aos meus pais Paulo e Paula por todos os sacrifícios feitos para eu chegar ou estou. Um agradecimento especial à minha tia Ana pelo tempo disponibilizado e à minha irmã Matilde pela sua atitude descontraída que por vezes era o que mais precisava. Por último mas não menos importante, aos meus avós Augusto e Augusta que vou sempre estimar o tempo que passamos e vamos passar juntos.

A todos os meus colegas de trabalho, alguns deles aspirantes a mestres, que consigam tudo o que querem e boa sorte para as suas dissertações.

**A arqueologia de uma casa Islâmica do extremo ocidental do Gharb
Al-Andaluz: A unidade habitacional P/Q -9/11 da Praça da Figueira
(Lisboa).**

Duarte Miguel Cardoso Mira

Palavras-chave: Lisboa; Praça da Figueira; Arqueologia Urbana; Período Medieval Islâmico; Arquitectura doméstica medieval

O sítio arqueológico da Praça da Figueira foi pela primeira vez intervencionado arqueologicamente na década de 60 pela Irisalva Moita tendo-se prolongado sob uma direcção diferente até meados dos anos 70. No ano de 1999 no contexto da construção de um parque de estacionamento na zona, um novo conjunto de intervenções arqueológicas viria a ser descoberto entre muitos outros achados, como por exemplo um “bairro” islâmico dos séculos XI e XII. É neste contexto que se situa a Unidade Habitacional P/Q -10/11

Deste modo, a presente dissertação de mestrado pretende, através da análise das suas partes constituintes e da cultura material apresentada, entender a morfologia e cronologia exacta da casa. Ao mesmo tempo, pretende-se perceber de que modo a evolução construtiva da habitação em estudo se vai reflectindo no registo arqueológico.

**The Archaeology of a Gharb Al-Andaluz Islamic House: The
House Unit P / Q-9/11 of Praça da Figueira (Lisbon).**

Duarte Miguel Cardoso Mira

Keywords: Lisbon; Praça da Figueira; Urban Archaeology; Medieval Islamic Period; Urban Structures.

The archaeological site of Praça da Figueira was archaeologically excavated for the first time in 1960, and later in 1961 and 1962, revealing Early Modern Age and Roman contexts. In 1999, the construction of an underground car parking motivated new archaeological works, during which remains of a Medieval Islamic suburban quarter was revealed, so far unknown. Dating of late eleventh and twelfth century, one of the most complete houses was Unit P/Q-9/11, an average size domestic unit from the quarter.

Thus, the present Master's thesis intends, through the analysis of its constituent parts and material culture collected, to understand the morphology and chronology of the house contexts and architecture. At the same time, it is intended to understand how the building evolution occurred and is represented in the archaeological record of the house.

Índice

Introdução	1
Capítulo I: A arqueologia na Praça da Figueira.....	7
Escavações de 1960 a 1962.....	8
Escavações de 1999 a 2001	11
Capítulo II: Lisboa islâmica: breve caracterização da morfologia da cidade .	12
O caso de Lisboa: intervenções arqueológicas e compreensão da cidade islâmica.....	18
O “bairro islâmico” da Praça da Figueira.....	23
Capítulo III: A unidade habitacional P/Q - 9/11	28
O modelo de apresentação e a metodologia empregue durante a investigação.....	28
A casa islâmica 15: resultado geral das intervenções.....	31
As Fases construtivas e ocupacionais:	32
A 1º Fase: Preparação e Pré-urbanismo.....	32
A 2ª Fase: Ocupação e Uso.	39
A 3ª Fase: O Pós-Abandono.....	45
A estratigrafia da unidade habitacional.....	47
A cultura material associada a habitação 15: As Fases	60
Conclusão.....	95
Bibliografia	100
Anexos.....	1
Lista de Peças Vectorizadas e Analisadas: 1ª Fase.....	1
Lista de Peças Vectorizadas e Analisadas: 2ª Fase.....	60
Lista de Peças Vectorizadas e Analisadas: 3ª Fase.....	65

Vectorização de plantas/muros/fragmentos.....	67
---	----

Introdução

A presente dissertação vai debruçar-se sobre o sítio arqueológico da Praça da Figueira, em específico sobre a unidade habitacional do período de dominação islâmica localizada no sector P/Q-9/11. É preciso antes de mais, referir que este sítio arqueológico situa-se a leste do Rossio, em pleno coração do centro histórico antigo de Lisboa, no subsolo de uma das principais praças da cidade actual.

Entre 1999 e 2001, devido às obras realizadas para a construção de um parque de estacionamento subterrâneo na zona da Praça da Figueira, os vestígios arqueológicos islâmicos foram postos ao descoberto, a despeito de afectados pela obra. Entre os mais atingidos estava um “bairro” islâmico dos séculos XI-XII, o primeiro conjunto habitacional urbano da Época Islâmica a ser descoberto nesta zona de Lisboa.

A intervenção arqueológica que acompanhou durante dois anos a realização das obras fez o máximo esforço para levantar e registar todas as estruturas existentes no sítio, bem como por recolher e salvaguardar o máximo possível de informação. No entanto, é claro que o contexto de salvamento em que foi realizada, bem como a constante pressão e danos causados por terceiros, acabaria por deixar marcas no registo arqueológico, equivalente a lacunas de dados. Por fim, não é demais voltar a frisar a extrema importância deste local dentro da história lisboeta e, num âmbito mais alargado, em tudo o que respeita ao passado islâmico do ocidente peninsular.

O sítio foi intervencionado em dois momentos descontínuos. O primeiro, em 1960 por Irisalva Moita que teve lugar no âmbito da construção do metropolitano de Lisboa, equivalendo ao salvamento dos restos do Hospital Real de Todos-Os-Santos (MOITA, 1993). Mais tarde, em 1961-1962, Moita incidiu sobre as realidades de Época Romana já em contexto de obra, naquela que foi, no seu conjunto, a primeira intervenção nestes moldes realizada na cidade de Lisboa (SILVA; GOMES; GOMES, 2011, p.18). Apesar da importância dos achados romanos, não foi apurada a localização exacta dos artefactos e estruturas referenciadas, o que originou uma crítica à arqueóloga responsável e à metodologia por ela empregue, feita pelo sucessor no local, Fernando Bandeira Ferreira (1962, p. 9). Este investigador procederia ao salvamento do remanescente de uma necrópole datada dos séculos I-III d.C. (Idem).

Entre 1999 e 2001 a área foi novamente intervencionada arqueologicamente sob a direcção de Rodrigo Banha da Silva, coadjuvado por Marina Carvalhinhos. O que se

pretendeu alcançar para além do salvamento dos contextos romanos e da Época Moderna cuja existência era já bem conhecida, foi o aprofundamento das lacunas de informação respeitante aos horizontes de ocupação entre ambos os momentos, compreendendo o lapso entre a Antiguidade Tardia e os finais da Idade Média, hiato gerado pelo sincopado das intervenções da década de 1960.

Foi deste modo com surpresa que se detectou uma parcela vasta de um bairro islâmico suburbano de Lisboa. O conjunto e as suas unidades habitacionais seguiam um plano urbanístico de matriz muçulmana, ou seja, desenvolvia-se a partir de cinco artérias estreitas, pavimentadas, com as habitações dotadas de uma única entrada orientada ao meio-dia e uma organização interna do espaço ordenada em torno de um pátio.

A casa em estudo corresponde a uma unidade habitacional que se articulava com a artéria mais a sul detectada, junto ao limite da escavação definida pela parede meridional do estacionamento automóvel subterrâneo. Possui uma planta trapezoidal e um pátio central directamente conectado com a rua, a partir do qual se acedia a três compartimentos distintos: cozinha, salão e latrina. Apesar das circunstâncias e limitações de escavação, os dados da casa equivalem a uma das mais completas unidades reconhecidas durante a intervenção.

Em suma, no decorrer da dissertação será possível observar a análise do bairro islâmico em termos gerais, passando depois para uma análise mais detalhada da casa em estudo, suas estruturas e espacialidade interna, como também dos materiais encontrados nas unidades estratigráficas com ela articulada.

O interesse arqueológico pelo “Portugal Islâmico”

O real interesse ocidental pelas civilizações não europeias surgiu em meados do século XIX, e apareceu com o progredir dos idealismos românticos que aguçaram a curiosidade relativamente aos “exóticos” povos oriundos de distantes paragens. Dentro deste novo movimento, um dos objectos de estudo foi a civilização islâmica e como a sua cultura influenciou a Europa, em particular a Península Ibérica. Em Portugal, o escritor, historiador e jornalista Alexandre Herculano foi exemplo deste interesse ocidental, introduzindo nos seus romances “mouros” ou “sarracenos” como personagens cujas histórias se desenrolavam em diferentes cenários representativos da cultura islâmica como é o caso de Córdova (GOMES, 1987, p.19).

É certo que, nos finais do século XIX, os historiadores e/ou escritores portugueses tinham grande curiosidade e algum conhecimento sobre a cultura e período islâmico em terras lusas. Mas, a informação arqueológica era praticamente inexistente. Os poucos indícios encontrados, pois normalmente só se recolhiam e guardavam peças de cerâmica em bom estado de conservação, apenas estavam identificados em capítulos de estudo relacionados com arte decorativa. Nesta época, era comum os vestígios islâmicos surgirem apenas em contexto de construção ou reconstrução. Não eram escavações arqueológicas devidamente organizadas de acordo com as boas práticas de, por exemplo, catalogação (INÁCIO, 2015, <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA17/isabelinacio1703.html>, revista Medievalista, nº17, [Consultado 30.01.2018]).

Um dos arqueólogos que mais mencionou exemplos de peças islâmicas foi Estácio da Veiga (1828-1891) que na sua obra *Antiguidade Monumentaes do Algarve*, desenvolveu uma análise mais inclusiva das denominadas “louças árabes” encontradas em diversas escavações. O arqueólogo referiu grande quantidade de espólio cerâmico, nomeadamente de jarros preciosos ornamentados, loiça vidrada com capitulares árabes, encontrados em Cacela (*idem*, 2015, pp.423-423). O mais provável é estas iconografias referirem as palavras *baraka*, que significa bênção, ou *al-mulk*, que significa poder, visto que estas são geralmente as iconografias mais comuns nas peças islâmicas (GOMEZ; CLAIRE; CUNHA, 2002, p.11). Curiosamente, na mesma obra o autor refere Silves e enuncia a quantidade de cerâmica islâmica vidrada encontrada sob um conjunto de espólio material romano (*idem*, 2015, pp.351-352).

Leite Vasconcelos também se dedicou ao estudo arqueológico do período islâmico, muitas vezes como consequência da análise de outros contextos arqueológicos. Há o exemplo das menções aos candis de Torre d’Ares, de Faro, de Silves e de Cacela (*idem*, 2015, pp.119-123). Outro caso é o de Ourique, onde Vasconcelos identifica vários recipientes de grande porte que classifica como romanos, mas que uma das peças trata-se de um fragmento de talha estampilhada semelhante àqueles identificados por Estácio da Veiga, em Cacela, como de islâmicos (*idem*, 2015, pp. 239-240).

Os arqueólogos de finais do século XIX e da primeira metade do século XX fizeram um trabalho inigualável e foram os formadores da prática arqueológica em Portugal. Contudo, sempre colocaram em segundo plano o estudo da arqueologia

islâmica. Para além da ocasional referência, a primeira escavação arqueológica islâmica só se realizou em meados do século XX, realizou-se nomeadamente em 1958 no Castro da Nossa Senhora da Cola, no concelho de Ourique. O responsável pela escavação foi Abel Viana, tendo a campanha terminado em 1964, com a morte do arqueólogo. O sítio arqueológico revelou uma presença ocupacional desde o Neolítico até à Idade Média, tendo o auge da actividade humana ocorrido durante a Idade do Ferro. O investigador constatou a existência da planta de uma fortificação islâmica, bem como uma colecção de espólio cerâmico datado da época califal (GOMES, 1987, p.21).

Na década de 70, surgiu um maior interesse pela arqueologia islâmica em Portugal, sendo que a qual se demarcou foi a do Cerro da Vila em Vilamoura, no ano de 1971 liderada por José Luís de Matos. Foram revelados vários indícios que sugerem uma ocupação islâmica sequente à tardo-romana. Isto é comprovado pela recolha de peças islâmicas datadas como pertencentes aos séculos X e XI (GOMES, 1987, p.21). Foi o mesmo arqueólogo que mais tarde realizou a identificação dos materiais cerâmicos islâmicos do Museu de Beja, dos conjuntos de Loulé e de Silves, no Museu Nacional de Arqueologia, e do Castro da Cola, que já tinham sido indiciados por Abel Viana como pertencentes ao período islâmico (INÀCIO,2015,<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA17/isabelinacio1703.html>, revista *Medievalista*, nº17, [Consultado 30.01.2018]).

No final da década de 70 iniciou-se o projecto de escavações em Mértola, dirigido por Cláudio Torres. Este projecto tem tido continuidade até hoje e representou uma inovação para o conhecimento da cerâmica islâmica em Portugal. Inicialmente, as escavações focaram-se no criptopórtico-cisterna do bairro islâmico, acabando por alargar-se até incluir várias zonas do povoado. A generosa quantidade e qualidade do espólio islâmico exumado têm permitido um novo olhar sobre o tema, onde o destaque vai nomeadamente, para as peças com técnica decorativa de corda seca datadas dos séculos X a XIII, cuja importante catalogação aconteceu já no início do século XXI (GOMES, 1987, p.21). Os resultados desta investigação possibilitou a contextualização da obra *Cerâmica islâmica portuguesa* em 1987, que se tornou um trabalho de referência para o conhecimento da cerâmica islâmica em Portugal (*idem*).

Ainda no tema de estudos pioneiros de arqueologia islâmica, há que referir acções arqueológicas na zona de Silves, lideradas por Rosa Varela Gomes. Os trabalhos arqueológicos no posto-cisterna almóada, nos inícios dos anos 80, resultaram na

recuperação de uma grande quantidade espólio islâmico, cuja datação e contextualização geográfica se encontra compilada na obra *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*, publicada no primeiro número da revista *Xelb*, de Silves (GOMES,1987). Uma obra importante, pois é a primeira monografia editada em Portugal. Os trabalhos dos materiais de época islâmica em Silves têm prosseguido, uma vez que a arqueóloga produziu outros estudos diversificados sobre da cerâmica islâmica. Em 1991, publicou uma nova investigação com foco na cerâmica esmaltada, policromática e de reflexo metálico de Silves (INÁCIO,2015,<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA17/isabelinacio1703.html>, revista *Medievalista*, nº17, [Consultado 30.01.2018]).

No decorrer da década de 80, Helena Catarino dirigiu intensa actividade nas intervenções em sítios arqueológicos como os dos castelos de Alcoutim (1984), Salir (1984) e Paderne (1987). Delas resultou não só a obtenção de bons elementos cerâmicos, bem como um melhor entendimento das estruturas fortificadas e da composição dos povoados rurais islâmicos (*idem*).

Todos estes contributos forem essenciais para o desenvolvimento da investigação na área de estudo que é a arqueologia islâmica em Portugal. Não é de todo surpreendente que o desenvolvimento do assunto em questão tenha resultado num aumento exponencial do número de investigações, congressos e exposições relacionados com o tema. Um dos seus maiores meios de divulgação é a revista *Arqueologia Medieval*, editada pelo Campo Arqueológico de Mértola, publicada pela primeira vez em 1992 e mantendo a regular periodicidade até hoje. Ela reúne, por exemplo, um conjunto de informações, no formato de artigos, sobre os resultados das escavações de contexto islâmico, novos estudos de antigos levantamentos, espólio recuperado e suas características. Por tudo isto, esta revista é um importante e dinâmico repositório escrito de tudo o que se tem vindo a trabalhar sobre o tema da arqueologia islâmica em Portugal.

Também nos anos 1990 o estudo da cerâmica islâmica em Mértola foi impulsionado por acção da arqueóloga Susana Gómez Martínez, que na sua tese de doutoramento, desenvolveu diversas colaborações com vários arqueólogos e investigadores. O seu trabalho foi bastante intenso e minucioso e não se reduziu ao material encontrado em Mértola ou em Portugal. Para um melhor entendimento dos achados, a arqueóloga fez um estudo abrangente do tema produzindo grande qualidade e

quantidade de informação relativamente à cerâmica islâmica de Mértola e do Garb Al-Andaluz, bem como de todo o processo de investigação utilizado para a análise da mesma. Nunca é demais referir a extrema utilidade da referida tese, pois pode servir como um guia no estudo da arqueologia islâmica, em particular no que se refere à cerâmica (GÓMEZ, *La Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*, 2004).

Outro conjunto de importantes intervenções arqueológicas fora realizado por Isabel Cristina Fernandes no Castelo de Palmela no ano de 1992. Desta campanha resultaram alguns conjuntos de cerâmica cuja cronologia vai até ao século XII. Para além de Palmela, ao longo da costa da Arrábida foram encontrados mais materiais cerâmicos dando-se também destaque para aqueles recuperados durante a intervenção no Castelo de Alcácer do Sal que se enquadram no período almóada. Em 1996, as escavações no alto da Queimada, também em Palmela e também realizadas pela mesma arqueóloga, revelaram cerâmicas dos períodos Omíada e Califal, o que se pode considerar como factos de grande importância para o entendimento da vivência nas estruturas habitacionais campesinas (INÁCIO, 2015, <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA17/isabelinacio1703.html>, revista *Medievalista*, nº17, [Consultado 30.01.2018]).

Tal como aconteceu com as escavações arqueológicas (e talvez como consequência), nos finais dos anos 1990 e viragem para o século XXI, o número de publicações e exposições sobre arqueologia islâmica também aumentou. Neste período foi notório o maior interesse nacional pelo tema, o que resultou em várias e bem-sucedidas exposições. Temos o exemplo da exposição *O Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo* em 1998, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Mas os resultados das investigações também se fizeram sentir no estrangeiro, com a presença de peças de cerâmica islâmica portuguesa em exposições como *Les Andalousies de Damas à Cordoue* (Paris, 2000) ou *Lusa: a matriz portuguesa* (Brasília-São Paulo, 2008). Esta última foi visitada por mais de um milhão de pessoas (*idem*). Para além das exposições, também o número de congressos realizados intensificou-se, o que por si só levou ao aumento da quantidade de artigos produzidos sobre o tema. O destaque vai para o congresso “Encontros de Arqueologia do Algarve” organizado desde 2001 pela Câmara Municipal de Silves, onde se reúne e representa a arqueologia de contexto islâmico em Portugal. As actas produzidas e publicadas na revista *Xelb*, permitem ter a real noção da evolução científica da arqueologia islâmica em Portugal. Aliás, neste

congresso têm sido apresentados um vasto número de sínteses de teses de mestrado e doutoramento, nomeadamente as que foram realizadas por Rosa Varela Gomes (1998), Helena Catarino (1997) e Susana Gómez Martínez (1994) (*idem*).

É portanto, um facto o crescente interesse pela presença islâmica em Portugal, nomeadamente da cerâmica. Contudo, continuam a ser insuficientes os projectos de investigação que se dedicam a este tema. Aliás, é uma realidade a falta de financiamento público para a área de arqueologia em geral e a carência de incentivo por parte dos órgãos administrativos, nomeadamente os municípios. Mas isto não significa a inexistência de acções de investigação. Destacam-se o projecto *POILIX*, realizado entre 1997 e 2006 a respeito dos centros produtores de cerâmica no Núcleo Arqueológico da Fundação Millennium BCP e do Mandarin Chinês. Outro projecto foi o *Garb. Sítios islâmicos do Sul Peninsular* em 2001. Esta carência de projectos de investigação levou a que não existisse uma base de estudo sintetizada na área de arqueologia islâmica para ser utilizada pelos investigadores. Foi neste contexto que foi formado o Grupo de Estudo Cerâmica Islâmica do Garb Al-Andalus ou como é conhecido: Grupo CIGA. O grupo definiu aspectos como funcionalidade e tipologias das cerâmicas, categorias cronológicas, localização de centros produtores, entre outros que permitiram preencher este vazio de informação e criar uma síntese científica das cerâmicas islâmicas na Península Ibérica (*idem*).

A arqueologia na Praça da Figueira

O sítio arqueológico da Praça da Figueira localiza-se a oeste do Castelo de São Jorge e encontra-se no ponto de encontro do antigo Esteiro da Baixa e das duas ribeiras que nele desagüam, a Ribeira de Valverde, que corresponde à actual Avenida da Liberdade, e a Ribeira de Arroios, correspondente à Rua da Palma e parte da Avenida Almirante Reis, qualquer dos quais não visíveis actualmente (SILVA, 2013, pp.40).

Por ter sido um dos primeiros locais de escavação arqueológica em meio urbano em Lisboa, bem como pelas múltiplas cronologias das estruturas e materiais descobertos, o local assume uma importância acrescida no âmbito da arqueologia da capital portuguesa.

Os elementos cerâmicos recolhidos e uma estrutura claramente identificada na campanha de escavação de Bandeira Ferreira em 1962, indicam que houve uma ocupação do local desde pelo menos a Idade do Bronze Final (SILVA, 2013, pp. 45), e que se irá manter até à actualidade. O espaço urbano da Praça da Figueira contemporâneo equivale ao resultado da reconstrução da cidade seriamente danificada pelo terramoto de 1755 (SILVA; GOMES; GOMES, 2011, pp.18).

Escavações de 1960 a 1962

Foi entre 22 de Agosto e 24 de Setembro de 1960 que tiveram início os primeiros trabalhos arqueológicos na Praça da Figueira, realizados no seguimento da instalação do metropolitano de Lisboa. A escavação foi de carácter preventivo, tornando-se assim a primeira intervenção nestes moldes realizada em Lisboa (SILVA; GOMES; GOMES, 2011, pp.18). As acções foram levadas a cabo por Irisalva Moita e vieram a revelar várias estruturas importantes da Época Moderna, como por exemplo os restos arquitectónicos e o espólio proveniente do Hospital Real de Todos-os-Santos (cuja cronologia se refere aos séculos XV-XVIII). Esta descoberta veio a completar os dados obtidos em 1953 quando um ainda desconhecido funcionário da câmara municipal registou fotograficamente no subsolo de um estabelecimento comercial da Praça o lanço norte da escadaria que dava acesso à Igreja de Todos-Os-Santos, pertencente ao Hospital Real (SILVA, 2012, p.388). Para além das ruínas do Hospital identificaram-se também em 1960 os anexos do Convento de São Domingos e a Ermida da Nossa Senhora do Amparo (BOLILA, 2011, pp.30).

Já no ano de 1961 apareceram os primeiros indícios de ocupação romana no subsolo do local, com a identificação de elementos funerários romanos. Tratava-se de três sepulturas de inceneração romanas a que foi atribuída a designação de “Conjunto I”. Após este achado, foi registada a descoberta de outros sepultamentos ao longo desse ano: a 12 de Julho as nove sepulturas que passaram a ser designadas por “conjunto II”, a 2 de Dezembro o “conjunto III”, o “conjunto IV” no dia 5 do mesmo mês e finalmente o “conjunto V” a 16 de Dezembro. No total foram identificados catorze conjuntos (SILVA, 2012, p.389), sendo que a arqueóloga chega a referir que um deles compreendia vinte e cinco sepulturas distintas, bem como outras estruturas associadas.

No entanto, apesar das descobertas, não se procedeu ao registo da localização de todas as evidências, pois somente as três primeiras sepulturas descobertas inicialmente tiveram a sua localização devidamente registada. Este factor, bem como a metodologia geral de escavação praticada pela arqueóloga face ao carácter preventivo da escavação, resultou numa análise incorrecta do sítio, o que originou logo à época uma forte crítica por parte do responsável seguinte pelo salvamento (FERREIRA, 1962, *apud* BOLILA, 2011, p.31). Os achados arqueológicos funerários de Época Romana vieram a despertar o interesse para o prosseguimento dos trabalhos arqueológicos no local levando a que fosse aprovada uma nova campanha arqueológica sob a alçada da Junta Nacional da Educação (SILVA, 2012, p. 74).

Deste modo, em Fevereiro de 1962 as escavações preventivas prosseguem, mas desta vez com a coordenação de Fernando Bandeira Ferreira que continuou com a intervenção nos contextos romanos já intervencionados parcialmente antes por Irisalva Moita. Como a campanha anterior, a presente acção arqueológica realizou-se no âmbito da construção do metro de Lisboa e em contexto de obra, sendo que parte da cultura material e das estruturas dos níveis mais recentes haviam sido retiradas antes. Infelizmente, as novas descobertas arqueológicas de Bandeira Ferreira nunca foram ao contrário dos achados de Moita, alvo de publicação (BOLILA, 2011, p.32).

Ainda assim, esta segunda iniciativa e alguns dos seus achados e sua compreensão vieram a ser aprofundados com os dados recolhidos nas campanhas arqueológicas de 1999 a 2001. Um exemplo a este propósito é dado pela estrutura lítica ovalada localizada a 15 cm da base da fundação do muro da fachada de um dos edifícios da necrópole romana. A estrutura apresenta perto de 2 metros de diâmetro, sendo composta por lajes pouco espessas embutidas no solo sobre um “pavimento” em pedra e argila. Várias hipóteses foram sugeridas para a função desta estrutura, sendo uma delas o de ser parte a fundação de uma edificação com planta oval, como por exemplo de uma cabana. O espólio recolhido é muito escasso, tendo apenas sido destacada uma parede de cerâmica datada da Idade do Bronze Final (SILVA, 2013, p. 42). Bandeira Ferreira procedeu ao registo desta edificação denominando-a como “monumento pré-histórico”. Ao longo da escavação de 1962, Bandeira Ferreira regista mais duas outras estruturas negativas no sector «NW-5-2-30», cujo formato se assemelha à da edificação referida anteriormente. Apesar de não se ter realizado uma observação mais aprofundada dos registos fotográficos dado que os disponíveis não encerram a qualidade que o permita, a

existência das ditas estruturas, bem como a cronologia do espólio recolhido em ambos os casos, a sua semelhança e proximidade ao “monumento pré-histórico” original, contextualiza-as como pertencentes também à mesma Idade do Bronze Final (SILVA, 2013, p. 44).

Para além das estruturas proto-históricas, as campanhas arqueológicas de Bandeira Ferreira vieram demarcar os limites de um troço de via romana que era acompanhada lateralmente pelas edificações funerárias anteriormente identificadas por Irisalva Moita (SILVA, 2012, p. 75). O possível motivo pelo qual a arqueóloga não se apercebeu da presença desta via foi a função que o local desempenhava na obra, ou seja, era utilizado para a deposição da terra que provinha das acções de instalação do metro (BOLILA, 2011, p.32).

Uma vez que os resultados da intervenção de 1962 nunca chegaram a ser publicados, restou apenas o relatório de escavação como única fonte informativa (BOLILA, 2011, pp.31). De facto, apenas foi feito um pequeno resumo no contexto de uma comunicação realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa pelo responsável da escavação, um outro artigo da autoria de Fernando Castelo Branco, que apresenta uma planta de síntese, elaborada por Eduardo Prescott Vicente, onde estão representadas as estruturas romanas descobertas em 1962 e a sua integração na malha urbana contemporânea, conjuntamente com a identificação de duas epígrafes romanas funerárias descobertas no mesmo contexto (SILVA, 2012, p. 390).

Apesar da metodologia de escavação praticada por Irisalva Moita, com as lacunas informativas relativas a estratigrafia e registos dos dados não estruturais (BARGÃO, 2015, pp. 11), e apesar da carência de divulgação de dados por parte Bandeira Ferreira, ambas as intervenções foram pioneiras no âmbito da arqueologia em Lisboa. A descoberta das ruínas do Hospital, de outras estruturas da Época Moderna e de todo o espólio contextual desse período, conferem ao sítio arqueológico da Praça da Figueira a importância de ter sido o primeiro local em Lisboa onde se escavaram específica e deliberadamente contextos da Época Moderna, demonstrando a relevância para o conhecimento da escavação dos contextos deste período (SILVA; GOMES; GOMES, 2011, p.18). Para além das evidências modernas, os resultados das escavações nos contextos romanos realizados, primeiro por Irisalva Moita e depois por Bandeira Ferreira, resultaram na identificação de parte da necrópole NO de *Felicitas Iulia Olisipo* e na delimitação de um troço de via romana que seriam alvo de investigação em

ulteriores escavações. Em suma, as intervenções de entre 1960 e 1962 permitiram identificar diversos níveis arqueológicos com contextos inseridos em períodos cronológicos distintos deixando, no entanto, uma falha de informação relativa à Antiguidade Tardia e Idade Média num local que, de facto, encerra uma ocupação continua desde pelo menos do Bronze Final até à contemporaneidade (SILVA; GOMES; GOMES, 2011, p.18)

Escavações de 1999 a 2001

No ano de 1999 iniciou-se um novo conjunto de campanhas arqueológicas na Praça da Figueira que se prolongaria até meados de 2001. A presente iniciativa surgiu na sequência de um projecto municipal de reabilitação e revitalização da Praça de 1990, da autoria do Prof. Arq.º Daciano Costa, cujo plano implicava a construção de um estacionamento automóvel subterrâneo como resposta à falta de estacionamento público na cidade. Para além do estacionamento, o projecto pretendia a instalação de um espaço comercial que se uniria à rede do metropolitano e ao próprio parque (SILVA, 2005, p. 14). A responsabilidade pela coordenação científica e arqueológica do projecto ficou sob a alçada do Museu da Cidade, entidade que já tinha anteriormente orientado as acções pioneiras na Praça da Figueira na década de 1960 (BARGÃO, 2015, p. 13).

Apesar da aprovação do projecto pela tutela em 1990, o começo das obras dar-se-ia somente em 1999, com o assentimento extinto Instituto Português de Arqueologia, tendo-se fixado a necessidade de registo científico dos contextos do sítio como condição para a continuação do projecto urbano, descartando-se desde o início a sua preservação *in situ* (SILVA, 2005, p. 14).

Os trabalhos arqueológicos realizaram-se ao longo de três etapas. A primeira ocorreu entre Fevereiro e Junho de 1999 quando se efectuou a peritagem das sondagens geotécnicas do local. A segunda fase decorreu de Setembro a Dezembro do mesmo ano. Neste período acompanhou-se a instalação da estrutura primária e definitiva de contenção do sítio. Por fim, o último momento correspondeu à execução dos trabalhos arqueológicos de escavação, que terminaram em Março de 2001.

A escavação realizou-se tendo em conta os indícios arqueológicos da existência de três períodos cronológicos, dois deles já identificados em 1960/62: os vestígios funerários e da via de Época Romana, as ruínas do Hospital de Todos-os-Santos e por

último, a ocupação medieval islâmica e da Baixa Idade Média, descobertas no âmbito da derradeira campanha (SILVA, 2005, p. 15). O principal objectivo dos trabalhos arqueológicos era o de facultar os dados sobre as principais fases de ocupação do subsolo da Praça de uma forma simultânea, de modo a permitir uma apreciação científica e a avaliação patrimonial dos mesmos. Desta maneira, procurava-se aprofundar o estudo dos períodos cronológicos e de certa forma “preencher” os hiatos de informação cronológica resultantes das escavações anteriores de Irisalva Moita e Bandeira Ferreira (SILVA; GOMES; GOMES, 2011, p.18). Contudo, tal objectivo apenas foi possível relativamente ao Hospital de Todos-os-Santos, pois as questões de segurança relacionadas com o edificado confinante da Praça impossibilitaram uma investigação simultânea dos restantes grandes horizontes cronológicos do sítio, o que inclui os níveis islâmicos (SILVA, 2005, p. 16).

Quanto à metodologia da escavação, a opção adoptada foi uma fusão sendo que se privilegiou o método de “open-area” de Barker-Harris, lendo-se a estratigrafia em função dos distintos tipos de unidades deposicionais, construtivos e interfaciais, e procedendo-se à elaboração das associadas “matrizes de Harris”. Para além do princípio metodológico referido, estipulou-se também a utilização de uma malha quadriculada de 5x5 metros para a área intervencionada, definida pelos limites da obra (SILVA, 2012, p. 393).

Lisboa islâmica: breve caracterização da morfologia da cidade

Lisboa é testemunha valiosa do legado islâmico na Península Ibérica. A *Olisypona* da Antiguidade Tardia ficou sob jugo islâmico a partir de 714 e tornou-se *Luxbuna* e depois *Al-Ushbuna*.

As ocupações do período muçulmano aproveitaram as antigas fortificações romanas tardias mas provocaram alterações nas características e tecido do povoado progressivamente adaptado aos padrões urbanísticos do Al-Andaluz.

A muralha urbana da medina que viria a ser referida como “Cerca Moura”, tem a sua construção inserida no período tardo-romano e é depois readaptada, possivelmente no século X e sujeita a obras até à Reconquista. Em meados do século XII, a cintura que

protegia a cidade tinha 16 hectares, o suficiente para proteger as zonas da alcáçova e da medina (SILVA, Augusto Vieira da, *A Cerca Moura de Lisboa. Estudo histórico descritivo* apud Carlos Guardado da Silva, 2010, pp. 20). A grande maioria da antiga muralha activa em época muçulmana não está actualmente visível, excepto nalgumas zonas como, por exemplo, junto à Porta do Sol (MATOS, 1999, p.7).

A planta urbana de *Al-Ushbuna* vai ser organizada de modo a demonstrar uma separação hierárquica e funcional da população. Desde a colina, onde actualmente se encontra o Castelo de São Jorge até quase às margens do Rio Tejo, desenvolveu-se a medina, o modelo urbano islâmico. Orientada a sudoeste, tinha uma implantação territorial semelhante à “urbe dos fenícios e cartagineses” (TORRES, 1998, p. 62). A medina representava o coração de *Al-Ushbuna*, protegida por um pano de muralhas cuja construção nos remete para o início do século IV (MATOS, 2015, p.3). Tinha várias portas, destacando-se: a Porta do Ferro, localizada em frente da actual Sé de Lisboa; a Porta de Alfôfa, a Ocidente; a Porta do Mar, a Sul, que dava acesso ao rio Tejo; a Porta de Alfama, a Oriente; e a Porta do Sol, a Nordeste. No interior da Medina existiam muitas vias de comunicação, sendo a mais famosa a antiga “decumana”, uma herança da cidade tardo-romana, que ligava a Porta do Sol da Cerca Moura à Porta do Ferro, passando pela actual Sé de Lisboa (MATOS, 1999, p.11) e nela também estavam as principais estruturas religiosas e públicas, como por exemplo as mesquitas e os *hamman* (MATOS, 1999, p.7).

No ponto mais alto, acima da medina, na colina do castelo de São Jorge, situava-se a alcáçova, uma fortaleza com residências palacianas. A sua privilegiada localização permitia a visualização de toda a cidade e do Tejo, servindo como ponto defensivo máximo da cidade. Na alcáçova habitava o alcaide, uma posição equivalente ao governador da cidade. Existia ainda um conjunto de locais para administração e para fins militares (AMARO, 1998, p.62).

As mesquitas representavam o centro do poder religioso que em conjugação com a alcáçova enquanto manifestação do poder político e militar, eram os componentes unificadores das cidades. Na qualidade de estrutura indispensável para a civilização islâmica, as mesquitas possuíam uma dupla funcionalidade: nelas e praticava o culto e a socialização com o convívio da população. O núcleo arquitectónico das mesquitas formava-se a partir de dois elementos: o pátio, que seguindo a tradição islâmica era descoberto, e a sala de orações. Nesta última situava-se o *mirhab*, um nicho na parede

indicando a *qibla*, a direcção de Meca para onde os crentes deveriam orar. Cada mesquita tinha uma torre denominada de minarete, que correspondia ao ponto mais alto cujo acesso se localizava geralmente perto da entrada principal, tal como acontecia com a escola corânica, também ela associada aos edifícios religiosos mais importantes. Era também comum que em redor das mesquitas existisse o mercado ou *zuq* (PAULO; GOMES, 2006, p.118). Normalmente as mesquitas eram edificadas nos pontos mais altos das cidades. Exemplo disso, são os vestígios arqueológicos associados àquela que muito provavelmente equivaleria à mesquita aljama, encontrados em sucessivas campanhas realizadas desde 1990 no local onde posteriormente foi edificada a Sé de Lisboa (Matos, 1999, p.11).

No caso de Lisboa, dentro do espaço da medina poderiam ter existido dezenas de mesquitas menores. O vasto número de mesquitas numa área tão limitada estaria relacionado com dois motivos principais: primeiro, porque não havia a obrigação de uma complexa e pré-determinada arquitectura, tanto a nível decorativo/estético como de construção. Isto significava que para cumprir com as suas funções religiosas e sociais, bastava a evidência de possuir os espaços necessários nomeadamente o pátio, sala de orações e minarete, pois imponentes formas estéticas ou grandes dimensões das zonas primordiais não eram critérios obrigatórios. O segundo motivo está relacionado com a demografia, pois durante os séculos de dominação islâmica a população lisboeta, incluindo a medina e os arrabaldes, poderá ter atingido os 10.000 habitantes, pelo que seria insuficiente uma só mesquita para a totalidade dos residentes da cidade. Aliás, a proliferação de mesquitas nos centros urbanos do mundo islâmico continua a ser muito comum, o que tem dado origem a versões diminutas desta estrutura, existindo mesquitas que apenas possuem uma sala e um lavabo e cuja arquitectura se assemelha às restantes casas dos moradores do bairro (MATOS, 2015, p.8).

Os *hamman* são um outro tipo de estrutura característica da cultura urbana islâmica. Originários da tradição dos banhos públicos romanos eram vitais na sociedade, sendo comum existirem vários destes edifícios nos centros urbanos, como era o caso de Lisboa e Sevilha (PAULO; GOMES, 2006, p.125). É certo que existiam vários *hamman* espalhados pela cidade, mas as elites político-administrativas e militares da sociedade islâmica possuíam os seus *hamman* privados. Com isto, os palácios e residências das elites tinham associados complexos sistemas hidráulicos para proporcionar os banhos, como é o caso da Alcáçova de Silves (PAULO; GOMES, 2006, p.125).

Os *hamman* tinham diversos compartimentos e estruturas de apoio como por exemplo, vestiário, salas com diferentes temperaturas, fornalhas e canais de abastecimento de água. Todas as cidades tinham de possuir pelo menos um complexo de banhos. Estes localizavam-se geralmente junto às mesquitas ou perto das portas de entrada dos centros urbanos. Porém, o factor mais importante da sua localização era a proximidade a cursos de água. No caso de Lisboa, os banhos públicos localizavam-se junto às portas orientais da cidade, o que acontecia por dois motivos: porque assim permitia que toda a população tanto os que viviam dentro da Medina como fora, na zona dos arrabaldes, usufruísse da estrutura; o outro motivo era porque a sua localização na zona da baixa, junto ao rio, permitia abastecer o *hamman* com maior facilidade (PAULO; GOMES, 2006, p.126)

Fora da Medina localizavam-se os arrabaldes, núcleos populacionais fora da urbe central da cidade. Pelo menos desde o período tardo-romano que existiam esses núcleos que consistiam em extensas áreas urbanas e industriais fora dos panos de muralha que protegiam o núcleo urbano. Os arrabaldes de Lisboa estavam relacionados com a actividade comercial, piscatória e artesanal, o que levou ao desenvolvimento de “bairros” especializados num determinado grupo de funções e que eram reconhecidos por isso mesmo (MELO, 2009, p.194).

No caso de Lisboa, alguns destes bairros vão subsistir até depois da reconquista cristã da cidade, passando a ser locais de vivência de grupos étnicos e ideológicos com um conjunto de leis e regras específicos, como é o caso da Mouraria e da Judiaria. A partir do século XIV, os arrabaldes passaram a estar incluídos no espaço urbano de Lisboa protegido por um novo pano de muralhas, conhecido como Cerca Fernandina.

Uma outra característica destes bairros é a sua organização espacial. Eles adoptam uma estratégia de organização urbana muito usada no Islão e que se traduz pela existência de ruas e ruelas estreitas, muitas vezes sem saída, que desembocam em pátios, podendo ser públicos ou privados ou em edifícios com função religiosa ou política. Apesar de esta organização aparentemente ocorrer em Lisboa, nada garante que resulte do passado islâmico, pois não se trata de uma prática exclusivamente muçulmana (MATOS, 2015, p.14). Todavia, o que torna o caso de Lisboa tão especial é alguns destes bairros terem mantido esta configuração até à actualidade.

Na Lisboa islâmica existiam inúmeros bairros nos arrabaldes. Os mais destacados eram os de Alfama, Mouraria e a Judiaria.

Localizada no lado oriental e junto ao porto, Alfama era o maior dos bairros e considerado o centro da cidade islâmica de Lisboa. Graças à sua proximidade do porto islâmico, Alfama desde cedo apresentou uma intensa actividade mercantil e comercial (MATOS, 1999, 14). A existência de fontes naturais de água quente também levou à construção de uma importante estrutura de banhos (FONTES, 2016, p.108). Bairro bastante importante para o período islâmico e mais tarde com a Reconquista, foi alvo de cobiça e atracção por parte dos cristãos. Apesar da população islâmica ter permanecido na zona, os cristãos também impuseram a nova soberania com a construção de igrejas a partir do século XII, sendo as da invocação de São Pedro e de S. Miguel testemunhos importantes dessa coabitação não isenta de conflito entre as duas religiões. É certo que a religião cristã foi ganhando terreno, mas Alfama manteve sempre a sua composição urbana como testemunho do antigo domínio islâmico (MATOS, 2015, p.9).

O segundo grande bairro dos arrabaldes de *Al-Ushbuna* é a Mouraria. Esta desenvolvia-se sobre o vale da ribeira de Arroios, na zona do actual Martim Moniz no lado ocidental da cidade. Alfama e Mouraria possuíam uma organização urbana semelhante. Porém, ao contrário de Alfama, o bairro da Mouraria era considerado mais pobre sendo considerado pelos cristãos “...como bairro pobre de agricultores, de oleiros, de comerciantes...” (MATOS, 1999, p.20). Este facto fez com que a Mouraria não fosse tão atractiva, tornando-a um reduto islâmico e funcionando autonomamente após a conquista da cidade pelos Cristãos, autonomia mantida até ao século XVI (MATOS, 1999, p.15). Assim, a Mouraria conseguiu preservar muitas das características urbanas herdadas da civilização islâmica.

As Judiarias da Lisboa islâmica localizavam-se perto do porto da cidade. Este porto de origem romana, com continuação islâmica e depois cristã, situava-se na foz do esteiro onde desaguam duas ribeiras formando assim os povoados suburbanos da margem ocidental de *Al-Ushbuna*. A norte das judiarias comprovou-se a existência em Época Islâmica de um segundo porto fluvial. Graças a estas condições geográficas, os habitantes da judiaria podiam dedicar-se a uma actividade mercantil e comercial semelhante à praticada em Alfama (MATOS, 1999, p.8). Após a conquista Cristã de Lisboa (tal como aconteceu nos outros bairros) as judiarias passaram por algumas mudanças. Tal como a Mouraria, as Judiarias mantiveram a sua autonomia até ao século

XVI. Depois, a malha urbana islâmica foi-se alterando até que, no século XVIII as suas características praticamente desapareceram (MATOS, 2015, p.11). Sabe-se no entanto, que os judeus foram mantendo o seu domínio no sistema portuário, financeiro e mercantil da cidade de Lisboa chegando nos séculos XIV e XV a ser topograficamente localizadas em Lisboa pelo menos quatro judiarias, embora não tenham sido contemporâneas umas das outras (TAVARES, 1979, p.22).

A maior ou menor importância dos arrabaldes estava directamente relacionada com o seu dinamismo económico. Os bairros mais próximos dos portos eram os mais abastados e as indústrias a eles associados, ou seja, as mais desenvolvidas. É certo que a região de Lisboa sempre teve excelentes qualidades para a agricultura, nomeadamente à produção de vinho e azeite, mas foi a sua proximidade ao rio Tejo e ao mar que proporcionou o seu crescimento. Foram as condições geográficas de Lisboa que tornaram óbvio o seu desenvolvimento como porto mercantil marítimo e fluvial (MELO, 2009, p.71). Este desenvolvimento comercial iniciou-se em período romano, com a construção das primeiras fortificações no porto e das primeiras indústrias acentuou-se a partir do século XII e até meados do século XIV altura em que o porto de Lisboa se afirmou como “mercado internacional”. Este desenvolvimento mercantil foi acompanhado por crescimento populacional e aumento da malha urbana da cidade, provocando alterações urbanísticas. Aliás, neste período, estas alterações urbanísticas acontecem não só em Lisboa, mas também em muitas outras cidades europeias (SILVA, 2010, p.19). Em Lisboa, o crescimento populacional significou um aumento progressivo da área dos arrabaldes justificando assim a construção de dispositivos defensivos adicionais como é o caso da Muralha Dionisina em 1295 e a Cerca Fernandina em 1375. (SILVA, 2010, p.20).

Mas o comércio marítimo não era a única actividade em Lisboa. Ele era o “motor” da economia mas pela cidade existiam muitos outros negócios essenciais às necessidades da população. Pela cidade trabalhavam um grande número de artesãos na sua grande maioria oleiros, ferreiros e ourives. Os resultados da campanha arqueológica da Rua dos Correeiros, na Baixa Pombalina, comprovaram tudo isto. Entre outras estruturas, revelaram vestígios de um forno islâmico (AMARO, 1999, p.468) e indícios de diversas olarias e ferrarias islâmicas (MATOS, 1999, p.12). Nas escavações realizadas no Mandarin Chinês entre 1991 e 1996 também foram identificados diversos

fornos e fornos de barras cerâmicos, bem como uma área específica para a elaboração de olaria (BUGALHÃO; SOUSA; GOMES, 2004, p. 577).

O caso de Lisboa: intervenções arqueológicas e compreensão da cidade islâmica.

Lisboa é um centro urbano cujos primeiros indícios de presença humana no seu território actual podem ser enquadrados no Paleolítico, embora os principais vestígios de assentamento tão remoto se refiram já ao Neolítico. A ocupação de Lisboa foi progressiva tendo a cidade sido habitada por distintos modelos culturais e sociais. As características e especificidades foram sendo transmitidas para a malha urbana da cidade, tornando-a num local repleto de variados contextos arqueológicos. Em geral, estes testemunhos não estão visíveis na actual malha urbana e foi devido aos dados recolhidos pelos arqueólogos no âmbito de campanhas em meio urbano que vamos compreendendo como Lisboa se tem desenvolvido ao longo dos tempos. Como já foi referido, o interesse pela história medieval islâmica em Portugal apenas se manifestou nos anos 1970, tendo as primeiras escavações sido realizadas no final dessa década e inícios da de 1980. Com o aumento geral de escavações e estudos durante a década de 1990, Lisboa foi palco de várias campanhas arqueológicas que vieram a pôr a descoberto uma até então desconhecida herança urbanística medieval muçulmana.

Destacam-se em primeiro lugar os trabalhos arqueológicos realizados por Jacinta Bugalhão, no NARC-Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, entre 1991 a 1995. Esta intervenção enquadrou-se depois no âmbito do projecto de investigação POILIX, cujo objectivo era identificar e divulgar sistematicamente os centros de olaria nos arrabaldes islâmicos de Lisboa (BUGALHÃO, 2004, p.575). O sítio arqueológico apresentou vários contextos cuja cronologia vai desde a Idade do Ferro até à reconstrução pombalina da cidade. Das estruturas que se revelaram em melhor estado de conservação do período romano, destaca-se todo um conjunto de tanques para a conserva de peixe (mais de 3 dezenas), bem como vários espaços de apoio e para armazenamento dos produtos piscícolas. Foi ainda identificado um sector de banho com quatro piscinas ligadas à zona de produção (AMARO, 1999, p.468) e um potencial arruamento pavimentado possivelmente em tijoleira, almagre ou terra batida que ligava o local à zona da actual Rua Augusta (MELO, 2009, p.185).

Vários são os vestígios encontrados no NARC que contribuem para a compreensão de *Al-Ushbuna*, essencialmente através do estudo das cerâmicas islâmicas. Neste sítio, foi identificada uma fossa com materiais cerâmicos do século XIII, juntamente com um forno islâmico, o que faz supor que o local fosse uma das olarias que fornecia a população de Lisboa (AMARO, 1999, p.468). Para além das estruturas de produção, reconheceu-se um contexto habitacional islâmico que engloba as fundações e paredes de casas, os níveis de derrube de telhado e as estruturas de despejo. Também foi identificado um depósito de figo e uva, talvez o mais importante (senão único) indício de alimentação vegetal em período islâmico alguma vez achado em Lisboa, bem como o reaproveitamento de antigos tanques de salga de peixe romano (BUGALHÃO, 2009, p.388).

O sítio arqueológico do Mandarin Chinês foi um outro exemplo de uma investigação que contribuiu para o entendimento da produção e distribuição da cerâmica islâmica em Lisboa, apresentando várias semelhanças com as intervenções na Rua dos Correeiros. As escavações realizaram-se entre 1993 e 1996, tendo como responsáveis Jacinta Burgalhão e Clementino Amaro, tendo sido depois integrada a investigação no projecto POILIX (BUGALHÃO, 2004, p.575).

Os estudos desta zona de intervenção revelam que houve uma ocupação constante desde o período romano até à reconstrução pombalina revelando indícios de espaços industriais ou fabris juntamente com zonas domésticas. Em contexto romano, concluiu-se que teria uma ocupação semelhante à da Rua dos Correeiros com uma área industrial que consistia em vários tanques para salga e conserva de peixe. Do período islâmico, procedeu-se à identificação de 4 fornos para a produção de cerâmica comum e vidrada. Os fornos possuem tamanhos e formas variadas, tendo o maior 162 cm de comprimento e 160 de largura. Também se concluiu que os quatro fornos não funcionavam em simultâneo. Prova disso é àquele que foi classificado como forno 3 por ter sido construído “dentro” do forno 2, sugerindo o abandono de produção da construção inicial (BUGALHÃO, 2004, p.582). Outro aspecto de destaque é a existência de 3 fornos de barras de pequenas dimensões integrados dentro do compartimento do forno 1 (BUGALHÃO, 2004, p.580).

Na área envolvente aos fornos, foram recuperadas várias peças directamente relacionadas com a produção de cerâmica, em particular trempes e barras. No lado oposto aos fornos à nascente, delimitou-se uma zona pavimentada por pequenas lajes

calcárias onde se evidenciou um grande número de indícios cerâmicos. Devido à sua localização e ao material recuperado, considera-se que esta zona era a área de laboração da olaria (BUGALHÃO, 2004, p. 583). Apesar da grande quantidade e variedade de espólio cerâmico (comum, pintado, vidrado e escórias de vidro), o facto é que este encontrava-se bastante fragmentado (BUGALHÃO, 2004, p. 586).

A Casa dos Bicos foi construída em 1523 por Brás de Albuquerque. Localizada junto ao antigo leito do rio Tejo, mais exactamente na Rua dos Bacalhoeiros, foi considerado monumento nacional em 1910 (MACHADO, 2016, p.23). Inicialmente era composta por uma loja, sobreloja e ainda dois andares nobres. Porém, com o terramoto de Lisboa de 1755 a composição original da casa desapareceu. Os primeiros e únicos trabalhos arqueológicos na zona realizaram-se entre 1981 e 1982 por Clementino Amaro (BUGALHÃO, 2009, p.387). Do contexto romano foi possível comprovar a existência de 5 tanques para salga de peixe semelhantes aos achados na Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês. As estruturas estavam protegidas por um telheiro, enquadradas num pátio onde se realizava o tratamento e a selecção do peixe. Os espaços livres anexados a este pátio possivelmente serviriam como zona de armazenamento ou de alojamento para os trabalhadores (AMARO, 2002, p.16). A actividade laboral provavelmente terá funcionado até ao século III, quando o acesso da fábrica ao rio é impedido pela imposição de uma muralha na via romana principal anteriormente utilizada para abastecimento e transporte dos produtos da fábrica (AMARO, 2002, p.17). Parte da muralha foi descoberta durante as escavações, tendo-se identificado um muro com comprimento de 9 metros e uma altura de 0.80 metros (AMARO, 2002, p.20). No local identificaram-se cerâmicas do período medieval muçulmano, não sendo clara a espacialidade das estruturas e a respectiva funcionalidade nesta época.

As escavações realizadas na Alcáçova do Castelo, no Castelo de São Jorge na denominada Praça Nova, realizaram-se de 1996 a 2002 e de 2007 a 2009 sob a direcção de Alexandra Gaspar e Ana Gomes. Nestas campanhas foi identificado um conjunto de estruturas habitacionais islâmicas integrando parte de um bairro da alcáçova, bem como uma rua de acesso com orientação Norte/Sul (MELO, 2009, p.184). Em escavações mais recentes, revelou-se uma casa de dimensões frontais consideráveis e um pátio. Os dados recolhidos desta estrutura sugerem que tenha havido uma ocupação até ao séc. XIII-XIV quando as estruturas foram anuladas pela instalação do Paço dos Bispos.

Os trabalhos arqueológicos realizados na Encosta de Sant'Ana enquadram-se no contexto de escavações em meio urbano que cronologicamente se referem a diferentes momentos de ocupação de Lisboa. Localizada a Oeste do Castelo de São Jorge, estas campanhas iniciaram-se em 2002 e duraram até 2006, tendo tido como responsáveis Manuela Leitão, João Muralha, Cláudia Costa e Vasco Leitão (BUGALHÃO, 2009, p. 386). A intervenção junto à Rua do Arco da Graça que corresponde aos sectores C e E do sítio arqueológico revelaram um conjunto de três fossas na qual foram obtidos diferentes materiais que justificam uma ocupação mais antiga da zona. Na fossa 3, o material cerâmico recuperado é na sua maioria equivalente a vasos com elementos de decoração plástica, nomeadamente cordões e mamilos que podem ser enquadrados no Neolítico Antigo, apresentando-se assim como o espólio mais antigo do sítio arqueológico (ANGELUCCI, 2004, pp.35). Destacou-se ainda um conjunto cerâmico com decoração incisa e uma colher completa em cobre recuperado da fossa 2, ambos característicos do Calcolítico (ANGELUCCI, 2004, p.35).

No nível islâmico da Encosta de Sant'Ana poucos foram os resultados inclusivamente no que respeita a material cerâmico. Inicialmente, algum desse material proveio de pequenas lixeiras que se encontravam ao longo de todo espaço, localizando-se nalgumas situações sobre estruturas de períodos anteriores. É exemplo disso uma lixeira que se encontrava sobreposta a uma área de há muito desactivada da necrópole romana (CALADO; LEITÃO, 2005, p.461). Destes achados, nas pequenas lixeiras salientou-se a loiça de uso doméstico, com destaque para as panelas em perfil S e recipientes para servir à mesa, como por exemplo jarritas. Para além do espólio cerâmico, foram descobertos vários fragmentos de estuque almagrado, que era comum ser usado nas construções com natureza mais permanente (CALADO; LEITÃO, 2005, pp.464). Para além das lixeiras, outras estruturas foram identificadas. É o caso de 10 silos islâmicos e uma lareira escavada parcialmente e revestida na base com fragmentos de telha. Os silos foram descobertos em momentos diferentes das escavações, tendo a maioria do espólio cerâmico sido recolhido nos dois primeiros (CALADO; LEITÃO, 2005, p.462). O espólio é na sua maioria dos inícios do período almorávida, consistindo em jarritas com pintura a branco, candis e panelas com bordos rectangulares, triangulares e semi-triangulares. Do silo 4 destaca-se ainda um candil com asa colada no interior do colo, uma panela com acabamento brunido e um jarro com pintura a branco com motivos circulares, todos do período califal (CALADO; LEITÃO, 2005, p.463).

Todos estes indícios sugerem que a zona correspondente ao sítio arqueológico foi habitada ao longo do período islâmico entre a época califal e o período almorávida. Contudo, a diminuta quantidade de material encontrada e a falta de elementos estruturais também revela que o processo habitacional não foi intensivo (CALADO; LEITÃO, 2005, p.467).

As escavações arqueológicas no claustro da Sé de Lisboa são um outro exemplo das numerosas campanhas arqueológicas em meio urbano realizadas na década de 1990. As primeiras escavações foram iniciadas em 1990, com Clementino Amaro, e depois continuadas por Alexandra Gaspar. O claustro da Sé de Lisboa viria a ser alvo de constantes intervenções arqueológicas até 2016, altura em que se inicia o projecto de recuperação arquitectónica da Sé de Lisboa. As intervenções no claustro adquiriram enorme destaque no âmbito da arqueologia urbana porque ao longo das mesmas vão-se revelando importantes materiais e estruturas de tempos históricos distintos. Estes trabalhos revelaram indícios que vão desde a Idade do Ferro até à reconstrução da Sé depois do terramoto de 1755. No contexto mais antigo destaca-se a recolha de 238 fragmentos de “cerâmica cinzenta”, na qual se enquadram várias tipologias de taças e pratos, cozidas em ambiente redutor. A análise cronológica deste material indicia a forte possibilidade de ter existido ocupação pelo menos desde o século VI a.C., até aos finais do V a.C. e inícios do IV a.C., séculos em a cerâmica cinzenta era produzida e utilizada (ARRUDA, 2000, pp. 43). Do período romano salientou-se a descoberta de uma *taberna*, uma cozinha com vestígios de canalização, e um *cardo*, ou seja uma via pedonal romana com orientação Norte-Sul, que ligava o Teatro romano à Casa dos Bicos (MATOS, 1999, p.9).

No que se refere a descobertas relativas ao período islâmico, as campanhas na zona do Claustro da Sé de Lisboa revelaram uma grande estrutura. Presumida como pertencente à antiga mesquita aljama de *Al-Ushbuna*, que precedeu no local a Sé medieval (MATOS, 2015, p.9), entre os vestígios surgiu uma parede orientada para ocidente/oriente com sinais de decorações pintadas a vermelho e branco na forma de faixas horizontais, datada do século XII. Esta parede localizava-se numa sala rectangular de grandes dimensões com acesso a um cubículo abobado onde, interpretado como sala de banhos ou lava-pés islâmico. Este estilo de modelo arquitectónico é comum tanto em mesquitas islâmicas antigas como em modernas (MATOS, 2015, p.9). O cubículo foi construído sobre uma cloaca romana. Dentro da mesma foi descoberto

um tesouro de 52 moedas islâmicas, algumas cunhadas em Beja, juntamente com uma numerosa quantidade de material cerâmico (MATOS, 2015, p.8). Para além dos vestígios interpretados como pertencentes ou relacionados com uma mesquita por José Luís de Matos, há indícios que o autor interpreta como equivalentes a uma possível basílica moçárabe na área da Sé de Lisboa. Segundo o mesmo autor, isto pode querer dizer que ambas as igrejas partilhavam o mesmo espaço e dessa maneira realizavam as suas funções religiosas, ou que a igreja moçárabe existiu antes da mesquita ter sido edificada, tendo sido posteriormente abandonada ou destruída durante os actos fundamentalistas levados a cabo pelos almorávidas, durante o século XII (MATOS, 2015, p.10).

O “bairro islâmico” da Praça da Figueira

O achado mais antigo relevado na Praça da Figueira referente à ocupação islâmica do local equivale a uma estrutura de consideráveis dimensões localizada no sector mais ocidental da intervenção arqueológica: trata-se de uma via rectilínea que se desenvolve ao longo de 18 metros reconhecidos, medindo cerca de 4 metros de largura do tabuleiro, datável da segunda metade do século XI. A via é composta por um piso empedrado contendo blocos calcários e basálticos de dimensões médias e limitado por elementos pétreos de maiores dimensões nas suas laterais. Ao longo da via existiam espaços não edificadas com cerca de 2,20 metros de largura com a função de proteger as propriedades envolventes (SILVA, 2009, p. 4).

A complexidade da estrutura, juntamente com a sua qualidade construtiva, leva a supor que a ordenação da sua construção pressupôs um decisor em posição económica e política forte devido ao investimento empregue na mesma (SILVA, 2009, p. 5).

O espólio material cerâmico recuperado revelou-se variado apesar de fragmentado. No entanto, cumprem a sua função como elementos cronologicamente datadores da estrutura, remetendo para a segunda metade do século XI. Dos materiais identificados em associação com a estrutura destacam-se alguns fragmentos de cerâmica comum que apresenta elementos decorativos de pintura a branco, um candil fragmentado bem como recipientes com decoração do tipo corda-seca total e parcial (*idem*).

Foram ainda identificadas duas fossas ovaladas de grandes dimensões localizadas a oriente da estrada em que uma delas foi usada para depositar restos de um equídeo. Para além das ditas fossas, outras estruturas negativas foram reveladas mais para o interior da Praça. Pressupõe-se que tais estruturas correspondiam a fossas detriticas ou cavas e que teriam sido assim provocadas por trabalhos agrícolas. Do espólio recolhido faziam parte vasos importados do Sul da Península com decoração pintada a vermelho, bem como recipientes de produção local e regional com pintura a branco, cerâmica vidrada e decorada com as técnicas de corda-seca total e parcial. O espólio é passível de ser enquadrado, portanto, entre os finais do século XI e a primeira metade do século XII (SILVA, 2009, pp.5-6).

O conjunto das estruturas edificadas de Época Islâmica, que no seu todo foi denominado de “Bairro Ocidental Islâmico da Praça da Figueira” viria a surgir no âmbito das intervenções preventivas realizadas entre 1999 e 2001. Ao situar-se no quadrante sudoeste da área escavada para a instalação do estacionamento automóvel subterrâneo, os edifícios estendiam-se para sul em direcção à Baixa e para oriente em direcção ao Poço do Borratém e encosta da Mouraria (SILVA, 2009, p.7).

A zona escavada com contextos islâmicos situava-se a este da Praça da Figueira e estava demarcada a nascente e a sul pelos limites da escavação. A intervenção arqueológica desenvolveu-se num perímetro aproximado de 1400 m² de ocupação densa medindo cerca de 43 metros no sentido norte-sul e 46 metros na direcção oeste -este. Para precisar com maior facilidade a identificação, registo das estruturas e estratigrafia e referenciar espacialmente o espólio associado, foi feita a referência à (s) quadrícula (s) de recolha, sendo também de apontar que todas as estruturas islâmicas foram descobertas a cerca de 5 metros de profundidade do piso actual (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 19).

Apesar do aceitável estado de preservação das estruturas edificadas, não se conseguiu reconhecer nenhuma unidade habitacional que tivesse mantido todos os elementos da planta original. Dos muros que compunham as habitações restaram apenas as suas fundações com 0.60 metros de largura e com baixa estatura devido à sua composição de pedra vã juntamente com argila.

Duas possibilidades formaram-se quanto ao estado das edificações. A primeira, a de que houve um reaproveitamento do material construtivo após o abandono do “bairro”, supostamente ocorrido entre a segunda metade do século XII e a primeira

metade do século XIII. A segunda, relacionada com o soterramento das estruturas e consequente lexiviação interna dos materiais constituintes, podendo um e outro factores ter actuado em simultâneo.

Mesmo assim, conseguiu-se identificar cinco artérias de circulação urbana e uma dimensão aproximada de 1100 m² a que corresponde uma planta completa de quatro quarteirões e reconhecer a existência de outros três, incompletos (SILVA, 2009, p.7). Tudo isto possibilitou a identificação de diversas unidades habitacionais juntamente com alguns pavimentos empedrados, áreas de combustão, poços negros, restos de taipa e um poço que se atribuiu já aos séculos XIII-XIV (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 19).

O bairro apresenta uma cronologia que coloca a sua edificação no final do século XI, pelo mais, e que progride até ao seu abandono de forma gradual a partir da segunda metade do século XII. As estruturas habitacionais seguem um plano urbanístico islâmico e tinham um único acesso que conectava a habitação aos eixos de circulação. As unidades habitacionais islâmicas da Praça da Figueira mediam entre 40 m² e 64 m² de área, sendo a média 48 m². Eram habitualmente compostas por um pátio, geralmente descoberto que possibilitava o acesso às outras possíveis zonas da casa nomeadamente, a cozinha, latrina, salão, saguão e armazém (SILVA, 2009, p.7).

O “bairro islâmico” desenvolve-se ao longo de cinco alinhamentos de habitações unifamiliares medindo cerca de 8 metros de largura de frontaria. A circulação pelo bairro realizava-se através de vias pavimentadas denominadas de vias A-G. Deste conjunto, as ruas A a D são paralelas e apresentam uma largura média de 1,8 a 2 metros. Orientadas de nordeste a sudeste estas vias serviam como acesso directo às habitações. Destaca-se o caso da via A, cujo arruamento estava bloqueado a nordeste pela casa 1 e onde se verificou a presença de um poço negro num dos cantos da via o que sugere que a edificação era pré-existente à via. Os restantes arruamentos denominados de E a F são perpendiculares aos anteriores, promovendo desta maneira a ligação entre as vias principais de acesso juntamente com a separação definição de quarteirões habitacionais. Distingue-se a via F pelos seus 3 metros de largura e pelo registo quase completo da sua pavimentação em pedras de pequenas dimensões (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p.22).

No total, foram identificadas 20 estruturas habitacionais. Porém, de duas delas foi identificada apenas uma fracção devido aos limites impostos pelas obras a sudeste (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 19). Isto sugere que apesar da informação obtida, os dados propõem um novo alinhamento habitacional e uma prolongação para sudeste do “bairro”.

Na zona mais nordeste da escavação localiza-se o primeiro alinhamento composto pelas habitações 1 e 2. Destas casas pouco se pode referir para além do aparente formato rectangular no caso da casa 1 e quadrangular na casa 2, bem como o facto de ambas partilharem o alçado este. No entanto, a casa 2 apresenta indícios de uma superfície pavimentada que se estende desde a via A até ao interior da casa juntamente com uma estrutura circular, possivelmente uma fossa séptica. Houve dois momentos distintos de edificação das casas que até ao momento não se pode definir com exactidão se uma delas é anterior à outra ou se são ambas contemporâneas (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 19).

Do outro lado da via A e com abertura para a via B, situa-se o segundo alinhamento habitacional composto pelas casas 3 a 7. As casas 3 e 4 apresentam uma composição semelhante, estando a casa 4 encostada à 3. Ambas possuíam um formato quadrangular com 64 m^2 de área, sendo das maiores habitações descobertas. A diferença entre as duas estruturas revela-se na compartimentação, que na casa 3 é possível identificar os muros que delimitam o pátio central, o salão e ainda um outro compartimento lateral. Para além disso, a casa 3 possui uma bancada de pedra que estaria anexada ao interior da fachada principal que pode remeter para uma talha contendo água. Apesar da semelhança de dimensões, na casa 4 não se acharam vestígios de compartimentação (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 20).

A casa 5 possui um formato rectangular e dimensões mais pequenas com 7 metros de largura e 42 m^2 de área. Quanto aos vestígios, encontram-se numa posição semelhante à casa 4 excluindo a descoberta de um poço negro no lado exterior do alçado norte possivelmente para despejo. A casa 6 apresenta proporções e formato semelhante à casa 5 exibindo vestígios que indicam claramente a função espacial da habitação. O acesso a casa realizava-se por meio de um saguão que dá acesso a um pátio lateral pavimentado que por sua vez tem comunicação a dois compartimentos. Um deles mais a norte que possivelmente era o salão. No outro compartimento a oeste foi localizado uma estrutura de combustão, possivelmente um forno de argila. Foi também

recuperado um conjunto abundante de material cerâmico de mesa e de combustão o que possibilita pensar que esta área correspondia à cozinha (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 24). A casa 6 partilha o alçado este com a casa 7 sendo um dos poucos indícios estruturais registados neste espaço (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 21).

As casas 8 a 12 compõem o terceiro alinhamento habitacional demarcado pela via C a sul e F a este. Da casa 8 apenas se regista a fachada principal juntamente com o vão de entrada. A casa 9 apresenta um comprimento de 6 metros, uma largura de 8 e uma área de 48 m², tendo sido identificado o saguão. A casa 10 com formato rectangular era mais pequena que a anterior com 5 metros de comprimento e 40 m² de área, porém encontra-se melhor conservada com indícios das paredes norte onde se define o salão. A casa 11 junta-se às casas 3 e 4 como as habitações de maiores dimensões de todo o “bairro islâmico” com 64 m² de área definida, com 8 m metros de largura o que se encontra dentro da média das estruturas habitacionais do local, e 8 metros de comprimento. A casa 11 é a primeira edificação com uma planta trapezoidal juntamente com as casas 12,15,16 e 17. A habitação ostenta três fachadas, uma dela orientada para a via F e conversa um pátio lateral, um saguão e um salão. Para terminar o terceiro alinhamento, a casa 12 localiza-se do lado oposto da via F pertencendo a um quarteirão distinto. Apesar de não se ter identificado o limite a nascente da estrutura, esta apresenta uma largura de 9 metros, representando-se assim como a mais larga habitação do bairro. Como é o caso da edificação 11, são identificadas 3 fachadas e a casa 12 possui um átrio, um pátio central, um salão e um compartimento lateral (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, pp. 21).

O quarto grupo de estruturas habitacionais é demarcado pela margem sul da intervenção arqueológica o que vai resultar na limitação da investigação. A unidade habitacional 13 está caracterizada pelas suas pequenas dimensões com 5 metros de comprimento, comparando-se apenas às casas 10 e 15 com uma largura e área indefinida. O registo de parte fragmentada das paredes laterais permite identificar um salão e um pátio lateral. Adossada à 13, a casa 14 é destacada pela sua planta rectangular com 9 metros de comprimento constituído assim a maior habitação do local. A casa possui ainda um pátio central que dá acesso a quatro compartimentos, situando-se o salão a norte. No compartimento a sudeste revelou-se uma estrutura de combustão o que leva a crer que se trata de uma das apenas três cozinhas identificadas em todo o “bairro islâmico”. A casa 15 apresenta pequenas dimensões, apresentando estrutura

semelhante à casa 14. Os vestígios correspondentes às casas 16 e 17 são extremamente escassos não foram possível identificar os compartimentos das habitações. A situação da casa 18 não difere muito da 12 do alinhamento anterior, uma vez que, a edificação situa-se separada do quarteirão que engloba as casas 13 a 17 pela via pavimentada G, o que implica a não intervenção total devido aos limites sudeste da escavação. Foi possível no entanto registar o alçado exterior norte, o arranque poente da casa e partes dos muros interiores que formavam a divisão da habitação. Desta maneira ficou-se a saber que a casa 18 apresenta uma planta quadrangular com um pátio central e com ligação a quatro compartimentos (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 22).

Para terminar, no limite mais sudeste da escavação” surgiram indícios de um muro exterior semelhante ao resto das habitações no “bairro”. Esta descoberta juntamente com o aparecimento de partes constituintes de um alçado no lado oposto à casa 16 (do outro lado da via D), levaram à identificação de duas novas possíveis habitações denominadas de casa 19 e 20. A casa 20 localizava-se no extremo sudeste da escavação. Tudo sugere assim, que se tratava de um quinto alinhamento habitacional que se prolongava para sul seguindo a norma urbanística do “bairro”. É importante ainda mencionar que, tendo em conta os casos abordados das casas 12 e 18, a casa 20 faria parte de um quarteirão distinto à da casa 19, sendo as duas separadas pela via estreita G (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 22).

A unidade habitacional P/Q - 9/11

O modelo de apresentação e a metodologia empregue durante a investigação.

A investigação sobre a estrutura habitacional islâmica O/P/Q - 9/11 que corresponde à casa 15 do “bairro ocidental islâmico” da Praça da Figueira, iniciou-se em Setembro de 2017 no Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL).

Devido ao contexto no qual a intervenção arqueológica foi realizada, o sítio físico da escavação deixou de ser acessível, restando apenas os registos realizados pelos arqueólogos responsáveis e os materiais recolhidos no âmbito da escavação.

Para dar seguimento ao estudo pretendido foi consultado o registo fotográfico da habitação, para ter uma consciência da sua morfologia e dimensão espacial. Da mesma maneira consultou-se as plantas previamente realizadas do “bairro islâmico” para se

averiguar que sectores da malha quadriculada correspondiam a habitação 15 (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p. 20).

De seguida iniciou-se uma primeira identificação e triagem do material referente à possível área em que a estrutura se localizava, sendo necessária uma separação cronológica do mesmo. Foi definido um total de quatro conjuntos cujo critério de diferenciação foi aleatório, baseado apenas na disposição dos materiais islâmicos. Isto devido à carência de um registo previamente composto sobre a distribuição das Unidades Estratigráficas da casa.

Realizada a distribuição dos conjuntos, procedeu-se ao seu registo. Para tal, a metodologia empregue envolvia definir a que conjunto as peças pertenciam (C1/C2/C3 ou C4) bem como a sua posição numeral dentro do subgrupo (saco) aonde o fragmento estava inserido. A numeração deste subgrupo já tinha sido previamente atribuída quando o material foi primeiro separado por quadrículas.

Depois de marcado, efectuava-se a sua inventariação, tendo como base padrões previamente definidos para a classificação de cerâmica islâmica pelo artigo CIGA e a classificação da coloração pré-definida de Munsell. Assim a inventariação do material consistia na identificação numérica do grupo e subgrupo das peças juntamente com factores classificadores como a tipologia, morfologia, decoração, cozedura e se foi alvo de registo fotográfico ou vectorizado

No total foram marcadas cerca de 4040 fragmentos de cultura material cerâmica cuja distribuição por conjunto é a seguinte: 903 fragmentos no 1º conjunto; 811 fragmentos no 2º; 1093 fragmentos no 3º e 1233 fragmentos no 4º. Após o registo total das peças, procedeu-se a uma nova triagem seleccionando àquelas que estavam associadas às fases de desenvolvimento da habitação.

Desta maneira dos 4040 fragmentos inicialmente registados definiu-se uma nova amostragem com 1554 elementos cerâmicos desta vez já directamente relacionados com o plano estratigráfico da habitação 15. Devido ao elevado estado de fragmentação do espólio registado, procedeu-se à reconstrução das peças. No entanto, ao longo do processo foi verificada a impossibilidade de reconstrução total ou até parcial das mesmas.

Após o registo da cultura material procedeu-se à digitalização e vectorização dos levantamentos e alçados (mais as fotos e diapositivos), tendo-se usado o programa CorelDraw v.12. Desta maneira foi vectorizada a planta geral da casa 15, bem como produzida uma representação mais detalhada dos espaços que ficaram definidos como sendo a cozinha e o pátio da casa.

Os alçados oeste e sul foram também alvo de registo destacando-se o caso do muro oeste, cujo perfil foi essencial para formular a matriz de Harris relativamente à composição das unidades estratigráficas (UE) da casa 15.

Desta maneira definiu-se qual o espólio cerâmico já registado que estava associado aos níveis pretendidos iniciando-se a vectorização do mesmo. Utilizando os modelos para a análise de material de natureza cerâmica propostos por Susana Gómez Martínez na sua investigação de Mértola (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004), e de Rosa Varela Gomes no caso do Castelo de Silves (GOMES, 1987), estabeleceram-se terminologias tais como a cronologia, funcionalidade e tipologia do espólio.

Após o registo e análise tipológica e morfológica da cultura material procedeu-se à realização de um novo registo tabelar, desta vez utilizando os métodos preconizados por P.Arcelin e Tuffreau-Livre (1998) para se definirem os valores de MNI (máximo número de indivíduos) e NMI (número mínimo de indivíduos) para cada unidade estratigráfica e, conseqüentemente, de cada fase, de modo a facilitar a compreensão da distribuição tipológica.

Ao mesmo tempo, foram definidos tipos de fabricos de alguns tipos de fragmentos e esses valores foram integrados nas tabelas referidas. Para completar o estudo do cerâmico e obter uma cronologia histórica mais acertada, realizou-se ainda a análise comparativa das cerâmicas com outros arqueossítios semelhantes, como por exemplo os centros produtores de cerâmica islâmica em Lisboa do Mandarim Chinês e da Rua dos Correeiros, e os sítios arqueológicos de Silves, Mértola, Palmela e Santarém.

Quanto à apreciação dos elementos que compunham a estrutura habitacional, apesar da lacuna informativa do sítio arqueológico, os artigos antes citados, conjuntamente com as plantas e nivelamentos registados permitem ter uma ideia geral

do como se concebia todo o “bairro islâmico” e, dessa maneira, a casa alvo de estudo. Para a análise específica da casa 15 destaca-se a obra de Helena Catarino publicada na revista *Al-Ulyã* (CATARINO, 1997/1998, pp.713-735) cujo modelo de análise científica para a definição das casas islâmicas serviu de exemplo para a edificação da Praça da Figueira.

A partir das fontes referidas procedeu-se ao exame da estrutura acabando por se averiguar a divisão funcional do espaço através da análise dos alçados e de marcadores averiguados no local, tal como por exemplo estruturas de combustão. A partir dos dados obtidos em respeito à estratigrafia da casa juntamente com o estudo da cultura cerâmica associada definiu-se as diferentes fases de ocupação da casa 15, tendo a primeira sido iniciada com a preparação do espaço para a instalação da estrutura e a última o abandono da área.

Para terminar, de forma semelhante ao que se procedeu para o espólio material procurou-se estabelecer paralelos para a casa 15 com outras estruturas semelhantes na sua tipologia e cronologia, tal como é o caso das habitações islâmicas descobertas na zona da Alcáçova do Castelo de São Jorge, em Lisboa, e do bairro islâmico de Mértola.

A casa islâmica 15: resultado geral das intervenções

A unidade habitacional P/Q- 9/11, correspondente à casa 15 do “bairro islâmico” da Praça da Figueira, foi uma das 20 estruturas edificadas habitacionais identificadas no âmbito das intervenções arqueológicas no local entre 1999 a 2001. Situada no que foi denominado como o quarto alinhamento do “bairro” onde estão incluídas da casa 13 a 18, a casa 15 apresenta semelhanças construtivas com o resto das habitações. No entanto ela distingue-se não só pelas suas dimensões, mais reduzidas, como por determinadas particularidades estruturais identificadas durante a escavação.

Com um formato trapezoidal, as primeiras estimativas consideram que esta habitação apresenta uma área de 40,8 m² com cerca de 6 metros de largura e 6,80 metros de comprimento, representando-se assim como uma das mais pequenas edificações habitacionais islâmicas identificadas em todo o contexto arqueológico, estando este valor abaixo da média geral das restantes estruturas, que ronda os 48 m² (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p.21).

Apesar da sua pequena dimensão, foram identificadas quatro áreas compartimentadas correspondentes a um pátio central, uma cozinha, um salão e ainda uma latrina.

O modelo urbanístico verificado na habitação 15 é semelhante aquele utilizado na maior parte das edificações do “bairro” islâmico da Praça. A casa apresenta um desenvolvimento urbano para sudeste, com uma única zona de acesso a partir da rua. Esta abertura, juntamente com pátio (e sobretudo este), consistia na única fonte de iluminação da casa.

A área de ocupação era limitada a oeste por um arruamento (beco?), a este por outra estrutura habitacional e a norte pela via urbana C. A zona a sul da edificação onde se situaria a fachada da habitação ficou delimitada pelos limites máximos da intervenção arqueológica, porém é provável que o acesso para o exterior da casa se desenvolveria para a via urbana D, o que possivelmente aconteceria com todas as habitações do quarto alinhamento habitacional do bairro.

As condições impostas pela obra não permitiram a investigação completa da estrutura. Desta maneira, não só faltou identificar parte do alçado a sudoeste devido ao limite da escavação, como a zona NE fora violada devido à abertura de um poço nesse local durante os trabalhos de construção civil, e toda a área do salão foi afectada pelas ligações de drenagem conectadas com este. Apesar das circunstâncias de escavação, a investigação e o registo da casa 15 foi um dos mais proveitosos de todos os contextos do bairro islâmico, tendo sido possível averiguar todas as funcionalidades compartimentais e a maioria dos vestígios edificados que formavam a habitação islâmica. Apesar da vantajosa descoberta da maioria das estruturas que compunha a unidade 15, a presença de espólio material revelou-se muito escassa e fragmentária, sobretudo para as fases finais da ocupação do espaço.

As Fases construtivas e ocupacionais: A 1ª Fase: Preparação e Pré-urbanismo.

Um dos aspectos mais destacáveis no “bairro” é a carência de vestígios arqueológicos anteriores ao período islâmico. Apesar da presença de elementos anteriores relativos aos períodos desde a Idade do Bronze à Antiguidade Tardia

descobertos no contexto geral da campanha arqueológica na Praça da Figueira, a cronologia dos materiais identificados na zona do “bairro” islâmico está compreendida somente entre os últimos séculos de dominação islâmica de Lisboa (SILVA, 2009, p.144).

Desta forma é possível afirmar que todo o conjunto de estruturas foi edificado de raiz com um propósito específico. É nesta linha de pensamento que corresponde a primeira fase da casa 15. Tal como as outras estruturas, a habitação carece de vestígios correspondentes aos períodos anteriores ao medieval islâmico, tendo sido possível apenas identificar os níveis pré-urbanos muçulmanos [4137], [4133] e [4132].

Através da observação destas unidades estratigráficas é-nos indicada a maneira como se realizou a preparação do terreno para a instalação do edificado mediante a definição dos alçados exteriores e do alçado de compartimentação noroeste. Foi destas três primeiras unidades que se recolheu a maior parte do espólio cerâmico.

Após o nivelamento do espaço foram num segundo momento construtivo, elevados os alçados que compunham a edificação habitacional. Respectivamente a estas estruturas, a casa 15 vai seguir um modelo de edificação comum em todas as estruturas dos quarteirões do “bairro”. Os alçados que formam a estrutura habitacional são compostos por blocos de pedra vã edificados sobre um assentamento em terra, constituindo o alicerce, que depois receberia uma elevação dos alçados em arquitectura da terra. Para além destes componentes de pequenas e médias dimensões, é possível verificar o uso de telha para “ordenar” os alinhamentos construtivos na elevação da fundação, sendo a argila o elemento que unia toda a estrutura.

Outra característica apresentada na edificação foi a de que houve prioridade em definir o espaço através dos muros que limitavam a habitação e só depois num segundo momento é que foram erigidos os muros de compartimentação interna. Desta maneira, as estruturas [2055], [2056] e [2061], que correspondem aos limites este, sudeste e nordeste do recinto, são anteriores ao muro de compartimentação [2057]. No entanto destaca-se o caso do alçado noroeste [2062] que, apesar de servir para a compartimentação da habitação, é contemporâneo aos muros de limite exterior, tendo sido a sua construção planeada desde o primeiro nivelamento da área.

Adicionalmente, o registo arqueológico do “bairro” comprova que a casa 15 partilhava o alçado [2055] com habitação vizinha 16 na sua etapa final, tendo-se esta provavelmente apropriado de uma zona comum prévia, devido à presença da fossa céptica da casa 15. Infelizmente, desta acção hipotética não sobreviveram outras evidências que melhor a suportassem.

De forma semelhante se encontra o muro do limite oeste da habitação que, apesar de não possuir designação numeral, não só era comum à casa adjacente 14 (identificando-se como o limite este da mesma) como foi identificada uma abertura no soco do muro que pode ser interpretada como sendo parte de um sistema de canalização.

O alçado [2056] foi registado quase na sua totalidade com 60 cm de largura e com um comprimento de 6,30 metros. Esta estrutura constituía a fachada da casa e onde se localizaria o único vão de entrada na habitação. No entanto não foi possível averiguar com certeza absoluta a sua localização ou composição. Isto deveu-se em parte pela imposição do limite da intervenção arqueológica que “cortou” a zona mais sudoeste da fachada mas a principal razão deveu-se à uma violação inicial que afectou esta zona em específico, notando-se a concentração de pedra deslocada. Todavia, as características do troço oeste da fachada, onde uma pedra prismática de maiores dimensões assoma, deverá marcar a ombreira do vão de entrada, que por ausência de pavimentação sugere ser aí a porta.

Do alçado [2061] que corresponde ao limite nordeste da casa, apenas foi identificado parte do mesmo, com cerca de 1,67 m de comprimento e aproximadamente 64 cm de largura. Este muro é talvez o que se encontra mais fragmentado em todo o contexto da casa 15, devido a uma perturbação pós-abandono a que acresce a abertura de um poço pela obra do parque na zona onde o muro se situaria.

Após a identificação e registo dos muros exteriores, procedeu-se à mesma tarefa com os alçados de compartimentação. Todos os muros de compartimento, excepto o alçado [2062], foram levantados num momento posterior aos muros de limite da casa. Assim foram registados dois muros compartimentais e ainda há evidências de um terceiro que dividia funcionalmente o espaço interno da casa.

Situado na zona sudeste e desenvolvendo-se para noroeste, temos o alçado [2057] que se destaca por apresentar apenas 35 cm de largura, sendo assim o mais pequeno muro registado em termos de largura. Com um comprimento de 2,75 m, o muro encontra-se anexado à fachada [2056] e oposto ao alçado exterior [2055]. A sua relação espacial relativamente aos outros dois alçados compartimentava a zona este da casa definindo assim a área de cozinha. Esta hipótese é confirmada pela presença de uma estrutura de combustão agregada aos alçados [2057] e [2056] neste espaço. Há ainda que realçar que, no final do troço inicial, foi identificado o que pode ser considerado um reboco em pedra vã muito fragmentado e de reduzidas dimensões. Este pequeno indício, anexado ao resto da estrutura, sugere a presença de uma porta que facultava o acesso do pátio à cozinha. Infelizmente não foi registado mais nenhum vestígio que corrobore de forma categórica esta leitura para a ombreira oposta.

O segundo conjunto corresponde a dois fragmentos de muro que pertenciam ao mesmo troço murado designado [2062]. Ambos os alçados possuem uma largura de 59 cm, assemelhando-se assim às dimensões dos alçados exteriores, pelo que [2062] será contemporâneo respectivamente ao primitivo nivelamento térreo. Quanto ao comprimento, os dois fragmentos possuem medidas distintas. Do primeiro foi registado 1.05 m do troço, enquanto do segundo identificou-se 1.35 m do alçado. O alçado [2062] encontrava-se anexado ao limite exterior este [2055] e oeste da habitação, desenvolvendo-se para o interior até ao local onde possivelmente se encontraria a porta. A presumível localização desta abertura é indicada pela pedra vã de grande dimensão registada na margem de um dos fragmentos do alçado. O muro interior compartimentava a zona mais a nordeste da habitação, que pela sua dimensão pode ser considerado o espaço de alcova e de convivência do edificado. É este espaço que equivale ao salão da casa.

Existem ainda evidências de uma terceira compartimentação da casa que é delimitada por um outro alçado. No limite sudoeste da fachada, junto ao espaço afectado pela obra, foi descoberto um grupo de pedras vãs unidas por argila que progredia para noroeste. Tomando por exemplo [2057] é viável afirmar que se trata do arranque de um terceiro alçado interior. Devido ao facto de apenas se ter registado esta porção do muro não é possível afirmar com certeza o seu comprimento e largura. No

entanto, pode-se presumir que este seguia uma morfologia semelhante ao muro [2057], visto que assim se enquadraria no aparente contexto espacial e construtivo da casa.

Quanto à funcionalidade do espaço, esta questão é respondida através de dois factores. O primeiro que já foi referido é a abertura no alçado oeste, que sugere algum tipo de sistema de canalização. O segundo é a descoberta de uma fossa séptica (designada [1953]) no espaço entre o limite oeste e a fachada [2056], no interior da casa. Estes dois elementos comprovam assim a função de latrina deste compartimento, espacialmente demarcado pelo arranque do muro e vestígios de pavimento do pátio.

O alçado este [2055]:

O muro de delimitação exterior [2055] é uma das estruturas essenciais que define a área de ocupação urbana da habitação O/P – 9/11. Estabelecendo o extremo este da casa, o alçado revela 4.17 m de comprimento e 63 cm de largura. Apesar do seu bom estado de conservação, o registo do muro não se encontra completo, estando em falta parte do troço que se desenvolvia para noroeste. Através da observação do muro comprovou-se que este estaria anexado a três outros alçados, sendo apenas o primeiro visível no registo da casa onde se observa que a sudoeste alçado [2056] se une com o [2055] formando assim o “canto” sudeste da habitação. Devido à fragmentação das estruturas não é possível visualizar estes pontos de união. Ao considerar-se a planta geral da habitação é de supor que os muros [2062] e [2061] também estariam interligados ao alçado este. No primeiro caso a sua anexação delimitaria o comprimento da cozinha e no segundo para além de ter uma função semelhante com a zona do salão mas relativamente à sua largura, constituiria também o “canto” nordeste da casa.

O estudo do alçado [2055] não só foi importante para compreender a distribuição espacial e funcional da casa 15 como através da sua análise morfológica foi possível realizar a leitura estratigráfica da primeira fase de ocupação do contexto arqueológico.

Como já foi referido após a preparação do terreno, os alçados exteriores foram os primeiros elementos estruturais a serem erigidos sendo não tendo existindo uma grande divergência quanto ao método construtivo. Tomando por exemplo o alçado [2055] as unidades [2089] a [2086] representam o enchimento da vala em taipa sendo

assim o primeiro momento de construção do muro. O levantamento em terra do alçado valida a teoria da sua baixa estatura (SILVA, 2011, pp.19). O interface [1950] representa-se todo o primeiro levantamento do edificado medindo aproximadamente 6.05 metros de altura.

Contactando o interface de fundação e o interface do soco do muro [1951] está a unidade [2084] que se estende por debaixo do muro [2055] até encostar à unidade estratigráfica [2086]. A unidade [2084] consiste numa violação pós-abandono que “recolheu” parte do muro [2055], levando à abertura de uma vala. É possível pressupor que semelhante a outros casos no contexto da escavação, esta violação se tenha dado no início das obras na Praça da Figueira. Desta maneira nenhuma informação se pode obter de [2084].

O alçado este [2055] contacta dois interfaces: o primeiro é o [1951] que constitui o soco do muro em si, e o segundo [1952], que se apresenta como o interface de abandono. O muro mede 54 cm da altura e 3,20 m de comprimento [2055]. Através da observação da figura observa-se que houve um planeamento construtivo baseado no uso de telha para produzir um alinhamento estrutural em pedra. Tal como esta representado a base do fundo é composto em pedra vã de maiores dimensões formando assim um primeiro alinhamento estrutural. Após a estipulação da base utilizam-se fragmentos de telha de formato rectangular para a definição de um “assento” por cima do anterior alinhamento. Por fim, foi colocada uma nova fileira de pedra vã, esta agora com dimensões mais pequenas e de formatos variados, no que viria a ser designado como a zona superior da estrutura. Esta última fileira vai entrar em contacto com o interface de abandono [1952] sendo a primeira parcela da estrutura a ser identificada no âmbito da escavação. Toda a estrutura é unida por uma camada de argila que também podia ser usada para qualquer reforma estrutural como mostra [2085].

Pode-se assim concluir que o muro [2055] foi indispensável para perceber o planeamento construtivo das estruturas da casa 15 que possivelmente terão passado por uma concepção semelhante ao alçado em causa. No caso concreto deste muro, o plano iniciou-se com preparação do terreno com o levantamento das primeiras valas em terra até ao posicionamento dos materiais construtivismo e reformas do muro. O muro [2055] representava-se como o limite exterior este da estrutura habitacional 15 sendo comum à habitação vizinha número 16 no contexto do quarteirão islâmico.

O alçado norte [2062]:

O alçado [2062] encontrou-se em piores condições do que o [2055], tendo apenas sido identificado dois fragmentos do troço. Apesar da sua função de compartimentação, a construção do muro [2062] foi planeada desde o primeiro momento da edificação da casa.

O alçado mostra ter 1.35 m de largura 59 cm de largura. Não foi possível identificar estratigraficamente as unidades de fundação, porém é seguro pressupor que a estratigrafia seria semelhante aquela presente no alçado [2055]. Uma das razões para tal é o soco do muro iniciar-se após o contacto com o interface [1950] a 5,57 m de cota absoluta. Este interface é o mesmo a que corresponde as unidades de enchimento em taipa do muro [2055]. Desta maneira pode-se afirmar que ambos tinham a mesma fundação em terra partilhada pelos mesmos níveis estratigráficos. A única diferença é que o no caso do alçado [2062] o fim da fundação do muro situava-se a uma maior profundidade.

Quanto à sua morfologia, repara-se que a composição de [2062] não é diversa daquela já estipulada como base para todas as restantes edificações. Porém, um aspecto que se pode verificar é a carência de materiais de natureza cerâmica para produzir o alinhamento construtivo. Em vez disso utilizam-se pedras de pequenas dimensões juntamente com alguma cerâmica. Isto é essencialmente visível no primeiro alinhamento da alçado onde se cria uma primeira base em cerâmica onde se coloca a pedra vã para depois se criar um “assento” em cerâmica e pedras de pequenas dimensões onde vai assentar um novo alinhamento em pedra. O segundo alinhamento vai ser constituído por pedras vãs de maiores dimensões que, seguidamente, vai ser sobreposto por um novo conjunto de pedras, desta vez com formato rectangular para a estipulação de uma nova fileira.

Há ainda que destacar que apesar dos componentes que formam o alçado estarem ligados por argila, a mesma só se verifica a partir dos 5,94 m de cota. Na primeira fileira, que assentava directamente sobre a fundação, e na “base” inicial, não existem indícios do material que conectava a estrutura. Há várias razões para tal: a primeira é que de facto não se utilizou argila para interligar a base do alçado. Muito possivelmente esta teoria não é correcta pois não só iria contra o modelo geral de

construção verificado, como não faz sentido do ponto vista do construtor não reforçar a base de qualquer edificação passando pelo risco de a mesma desabar. Outra hipótese, provavelmente mais correcta, foi que os séculos em que o soco da estrutura esteve soterrado levaram a uma lixiviação da estrutura pela água, corroendo e “lavando” a argila.

Resumindo, no registo do alçado [2062] estão identificados três alinhamentos de construção separados por um “assento” na sua maioria em pedra, cuja base não demonstra estar segura por meio de argila. Com algumas diferenças na escolha do material para a sua construção quando comparando com o muro [2055], e com um nível de fragmentação mais elevado, o muro [2062] mantém-se como um dos muros do primeiro momento construtivo da casa, sendo permitido com segurança não só definir o espaço funcional do salão como também indicar o ponto de acesso a esta divisão da casa.

A 2ª Fase: Ocupação e Uso.

Em contraste com a fase anterior, o número de unidades estratigráficas registadas pertencentes à 2ªa fase é muito menor. De forma semelhante, o espólio cerâmico identificado, mais abundante nas unidades correspondentes à nivelção da casa do que o associado a estes momentos. No entanto, graças aos levantamentos já referidos foi possível definir a funcionalidade do espaço da habitação que, conjuntamente com o estudo de cada compartimento, possibilita formular uma caracterização da vivência dos habitantes da casa 15.

A estrutura habitacional cronologicamente insere-se no mesmo espaço temporal que as outras habitações do “bairro” islâmico, colocando-se a sua edificação nos inícios do século XII e com um afastamento populacional progressivo até aos inícios do século XIII, altura em que o bairro é completamente abandonado. Desta maneira, a segunda fase caracteriza-se por enquadrar o período de vivência na casa e por demonstrar os primeiros sinais de abandono. Estratigraficamente o interface [1952] mostra a passagem para este o período.

Como já foi referido, a casa P/Q – 9/11 possui uma planta trapezoidal, estando o espaço organizado em volta de um pátio central com acesso a três compartimentos distintos sendo eles a cozinha, o salão e a latrina.

A cozinha da casa:

A cozinha situava-se na zona sudeste da habitação sendo o espaço delimitado por quatro alçados distintos através dos quais se pode averiguar as dimensões do compartimento. Desta maneira, a largura de 1,60 m é obtida através da identificação dos alçados [2055] e [2057] que correspondem ao limite exterior este e ao compartimento oeste do compartimento, enquanto o valor do comprimento é determinado tendo em conta a fachada [2056] e o muro de compartimentação [2062], dando-nos assim a medida de 4,58 m. No caso deste último, na planta registada da casa não é possível visualizar esta delimitação. Porém, seguindo a disposição do alçado sul do muro do salão pode-se pressupor que tal aconteceria. Com ambas as medidas é estimado que esta divisão teria uma área 7,32 m².

No limite do muro de compartimento [2057] evidencia-se uma pedra prismática de consideráveis dimensões que no seu bordo norte se verificava uma pequena saliência fragmentada. Trata-se de um reboco branco que marca a localização de uma porta que permitia o acesso à cozinha a partir do pátio central da casa. Para além deste indício, foi identificada parte da ombreira da mesma porta que se prolongava para noroeste seguindo o sentido do muro [2057].

A principal razão para que este compartimento fosse designado como a cozinha foi a descoberta de uma estrutura de combustão anexada no canto entre o lado interno da fachada e o muro [2057]. Trata-se de uma lareira instalada após o levantamento dos muros. A área de instalação era designada por um conjunto de pedras vãs que parcialmente circundavam a estrutura. Para além da presença de pedra que delimitava a lareira, foram identificados ainda fragmentos de telha dentro e fora do contexto, o que indica várias possibilidades: a primeira, que a telha pertencia aos muros à qual a lareira se encontrava anexada e com o abandono da casa, tendo parte do alçado desabado para cima da zona da cozinha. Esta teoria pode explicar a distribuição dos fragmentos que na sua maioria se localizam próximos dos alçados. Outra hipótese, ainda na mesma linha de pensamento, a de que a telha pode ter origem na ruína do telhado da casa, o que justificaria a sua distribuição pela restante área da cozinha. A última possibilidade

defende que estes materiais construtivos provinham da própria lareira, cuja sua composição construtiva pode incluir estes elementos construtivos como revestimento. Das hipóteses apresentadas, a mais verosímil é que parte dos fragmentos de telha seja proveniente dos colapsos e outra arte equivalha ao revestimento parcial do fundo da lareira.

Para além dos componentes construtivos, identificaram-se alguns fragmentos de peças cerâmicas neste contexto. Trata-se de um fragmento de talha descoberto dentro do espaço correspondente à lareira; uma base de um candil junto ao alçado [2055] e um bordo de alguidar na proximidade do alçado [2057].

O salão:

Ocupando toda a zona norte da habitação situa-se o salão da casa 15. O compartimento não só servia como zona de convivência dos moradores e potenciais visitas mas também como local de dormida e de repouso (alcova). De todos os compartimentos identificados, a zona do salão foi a que se revelou em pior estado de conservação arqueológica pelas afectações antigas e recentes, motivadas pela obra.

A identificação desta divisão só foi possível devido ao registo fornecido pelos muros [2062] e [2055] juntamente com a descoberta do muito fragmentado troço de muro [2061]. Estes três muros, juntamente com o muro de limite oeste, auxiliaram o reconhecimento da funcionalidade do compartimento. Desta maneira ficou estimado que o salão media cerca de 2.6 m de comprimento e 5.8 m de largura, medindo deste modo 15,08 m² de área. Este compartimento reconhece-se assim como a maior divisão da casa. Foi a dimensão deste compartimento, que representa um terço da área total da habitação, bem como a inexistência de uma outra divisão dedicada à privacidade e repouso dos ocupantes, que levou a crer que se tratava de um salão.

O mau estado de preservação das estruturas do salão, nomeadamente de [2061] devido ao abandono do “bairro” e às perturbações pós-abandono, levaram a que a informação arqueológica recolhida fosse escassa. Apesar disso foi possível reconhecer uma abertura no muro de compartimentação [2062] em junção a uma pedra vã de grande dimensão. Esta situação assemelha-se ao caso da abertura no alçado [2057], o que permite entrever a instalação de uma porta naquele local. Seria por esta passagem, localizada sensivelmente a meio/oeste do muro, que se realizaria a circulação entre o

salão e o pátio. Para além desta descoberta, a observação do solo nos mesmos níveis islâmicos sugerem que a casa 15 se encontrava, de certa forma, pavimentada. A pavimentação seria composta por terra batida junto com brita calcária muito miúda.

O Pátio e a Latrina:

Durante as campanhas arqueológicas do “bairro” islâmico da Praça da Figueira foram descobertos vários tipos de edificações com formatos e dimensões diferentes. Apesar disso, alguns aspectos eram comuns ao geral das estruturas descobertas, como por exemplo as técnicas e o material utilizado para o levantamento das edificações. Outro exemplo é a definição construtiva de um espaço comum utilizado tanto para os moradores como para eventuais visitas e com acesso às outras divisões da habitação. Refiro-me desta forma à existência de pátios cuja sua presença é comum a quase todas as habitações do “bairro” excepto talvez aquelas em que o seu estado de conservação não permitiu designar com certeza a finalidade do compartimento.

A unidade habitacional P/Q- 9/11 não é a excepção à norma apresentando um pátio central através do qual se podia realizar a passagem para os compartimentos da casa e que servia como fonte de iluminação da mesma. Com um comprimento 4,4 m e uma largura de 2.8 m e uma área de 12,32 m², esta divisão era definida pelo conjunto de muros a norte [2062], a este por [2057], e a sul pela fachada [2056]. De uma forma semelhante como acontece com a definição das medidas do salão, não foi registado o alçado oeste que delimitava o pátio. Porém, o arranque de muro anexado à fachada permite presumir com segurança a localização do mesmo e o seu respectivo desenvolvimento tipológico, sendo possível desta maneira supor o valor da largura do pátio da casa 15.

Apos a observação e registo do pátio da casa 15, este revelou possuir certas particularidades que o distinguem do “modelo” típico deste tipo de divisão numa casa islâmica. Em primeiro lugar, em toda escavação não se revelaram indícios da existência de saguão conectado ao pátio. Este compartimento funcionaria como um espaço de entrada, assimilando a tradição dos “vestíbulos” romanos, e geralmente seria a primeira divisão da casa onde os moradores ou potenciais visitantes entrariam e que consequentemente acediam ao pátio. A casa 15 carece de semelhante divisão sugerindo que, quem se deslocava para o interior da casa imediatamente após passar pela porta

principal entrava logo na zona do pátio. A segunda particularidade identificada está relacionada com a cobertura da divisão. Um pátio é geralmente uma divisão a céu aberto para permitir assim a passagem de luz para o interior já que esta divisão juntamente com o acesso da entrada seriam as únicas fontes de iluminação da casa 15. Na zona mais norte do pátio identificou-se um derrube designado de [2141] composto essencialmente por telha, assente sobre indícios da pavimentação em terra batida e brita.

Não podendo ter sido originado dos alçados dos muros, pois o derrube do muro [2062] encontra-se do outro do lado do mesmo na zona do salão, estes fragmentos de telha só podem ter assomado do telhado da habitação. Porém, para tal o pátio tinha de ser parcialmente coberto, visto que o raio de dispersão só se estende de norte para sul até aproximadamente ao meio da divisão. Pode-se sugerir-se assim que o [2141] origina da cobertura do salão. Porém, nesse caso, o foco dos fragmentos teriam “tombando” para a divisão do salão, e não para o pátio. Uma outra hipótese mais credível sugere que apenas parte do pátio estaria descoberto, enquanto a zona mais a norte estaria protegida por um telheiro, e que os fragmentos de telha encontrados [2141] seriam parte constituinte dessa cobertura. Seguindo esta lógica, o telhado que cobriria pelo menos metade do pátio cobriria também as entradas da latrina, salão e cozinha. Os dados das intervenções arqueológicas não permitiram obter conclusões relativamente a este tema, no entanto pode-se concluir que ambos os aspectos identificados permitem distinguir unidade habitacional P/Q- 9/11 do que se considere o comum numa habitação islâmica medieval.

Anteriormente foi referido em como a leitura da largura do pátio se realizou tendo em conta os vestígios do arranque do muro a oeste da fachada. Este suposto alçado, para além de definir a área do pátio, tinha outra função. O desaparecido muro de compartimentação, em conjugação com o alçado de limite oeste da casa, formavam um outro compartimento de habitação cuja funcionalidade do mesmo é identificado pela fossa delimitada por um conjunto de pedras vãs, designada de [1953], em conjugação com os indícios estruturais no alçado oeste. Desta maneira, assim se identifica a latrina da habitação.

A divisão vai apresentar um desenvolvimento arquitectónico semelhante à da cozinha, originada na fachada da casa e progredindo para norte. Com um comprimento de 3.90 m e uma provável largura de 1.55 m, ou seja com uma área de

6,05 m², o espaço é mais pequeno que o da cozinha, mas com uma largura semelhante. De facto, foi seguindo esta lógica comparativa que se definiu a possível largura da latrina com suposição de que o ausente alçado de compartimentação apresentaria uma morfologia semelhante à do muro [2057]. Seguindo esta linha de raciocínio, seria no fragmentado alçado que se situaria o ponto de conexão entre o compartimento e o pátio central, colocando-se seguramente no lado oposto à porta da cozinha e desalinhado originalmente deste vão.

Ainda a propósito dos muros, no muro de limite oeste estão presentes alguns elementos que auxiliariam na definição do espaço e na sua melhor leitura arqueológica. Não dependendo de uma designação formal, este será referido pelo termo muro oeste. Sendo um dos primeiros muros levantados na habitação, o alçado conecta a outros muros em três ocasiões distintas. Num primeiro momento, o alçado oeste encontra-se encostado à fachada, desenvolvendo-se para norte onde vai agregar-se [2062]. Num último caso, o alçado em oeste iria contactar o muro [2061] constituindo assim a totalidade o limite oeste da casa. Este tem assim uma organização arquitectónica semelhante ao seu oposto [2055]. Foi identificado cerca de 4.35 m do alçado em que definiu uma largura média de 0.63 m do mesmo. O que torna este alçado tão importante para além da delimitação espacial são os indícios que completam a instalação da latrina. Na zona sul do alçado reconhece-se uma pequena abertura na estrutura. Esta brecha mede cerca de 0,35 m e esta ligada directamente à fossa [1953]. Trata-se de um sistema de canalização instalado para o escoamento dos conteúdos da latrina. O que é curioso nesta estrutura é como a casa 15 partilha os alçados este e oeste com as casas vizinhas, à primeira vista os dejectos iriam ser filtrados para a casa 14. Isto parece improvável pois tal estratégia arquitectónica não se enquadraria correctamente no planeamento urbano existente.

Tal apenas podia suceder se do outro lado do alçado de limite este se situasse uma rua ou beco. Se tivermos em conta a organização urbana do bairro, então isto era improvável pois segundo esta lógica haveria automaticamente uma outra habitação anexada respectivamente ao alçado oeste como ao este da casa. Porém, a descoberta desta abertura e de alguns elementos de cerâmica naquele espaço que possivelmente compunham o sistema de canalização sugerem o contrário. O que potencialmente podia acontecer seria que a canalização da casa 15 filtrava as descargas por debaixo da casa 14 para uma fossa séptica que se podia situar na via urbana que dava acesso ao

quarteirão, apropriada pela casa vizinha a partir de determinado momento. Infelizmente, as limitações das evidências patenteadas no sítio arqueológico não permitiram confirmar de forma categórica esta leitura.

A 3ª Fase: O Pós-Abandono

Como já foi referido, os primeiros estudo e observações sobre o “bairro islâmico” indicam que houve um abandono progressivo a partir da segunda metade do século XII até ao seu completo abandono já no século XIII (SILVA, 2009, p. n/a). No caso da casa 15, o processo foi gradual, acompanhando o abandono contínuo do restante bairro. A habitação 15 passou por dois momentos pertencentes aos processos de abandono, sendo um deles de pós-abandono, visíveis na sua estratigrafia arqueológica e consecutivo registo.

A primeira sequência foi causada pela desactivação da estrutura, o que levou à sua degradação natural com o passar do tempo. Isto é visível essencialmente pela dispersão da telha que compunha o telhado da casa sendo o derrube representado pela unidade. A figura A mostra claramente a disseminação dos fragmentos das coberturas que atingem todas as divisões da casa excepto o salão, sendo esta dispersão representada pela unidade [2059]. O abandono não se representa só através da telha mas também por fragmentos de pedra vã que faziam parte dos alçados e, provavelmente, pela matriz argilosa envolvente.

Como é natural, com o tempo e a exposição aos elementos, as zonas mais fragilizadas dos alçados geralmente os pontos mais altos tombam sobre o espaço que definiam. No caso da casa 15, esta destruição “natural” não se encontra tão definida, apenas se localizando em zonas específicas da casa como por exemplo a cozinha. Através da figura A é possível observar uma concentração não só de telha mas também de pedras junto aos muros [2057], [2056] e [2055], que muito provavelmente provieram desses exactos alçados, isto claro excluindo as pedras vãs de grande dimensão que delimitavam a lareira. Do outro lado da habitação, o abandono fez revelar a abertura da canalização da fossa séptica. Foram identificadas duas unidades estratigráficas que enquadram todo este processo. A primeira unidade, sendo também a que introduz esta fase, [4109], representa os derrubes dos alçados e do telhado. A segunda unidade, [2001], sobrepõe-se directamente à anterior e é referida como a continuação dos derrubes e a colmatação de toda a estrutura.

As alterações pós-abandono foram causadas na sua maioria já no fim da década de 1990 com o início da instalação do parque de estacionamento na Praça da Figueira. Já foi falado do contexto em que se realizaram as intervenções arqueológicas, e desta maneira compreendem-se as perturbações que causadas no contexto geral do bairro. A situação na casa 15 não vai ser diferente. Até ao momento em que os vestígios da casa são arrasados na sua totalidade com a progressão das obras, a casa sofreu três grandes violações, duas estruturais, das quais são estão expressamente visíveis na figura PA, causadas por essa mesma situação. A primeira ocorre directamente na zona da fachada da casa onde um aparelho de construção “recolhe” e derruba parte do alçado. O que torna esta violação mais danificadora é o facto de ela incidir exactamente na zona onde supostamente se localizaria a única entrada da habitação. Não só toda a informação concreta sobre esta zona desapareceu como a acção causou um novo derrube do muro de fachada [2056] para interior do pátio, chegando igualmente a atingir o alçado externo de [2057]. O segundo “acto destrutivo” não está tão visível na figura AP mas é claro na representação do perfil este na figura X. Esta violação, designada de [2084], recolhe a continuação do alçado [2055] chegando a atingir os níveis de enchimento da vala do muro. A última violação que falta referir foi talvez a mais destrutiva, sendo também a que mais fácil se observa na figura PA. Refiro-me à abertura de uma vala para montar um poço de drenagem que vai afectar a casa 15. Esta vala atravessa a casa de este para oeste, apanhando quase a totalidade das estruturas de compartimentação [2062] e o muro de limite nordeste [2061], juntamente com toda a extensão norte do muro [2055]. A zona mais afectada por esta acção construtiva vai ser a zona do salão da casa, que vai ter grande parte do seu espaço “cortado”.

A última unidade estratigráfica desta fase que falta referir é a [2058] que representa a destruição total do espaço pela obra.

A estratigrafia da unidade habitacional

A descrição e análise apresentadas sobre as fases de ocupação da casa 15 têm vindo a referir algumas ideias acerca da sua composição estratigráfica. Assim, o registo vectorizado do perfil este foi essencialmente importante para compreender qual foi o procedimento aplicado no levantamento da estrutura, o que serviu de modelo para o entendimento geral das unidades estratigráficas da casa, pelo menos durante a fase de construção e um pouco do início do pós-abandono.

O mesmo se pode afirmar do registo fotográfico que através do qual, não só se conseguiu enumerar as diferentes estruturas e componentes da habitação mas também a maneira como estão representados os efeitos naturais do pós-abandono do edificado devido à passagem dos séculos, como pelas violações causadas pelas obras de 1999-2001. Ocorreram, também, casos em que a existência de uma ou mais unidades estratigráficas veio a ser confirmada pelo espólio material recuperado, por exemplo, a descoberta de um candil vidrado que permitiu identificar uma nova unidade durante a segunda fase de ocupação da casa. De forma semelhante, o mesmo se sucedeu com as primeiras unidades de nivelamento da habitação cuja informação a seu respeito é na maior parte obtida pela cultura material recuperada.

Tendo em conta toda a informação revelada, foi assim possível agrupar todos os dados relativos às unidades estratigráficas da casa e produzir uma matriz de Harris, da figura H para assim correctamente as expor. É possível visualizar as diferentes fases de construção da casa 15 já referidas anteriormente, porém agora exibidas de uma forma mais explícita. A matriz começa por representar as primeiras unidades estratigráficas correspondentes à fase inicial de nivelamento da habitação respectivamente as unidades [4137], [4133] e [4132]. Estas unidades correspondem ao contexto mais antigo da casa marcando a preparação do terreno com a abertura de valas demarcadas. Após a etapa pré-urbana, o conjunto de unidades [2089] - [2066] consistem no enchimento das valas anteriores por meio de taipa para instalação do urbanismo. Este tipo de levantamento é uma característica construtiva de todo o “bairro islâmico”.

A unidade [1951] representa já o soco do muro que, no caso da casa 15, é visível pelo registo do perfil Este. No mesmo assentamento nota-se que houve uma reforma do alçado por meio do uso da argila no que consiste a unidade [2085]. São assim depositadas as unidades contemporâneas correspondentes aos muros [2055], [2056] e [2061], que conformam o recinto da habitação.

Por sua vez, os muros de compartimentação e respectivas estruturas interiores a serem analisados merecem também vários comentários. Em primeiro lugar, o muro [2062], apesar do seu planeamento construtivo estar demarcado quando se procedeu a nivelção do terreno, foi elevado após o levantamento do recinto. Ainda na mesma categoria se situa o muro de compartimentação da cozinha [2057] com a lareira colocada de seguida, e que infelizmente não recebeu designação estratigráfica específica. Por fim, o último deste conjunto é o quase desaparecido muro de compartimentação da latrina que também não possui denominação estratigráfica, que de seguida se sobrepõe à fossa da latrina [1953]. Esta série marca o fim do levantamento da estrutura e o início da fase de ocupação da casa que se inicia com a unidade directamente por cima dos levantamentos [2141] que define a pavimentação geral da casa por meio de terra batida e brita.

Esta fase é mais facilmente identificada no pátio onde a actual unidade se localiza porém, também se notou a sua presença na zona oeste do salão. A unidade seguinte [2151] foi registada pela identificação de um candil vidrado que marca o último nível de ocupação antes dos interfaces de abandono seguintes, [2076] e [1952]. A partir dos interfaces referidos inicia-se a terceira e última fase da casa com os vestígios pós-abandono. A unidade de derrube [4109] apresenta a ruína da casa e a degradação causada pelo tempo que esteve soterrada, ao passo que a unidade sobreposta, [2001], significa a colmatação da estrutura em si juntamente com mais derrubes. Após [2001], as unidades seguintes tiveram a sua origem nas violações registadas no contexto da casa durante as obras para a instalação do estacionamento. Assim, a unidade [2084] representa o roubo do muro [2055], e a [2058] a violação geral pela obra de construção civil.

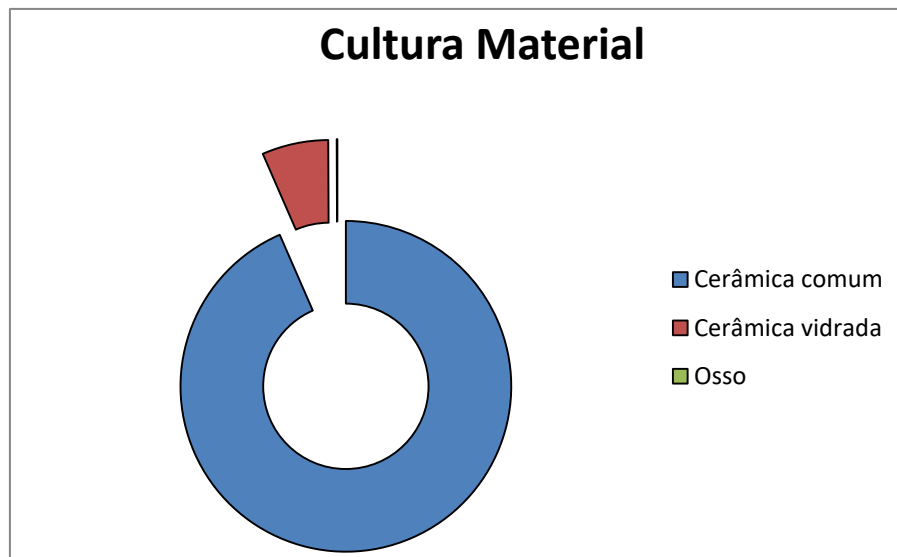
A cultura material associada a habitação: Dados gerais

Como já foi observado na matriz de Harris, é possível mapear a organização estratigráfica do contexto arqueológico da unidade habitacional P/Q – 9/11. Esta matriz representa assim um guia cronológico da casa 15 iniciado desde o primeiro nivelamento territorial do espaço até ao abandono da estrutura e futuras perturbações com as obras no ano de 2000.

Por mais importantes que sejam os dados obtidos pela leitura da estratigrafia, a análise da unidade habitacional revelar-se-ia incompleta sem a observação e consequente análise da cultura material obtida do contexto da escavação da casa.

Infelizmente, o material alvo de estudo não abrange todas as unidades estratigráficas da habitação, restringindo-se a apenas a algumas unidades específicas. Porém, apesar desta aparente lacuna informativa, as unidades nas quais o espólio está inserido encontram-se disseminadas pelas três fases de ocupação. A interpretação da cultura material vai associar-se a todo o progresso evolutivo da casa 15, sendo possível confirmar teorias já propostas com as apreciações anteriores. Realizou-se o estudo do espólio material através da sua consequente inventariação, registo e análise morfológica/tipológica e comparativa.

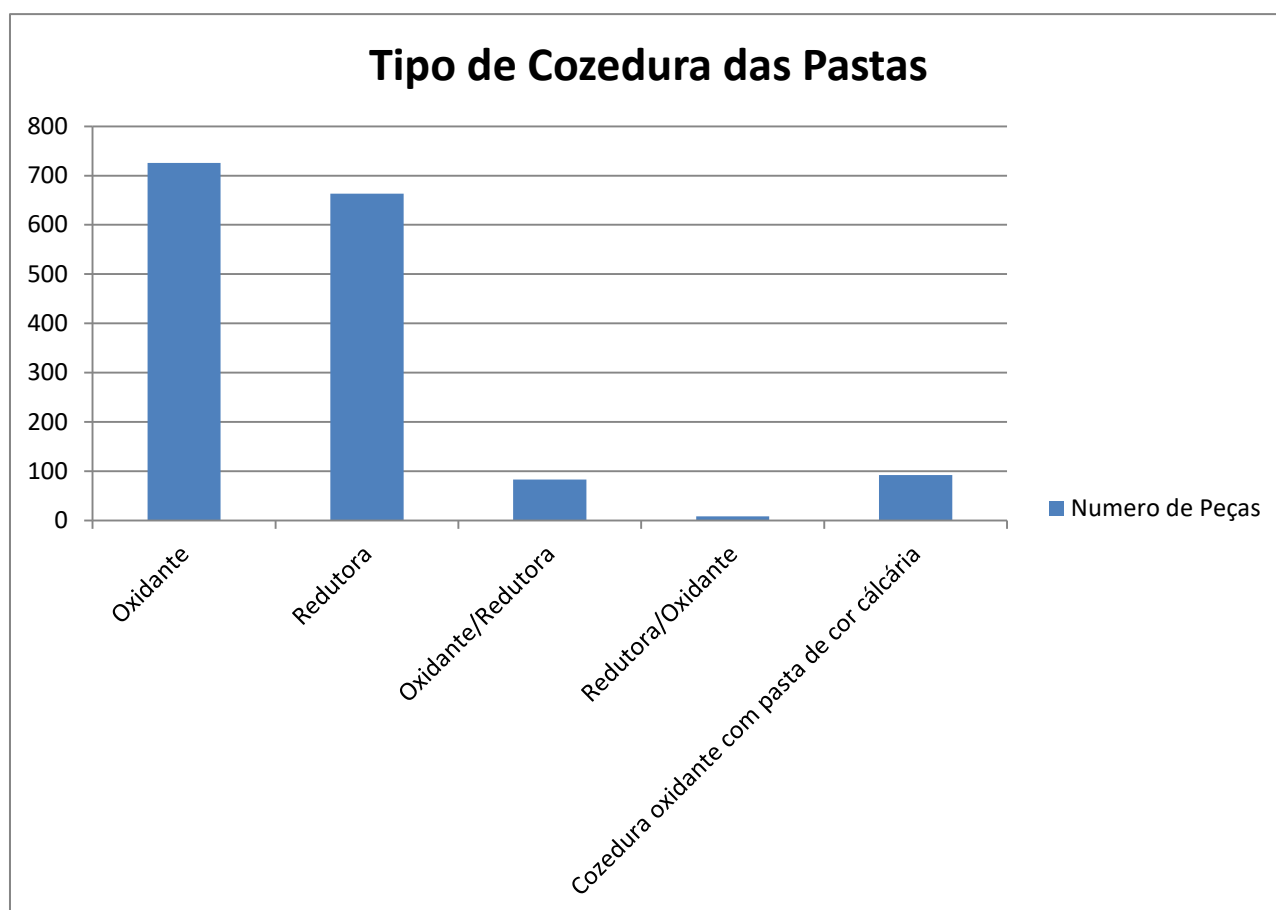
No total foram examinados 1554 fragmentos de cerâmica e mais 1 objecto em osso. A quantidade de espólio material não é extensa, o que permite uma amostragem bastante uniforme na sua morfologia, apesar de se encontrar com um elevado nível de fragmentação, o que impossibilitou a reestruturação completa de peças, tendo sido contabilizados 975 fragmentos que se encontram nesta situação. Conclui-se, portanto, que cerca de 62,3% do material cerâmico carece de identificação tipológica. No entanto, verificou-se alguma disparidade funcional das peças identificadas sem nunca variar dos grupos tipológicos pré-definidos para a cerâmica medieval islâmica (BUGALHÃO, 2009, pp. 469-477). Assim sendo, são apresentados vários fragmentos correspondentes a loiça de cozinha, loiça de mesa, armazenamento e transporte, iluminação e outras produções artesanais.



Da primeira abordagem aos materiais resultou a sua divisão morfológica. Dos 1554 artefactos estudados (equivalentes ao MNI,= número máximo de indivíduos, conf. ARCELIN e TUFFREAU-LIVRE, 1998), 1469 revelaram ser de cerâmica comum, 102 de cerâmica vidrada e 1 única peça em osso. A cerâmica comum compõe a grande maioria do espólio estudado, com cerca 93,4 % da amostra total, seguida pela cerâmica com decoração vidrada 6,6 % e finalmente pela peça singular em osso, com 0,06 %.

A distribuição quantitativa das peças pelos diferentes momentos da casa não é uniforme, como já se viu anteriormente acontecer com a tipologia dos fragmentos. Outro parâmetro de análise da cerâmica foi a cozedura da pasta, que revela o predomínio de uma cozedura oxidante nas peças, tendo sido registados cerca de 726 (46,2% MNI) casos. A segunda preferência de cozedura foi a redutora, identificada em 663 exemplares (42,3% MNI) peças. Depois destes dois tipos de cozedura, constatou-se que 92 peças (5,9% MNI) apresentam pasta calcária e cozedura oxidante, nomeadamente a cerâmica vidrada, seguida de 83 (5,3% MNI) com uma cozedura oxidante/redutora e finalmente apenas 8 casos (0,5% MNI) de uma cozedura redutora/oxidante. A leitura dos materiais revela ainda que pelo menos metade da cerâmica apresenta elementos não-plásticos abundantes na sua composição, ou seja, pequenos quartzosos (quartzos, quartezitos), calcites, micas e grogue, sempre de pequena dimensão, o que pode sugerir uma produção local.

Outra característica relevante prende-se com o facto que muitos dos fragmentos apresentam sinais de que provavelmente passaram por alterações térmicas após a cozedura da peça. Isto é comum na generalidade dos artefactos da casa 15, uma vez que não se restringe apenas aos fragmentos que tipologicamente pertencem a peças destinadas ao fogo, como as caçoilas e as panelas, por exemplo.

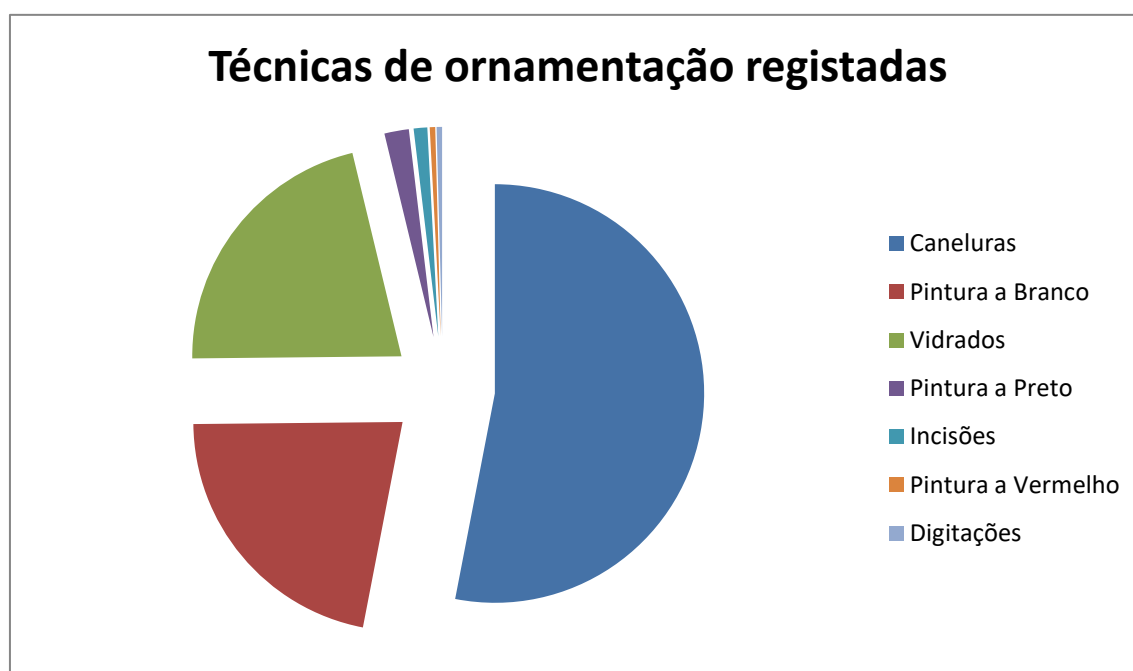


Quanto ao espólio que apresenta decoração, foram registados 477 fragmentos de cerâmica que apresentavam elementos decorativos, o que constitui quase um terço do conjunto total da amostra. Dentro do conjunto, 102 são fragmentos de cerâmica vidrada que podem apresentar combinações monocromáticas e bicromáticas com tonalidades acastanhadas, esverdeadas, de melado acastanhado, melado verde, verde manchado e ainda melado de manganês nas faces interiores e/ou exterior das peças. A escolha de vidrado mais comum é o monocromático, sendo a cor mais utilizada o verde com as suas várias variações escuras, claras e machado.

Pondo de parte a ornamentação vidrada, o elemento decorativo que mais se verificou nas peças foi a canelura, que em alguns casos foi utilizado juntamente com o vidrado. A pintura com tonalidade branca foi a segunda técnica decorativa mais empregue, com 104 fragmentos a exibir este tipo de decoração. Em muitos casos, a pintura encontrava-se desgastada sendo apenas possível visualizar vestígios da mesma. Quando esta ornamentação se encontra em bom estado de conservação, é possível observar que o motivo decorativo mais frequente era de conjuntos de linhas horizontais e diagonais na zona do bordo e do bojo da peça.

Para além do modelo de pintura a branco, foram registados 9 fragmentos de cerâmica que apresentavam decoração pintada a preto e ainda mais 2 com pintura a vermelho. Em ambos os casos, o motivo de decoração se mantém semelhante ao anterior com a definição de linhas de cariz diagonal na peça. Quanto à tipologia, os fragmentos de cerâmica que apresentam este modelo de ornamentação são na sua maioria jarras ou jarros, com a exceção de dois copos que apresentavam indícios de pintura com tonalidade vermelha no seu bordo. Depois da ornamentação pintada, 5 fragmentos de cerâmica indicaram uma decoração incisa com motivos ondulados e mais 2 com digitação.

Resumindo, da amostra total de 477 peças de cerâmica ornamentada, cerca de 53% apresenta ornamentação em caneluras; 21,8% pintura a branco; 21,4% constitui cerâmica vidrada; 1,9% possui pintura a preto; 1% apresenta marcas incisas e 0,4% com pintura a vermelho ou digitações.



Definição dos tipos de fabrico da cerâmica registada.

Apesar da grande maioria da amostragem não possuir uma identificação tipológica, e do grosso dos fragmentos consistirem morfologicamente paredes, foi possível identificar em alguns bordos e bases, sendo que a sua análise mais minuciosa permitiu definir tipos de fabrico. Por vezes estes grupos são apenas constituídos por um

único fragmento, pois a sua morfologia não o permite integrar em tipo definido. A metodologia empregue para designar os grupos consiste na atribuição de uma letra capital que vai distinguir aquele grupos juntamente com um valor numeral que indica a posição daquele fragmento e ao mesmo tempo informa do número de fragmentos associados aquele tipo de fabrico como por exemplo:

A loiça de cozinha

Panelas

A cultura cerâmica que tipologicamente se insere no grupo da loiça de cozinha é a mais numerosa de todo o contexto, vendo ultrapassada a sua quantidade apenas pelo vasto número de fragmentos em que não foi possível estipular a sua tipologia. Dentro deste grupo, a forma mais comum são os contentores de fogo para a produção alimentar designados de panelas. As panelas representam cerca de 15,4% (MNI) do espólio total da casa sendo registados 239 fragmentos, vectorizados e analisados 17 bordos. Isto explica-se pelo facto de a maior parte dos fragmentos constituírem a zona dos bojos das peças, mas também devido ao desgaste da maioria dos artefactos. No entanto, foi possível distinguir cerca 8 variantes formais, designadas de A-1 a H-1.

- Grupo A – Os fragmentos desta tipologia apresentam um desenvolvimento vertical em que o bordo se distingue por ser mais robusto mas que no entanto mantém o seu formato semicircular.
- Grupo B – Com um bordo ligeiramente extrovertido e com um progresso semelhante a este tipo de fabrico, já apresenta um formato em forma semelhante a um S, com um início do bordo vertical que depois se desenvolve na zona do colo para o exterior da peça. Esta forma distingue-se por ser mais espessa na zona do colo da peça.
- Grupo C – Os fragmentos pertencentes a esta tipologia partilham alguns aspectos semelhantes com a tipologia B, nomeadamente na sua forma em S. O que difere esta tipologia da anterior é a sua menor espessura na zona do colo do bordo ao se pronunciar mais verticalmente antes de se desenvolver para o exterior.

- Grupo D – Nesta tipologia os fragmentos apresentam o mesmo formato em S que os anteriores, sendo também idêntico o estilo de bordo. No entanto, após a zona do colo o ombro apresenta uma orientação vertical e ou introvertido.
- Grupo E – Apenas um fragmento de panela é representado neste grupo não tendo sido possível identificar mais nenhum caso semelhante. Desta maneira, este tipo de fabrico apresenta um bordo extrovertido com um formato quadrangular.
- Grupo F – É definido por apresentar um desenvolvimento vertical semelhante ao grupo D, porém o bordo encontra-se com um formato mais semicircular, não sendo a zona do colo tão definida como nos casos anteriores.
- Grupo G - Neste conjunto é apresentado um colo definido com orientação extrovertida verificando-se a existência de caneluras no ombro do fragmento.
- Grupo H – No último grupo de fabrico é apresentado o colo mais definido de todo o conjunto material juntamente com um lábio semicircular formando um arco direccionado para cima.

Caçoilas

A seguir às panelas, os fragmentos de caçoilas são os mais numerosos dentro do conjunto de loiça de cozinha, sendo registados 24 fragmentos, o que representa cerca de 1,5% da amostra total das fases. Desta tipologia, foram registados 15 bordos divididos em 7 grupos de variantes com a designação de A-1 a G-1.

- Grupo A – Este tipo de fabrico define-se pelo lábio plano com uma orientação introvertida cujo desenvolvimento do fragmento é recto. Para além disso, identifica-se uma marca decorativa do estilo canelura sobre o lábio.
- Grupo B – Neste grupo os fragmentos apresentam um lábio plano que é oposto à tipologia anterior, têm um ligeira inclinação ficando supostamente diagonal ao resto da peça. Para além disso, o lábio prolonga-se para o exterior do fragmento. O corpo identifica-se como formato de calote esférico podendo possuir uma carena que demarcaria o início do fundo.

- Grupo C – Grupo formado por uma peça única. O bordo possui uma morfologia semelhante ao tipo B com uma orientação mais recta ficando o lábio vertical ao resto do bordo.
- Grupo D – Neste grupo o lábio continua a ser plano com uma orientação igual ao tipo B porém, a sua extensão para o exterior não é tão prolongada dando uma estética mais quadrada ao fragmento.
- Grupo E – Conjunto em que se identifica uma orientação introvertida do bordo com um lábio arredondado “fechado” sobre si mesmo.
- Grupo F – Neste grupo, os fragmentos encontram-se novamente com uma orientação introvertida em que o lábio possui um formato espessado em vez de semicircular.
- Grupo G – Este tipo de fabrico é composto por um único fragmento com um lábio plano com caneluras espessas na zona superior do mesmo.

Alguidar

Os fragmentos desta tipologia são muito escassos, não chegando a compor 1% da amostra total (MNI). Os únicos fragmentos associados a esta tipologia consistem em paredes, na sua esmagadora maioria. No entanto, registou-se um fragmento de bordo que permitiu constituir o único tipo desta morfologia.

- Grupo A (único) – bordo extrovertido em aba vertical

A loiça de Mesa

Sólidos

Tigelas

O segundo grupo funcional com mais presença na cultura material da casa 15 é a loiça de mesa. Dentro deste, o valor mais revelante a nível tipológico consiste no conjunto das tigelas, com 41 fragmentos registados e significando cerca de 2,6% da amostra. Foram identificados 12 bordos, subdivididos em tipos nomeados de A – F, juntamente com 4 fundos a que foi atribuído um tipo à parte dos bordos, não se podendo

garantir a sua equivalência a nenhuma das variantes da porção superior deste tipo de recipientes.

- Grupo A – Os fragmentos apresentam uma orientação introvertida com desenvolvimento recto com um lábio em aba orientado ligeiramente para cima. Quanto ao seu tipo de fabrico, as tigelas vão apresentar 7 tipos diferentes de fabrico.
- Grupo B – Constituído por fragmentos introvertidos com progressão recta com um lábio triangular.
- Grupo C – Semelhante ao grupo A só que o lábio é vertical ao resto do fragmento.
- Grupo D – Grupo de fabrico semelhante ao tipo B apenas difere porque o lábio se apresenta diagonalmente com o resto do fragmento.
- Grupo E – Tipo de fabrico que engloba os fragmentos com um lábio triangular orientados verticalmente e o mesmo é mais pronunciado e espesso que o conjunto B.
- Grupo F – Fragmentos com orientação introvertida e com um lábio do estilo plano.

Fundos de Tigelas

- Grupo A – Este grupo é composto por um fragmento de tigela em pé anelar. O que destaca o primeiro conjunto de fabrico desta tipologia, é a identificação de uma carena no fragmento, ao demarcar o início do fundo da peça criando um “vazio” em arco que depois vem conectar com o pé.
- Grupo B – Semelhante ao formato anterior, este fragmento de tigela apresenta um pé anelar que elevaria a peça mas no entanto, não possui nenhum elemento morfológicamente marcante. Este grupo representa o formato mais simples desta tipologia identificada.
- Grupo C – Este conjunto é definido pela distinta aparência da base com a identificação do pé anelar moldurado.

Prato

Os fragmentos de prato passam por uma condição semelhante aos de algarida com um número de fragmentos que não chega a significar 1% da cultura material. Os vestígios desta morfologia são na sua maioria paredes e alguns fundos. Porém, foi possível identificar um bordo que forma o único tipo.

- Grupo A (Único) – definido por um bordo vertical com um lábio arredondado.

Taças

A funcionalidade de taça representa a maioria dos fragmentos em todas as fases, superando o número de fragmentos associados às tigelas. No total, foram registados 52 fragmentos desta morfologia, o que representa 3,3% da cultura material. No entanto, se esta funcionalidade é superior em números aos fragmentos de tigela, é inferior em diversidade tipológica. Apenas foram formados dois tipos, A e B, cada um composto apenas por um bordo.

- Grupo A – Conjunto representado por um bordo introvertido com lábio triangular.
- Grupo B – Semelhante ao conjunto A porém o lábio apresenta um formato semicircular.

Salseiro

Trata-se de um fragmento de bordo único a que é atribuído esta designação funcional devido às suas dimensões.

- Grupo A (único) – bordo vertical de base robusta.

Líquidos

Copos

Apesar da sua pequena presença material de 18 fragmentos (1,2% do MNI total das fases) identificaram-se dois bordos distintos desta morfologia

- Grupo A – Grupo definido por um bordo introvertido com o lábio plano.
- Grupo B – Conjunto destacado pela identificação de um bordo vertical triangular

Jarras

Associada a esta funcionalidade foram identificados 20 fragmentos (1,3% do MNI total das fases) dos quais apenas 1 bordo foi possível analisar e estipular um único grupo. Foram também registados 17 fragmentos variados de jarros, porém nenhum se revelou elegível para uma análise mais profunda.

- Grupo A (único) – bordo vertical com lábio biselado apresentado caneluras no exterior.

Cantarinha/Infusa

Fragmento de bordo único em todo o contexto arqueológico estudado.

- Grupo A (único) – bordo extrovertido com lábio triangular.

Instrumentos de uso agrícola ou artesanal

Trempe

Este fragmento de produção oleira é o único deste tipo recuperado.

- Grupo A (único) - Formato triangular com bordos arredondados

Objectos de iluminação

Base de Candil

No total foram identificadas 6 bases em que apenas de um deles foi possível classificar o seu tipo de fabrico devido aos altos níveis de degradação dos restantes fragmentos. Também se procedeu à análise de um bico de candil.

- Grupo A (único) – Base de candil em bolacha

Bico de Candil

- Grupo A (único) – Bico de candil

Armazenamento e transporte

Cântaros:

O último grupo tipológico que falta referir é de armazenamento e transporte. Nas três fases estudadas, 94 fragmentos foram associados a esta morfologia, significando assim 6% do total da cerâmica registada. Pertencentes a este grupo, 30 fragmentos possivelmente estão classificados como bordos, paredes, asas e fundos de cântaros. Deste grupo apenas se definiram dois tipos, cada um representado um bordo distinto.

- Grupo A – Bordo introvertido semicircular cujo lábio “recai” sobre o resto do bordo
- Grupo B - Bordo com um desenvolvimento interior apresentado caneluras na zona do lábio

Potes:

Se os fragmentos anteriores foram registados como pertencentes a cântaros, os 64 restantes pertencem a potes. A maioria dos fragmentos continua a ser composto por paredes e fundos. No entanto foi possível destacar dois bordos que formam dois tipos

Grupo A – Destaca-se pela definição de um bordo introvertido com lábio quadrangular.

- Grupo B - Definido por representar um bordo extrovertido com um lábio de formato triangular

A cultura material associada a habitação 15: As Fases

A 1ª Fase: Preparação e urbanismo

Como já foi referido, a cultura material não se associa à totalidade das unidades estratigráficas, o que origina uma falta de informação física sobre alguns aspectos da casa. A distribuição do espólio recuperado também não é uniforme, ao existirem unidades com grandes quantidades de material relacionado, enquanto outras apenas possuem uma amostra muito finita. No caso da primeira fase, a cultura material apenas corresponde às primeiras unidades de nivelamento da casa, ou seja às unidades [4137]; [4133] e [4132]. Dos níveis associados aos primeiros levantamentos estruturais, ou às divisões da própria casa, nenhum espólio foi identificado o que é deveras estranho pois há indícios da presença espólio material na cozinha como é representado na figura C.

A cerâmica proveniente das camadas de nivelamento revelou-se como a mais numerosa e mais tipologicamente diversificada do que nas outras fases. Foram processados cerca de 978 fragmentos de cerâmica sendo a sua distribuição por unidades estratigráficas a seguinte: 396 fragmentos da unidade [4137]; 506 da unidade [4133] e 43 da [4132].

A cultura material da Unidade estratigráfica [4137]

Referentes a esta unidade, foram processados um MNI de 396 fragmentos (88 NMI) cuja distribuição tipológica pode ser evidenciada pela tabela 1.

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [4137]							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela Tipo A	2				2	0,5%	2	2,3%
Panela Tipo B	1				1	0,3%	1	1,3%
Panela Tipo C	2				2	0,5%	2	2,3%

Panela Tipo D	6				6	1,5%	6	6,8%
Panela Tipo E	1				1	0,3%	1	1,3%
Panela Tipo F	1				1	0,3%	1	1,3%
Panela Tipo G	1				1	0,3%	1	1,3%
Panela Tipo H	1				1	0,3%	1	1,3%
Panela sem Tipo definido		2	65	20	87	22%	20	22,7%
Caçõila Tipo A	1				1	0,3%	1	1,3%
Caçõila Tipo B	3				3	0,3%	3	3,4
Caçõila Tipo C	1				1	0,3%	1	1,3%
Caçõila sem tipo definido		4	3		7	1,8%	2	2,3%
Tigela Tipo A	1				1	0,3%	1	1,3%
Tigela Tipo B	1				1	0,3%	1	1,3%
Tigela Tipo C	1				1	0,3%	1	1,3%
Fundo de Tigela Tipo A				1	1	0,3%	1	1,3%
Fundo de Tigela Tipo B				1	1	0,3%	1	1,3%

Fundo de Tigela Tipo C				1	1	0,3%	1	1,3%
Tigela sem tipo definido	1		10	1	12	3%	1	1,3%
Cântaro Tipo A	1				1	0,3%	1	1,3%
Cântaro Tipo B	1				1	0,3%	1	1,3%
Cântaro sem tipo definido		8	6		14	3,5%	4	4,5%
Copo sem tipo definido			5		5	1,3%	5	5,7%
Pote Tipo A	1				1	0,3%	1	1,3%
Pote Tipo B	1				1	0,3%	1	1,3%
Pote sem tipo definido	2		11	2	15	3,8%	2	2,3%
Prato Tipo A	1				1	0,3%	1	1,3%
Prato sem tipo definido			1	2	3	0,8%	2	2,3%
Tampa			1		1	0,3%	1	1,3%
Taça Tipo A	1				1	0,3%	1	1,3%
Taça Tipo B	1				1	0,3%	1	1,3%
Taça sem tipo			8	1	9	2,3%	1	1,3%

definido								
Púcaro		2	1		3	0,8%	2	2,3%
Salseiro	1				1	0,3%	1	1,3%
Trempe	1				1	0,3%	1	1,3%
Candil				1	1	0,3%	1	1,3%
Fogareiro			2		2	0,5%	2	
Jarra Sem tipo definido		1	1		2	0,5%	1	1,3%
Jarro		1	3		4	1%	1	1,3%
Alguidar			1		1	0,3%	1	1,3%
Fragmentos sem tipologia determinada	1	2	186	7	196	49,5%	7	8%
Total	36	20	274	37	396	100%	88	100%

Como se observa pela tabela, o primeiro ponto a ser realçado é a vasta presença de fragmentos associados a loiça de cozinha em comparação as restantes tipologias, traduzindo-se em 29,5% do valor total máximo dos fragmentos da unidade. Dentro deste conjunto, verifica-se um vasto predomínio tipológico de panelas ao serem identificados cerca de 102 fragmentos, o que se traduz em 26% de todo o espólio cerâmico da fase. Neste valor, destacam-se ainda 15 fragmentos de bordos distintos que se dividem por todos os diferentes tipos de fabricos já pré-estabelecidos.

Começando pelo primeiro grupo de fabrico A, temos os bordos *C2-15062-6* (ver anexo pág.2) e *C3-15081-3* (ver anexo pág. 26). Apesar de ambos estarem agrupados no mesmo tipo de fabrico, os paralelos estabelecidos não podiam ser mais distintos. Do primeiro bordo de panela estabelecem-se paralelos no Mandarin Chinês mais exactamente com a peça nº4109 (BUGALHÃO, 2007, p.340), enquanto no segundo caso, o paralelo encontra-se em Palmela, com a peça 1476 (ARAÚJO, 2014, p. Estampa

6). Em ambos os casos, a cronologia atribuída é a mesma, situando os fragmentos como painéis datáveis do século XI.

Do segundo tipo de fabrico apenas temos o exemplo de bordo vertical com lábio arredondado *C2-15072-3* (ver anexo pág.5). Esta forma tem paralelos no mesmo contexto antes citado para o primeiro bordo de panela do tipo A, mas com a peça designada de 554. A sua cronologia é no entanto mais recente do que o outro fragmento, situando-se já nos finais do século XI até meados do XII (BUGALHÃO, 2007, p.592).

Seguindo para o tipo de fabrico C, este é composto por dois bordos. O bordo *C3-15104-2* (ver anexo pág.13) apresenta uma orientação vertical semicircular com uma pequena deformação na zona do colo no interior do bordo. Se ignorarmos esta deformação, o fragmento apresenta paralelos com peça 113 do contexto arqueológico da Rua dos Correeiros (BUGALHÃO, 2003, p.148) onde é sugerido que se trata de uma produção local semelhante aos casos dos bordos do Mandarin Chinês. O outro bordo deste tipo de fabrico designado de *C3-15104-4* (ver anexo pág.15) também parece ter sido fabricado em Lisboa, mais exactamente na zona do Mandarin Chinês. Esta hipótese é justificada pelo paralelo estabelecido entre este fragmento e a peça 554 daquele contexto. Mais uma vez pressupõe-se que se trata de uma produção local com uma cronologia se enquadra entre os séculos XI e XII (BUGALHÃO, 2004, p.592)

Os fragmentos de panela do tipo D são os mais numerosos do contexto, com um total de 6 bordos distintos. Apesar do formato do bordo em S, o que distingue este grupo é a orientação vertical e introvertida do mesmo. Quanto à estipulação dos paralelos, o grupo apresenta uma diversidade de zonas arqueológicas. Começando pelos contextos arqueológicos da zona de Lisboa, os bordos *C3-15104-3* (ver anexo pág.14); *C3-15104-5* (ver anexo pág.16) e *C3-15104-6* (ver anexo pág.17) apresentam paralelos no Mandarin Chinês e Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros, nomeadamente as peças 212 e 589 do primeiro (BUGALHÃO, 2004, pp. 590-91) e a peça 2984 do segundo (BUGALHÃO, 2007, p.340). Trata-se de painéis produzidas localmente cuja cronologia se integra entre os séculos XI e XII. Os bordos *C3-15104-11* (ver anexo pág. 22) e *C3-15104-12* (ver anexo pág.23) são os primeiros desta variante a apresentar paralelos fora da área de Lisboa, mais exactamente em Palmela. Ambos os fragmentos assemelham-se ao fragmento 277 recuperado na camada 15 da galeria 5 (ARAÚJO, 2014, Estampa 9). Para o último fragmento de bordo designado de *C3-15104-9* (ver anexo pág.20) não foi possível averiguar qualquer paralelo.

Os dois tipos que se seguem são ambos compostos apenas por 1 fragmento de bordo cada. Ambos os seus paralelos também se encontram em Palmela, porém em unidades estratigráficas diferentes do sítio arqueológico. No caso do bordo *C3-15104-7* (ver anexo pág. 18) do tipo E, o paralelo definiu-se com a peça 277 da camada 11B (ARAÚJO, 2014, Estampa 30), enquanto o paralelo do fragmento de panela *C3-15104-8* (ver anexo pág.19) se recuperou da camada 14 (ARAÚJO, 2014, pp. Estampa 16). A cronologia é também compreendida entre os séculos X e XI. Para terminar este grupo tipológico, o bordo do tipo H que correspondente ao fragmento *C3-15102-4* (ver anexo pág. 30) possui paralelos com a panela islâmica 1 em Évora (GONCALVES, 2012).

Dentro do tema da loiça de cozinha, a segunda tipologia mais atestada, com 12 fragmentos, foram as caçoilas que à semelhança do caso das panelas, foi possível agrupar os fragmentos em distintos estilos de modelação.

Do primeiro fragmento designado de *C2-15108-2* (ver anexo pág.6), foi encontrado paralelo numa peça designada de 45 em Évora. Tal sucede com os fragmentos de bordo tipo B *C2-15108-10* (ver anexo pág.8) e *C3-15095-3* (ver anexo pág. 28) em que foi possível encontrar paralelos na mesma zona (GONCALVES, 2012). Do último bordo, *C3-15081-1* (ver anexo pág. 25) encontrou-se correspondência em Mértola, onde lhe é atribuído uma cronologia da segunda metade do século XII até à segunda metade do XIII (GOMEZ,2004,pp.909). Por fim, falta o paralelo do fragmento de caçoila *C2-15108-14* (ver anexo pág.9) cuja única diferença morfológica está relacionada com a orientação vertical do bordo e que a paralelização corresponde também em Évora. De todos os fragmentos registados como tendo a funcionalidade acima dita, apenas não foram agrupados 7 fragmentos correspondentes a 4 asas e 3 paredes. Por fim, foi identificada ainda uma parede pertencente a um alguidar e mais duas associadas a um possível fogareiro.

A segunda tipologia mais numerosa, significando 10,1% do total de fragmentos, corresponde à cerâmica de loiça de mesa nomeadamente tigelas, taças, jarro, jarra, pratos, copos e púcaros. A maioria dos fragmentos pertence a tigelas, de que foram identificados 18 fragmentos e em que 4 são bordos agrupados em distintos grupos morfológicos e outros 4 são fundos, que se encontram em situação semelhante. Começando pelos bordos, o primeiro designado de *C3-15095-1* constitui um simples bordo introvertido com 14 cm de diâmetro em que o paralelo se faz em Beringel no Baixo-Alentejo (CARDOSO ALBERTO, 2014, p.107). O segundo bordo de tipo de

fabrico B com designação de *C3-15083-5* (ver anexo pág.34) já constitui um exemplo da cerâmica vidrada da casa 15. Com uma totalidade vidrada bicromático em verde e melada não foi possível encontrar paralelos do fragmento. Já o ultimo bordo de tigela desta unidade, *C3-15095-2* (ver anexo pág. 35) para elem de apresentar um tipo de decoração vidrada de verde e verde-escuro foi possível averiguar para ele um paralelo no Museu de Mértola, ali datado do século XI (TORRES, 1987, p.79).

Quanto aos três fundos, o do fabrico A *C3-15079-11* (ver anexo pág. 11) é de cerâmica comum, enquanto os outros dois *C4-15068-70* (ver anexo pág. 31) e *C2-15239-8* (ver anexo pág. 32) apresentam decoração vidrada monocromática de tonalidade verde no caso do primeiro, e bicromático de tonalidade verde e melada no caso do segundo. Quanto aos paralelos, do primeiro fragmento não foi possível encontrar nenhum paralelo. Porém para os outros dois foram identificados exemplares similares no Mandarin Chinês, em Lisboa (BUGALHÃO, 2004, pp. 606-607). O resto dos fragmentos desta tipologia compõe-se por paredes das peças.

Para além dos fragmentos de tigelas, 11 outros foram associados a taças, em que os únicos dois bordos desta tipologia estipulam os tipos A e B anteriormente referidos. O primeiro bordo *C2-15262-4* (ver anexo pág. 4) é introvertido e com o lábio triangular, e apresenta motivos decorativos de pintura branca através da aposição de linhas horizontais no lábio. Este fragmento vai apresentar paralelos em Silves (GOMES, 1997). O segundo bordo *C4-7997-2* possui um formato introvertido com lábio semicircular medindo uns impressionantes 19 cm de bordo, tendo paralelos também em Silves (GOMES, 1997). De seguida, temos 5 paredes de possíveis copos; 1 bordo de um prato juntamente com 1 parede e dois fundos do mesmo tipo de peça. O fragmento *C2-15239-1* (ver anexo pág.3) foi único bordo identificado desta tipologia e que para além do seu tamanho de 22 cm diâmetro não foi possível constatar o seu paralelo.

Foram ainda registadas duas asas e uma parede de púcaro; 1 asa de jarra e juntamente um outra de jarro e uma a parede da primeira e 3 da segunda. Para terminar, foi descoberto um bordo de salseiro *C2-15108-9* (ver anexo pág. 10), o único fragmento deste estilo em toda a fase. Trata-se de bordo com orientação vertical e lábio arredondado medindo cerca de 8 cm de diâmetro. Apesar de não apresentar qualquer indício de decoração vidrada, a peça é composta por uma pasta de grão fino semelhante àquela da cerâmica vidrada., não sendo possível o estabelecimento de paralelos.

O último grupo tipológico que falta apresentar é a cerâmica de armazenamento, de que na unidade [4137] são identificados 3 tipos diferentes de cerâmica com esta funcionalidade. Estes 34 fragmentos (correspondentes a 8,6% do MNI total da unidade) dividem-se em 2 bordos, 8 asas e 6 paredes de cântaros; 4 bordos, 11 paredes e 2 fundos de pote e 1 parede de tampa de talha.

Quanto aos bordos de cântaro, foi possível agrupá-los em dois tipos de distintos. Na variante A o bordo é introvertido e o lábio semicircular aprestado um valor de 16 cm de diâmetro. O fragmento *C3-15083-9* (ver anexo pág.24) apresenta uma decoração a pintura a branco com motivos decorativos de linhas horizontais na zona do bojo. É ainda evidente alguns indícios de transformações térmicas no fragmento. O fragmento de bordo apresenta paralelos no Mandarim Chinês (BUGALHÃO, 2004, p.171). O segundo bordo de cântaro *C3-15102-4* (ver anexo pág. 29) do segundo tipo de fabrico, revela um formato mais espesso que o anterior mas com um diâmetro mais reduzido de apenas 12 cm. Possui caneluras na zona do bordo. Quanto aos paralelos, este revela-se semelhante ao bordo anterior, também com paralelos no Mandarim Chinês (BUGALHÃO, 2004, p.170).

Quanto aos bordos de pote, apesar de terem sido identificados 4 fragmentos apenas foi possível definir tipologicamente dois deles devido às condições de extremo desgaste dos restantes. Desta maneira, o bordo de pote tipo A designado de *C2-15062-3* (ver anexo pág. 1) revela uma técnica decorativa do tipo vidrado monocromático com uma tonalidade de melado acastanhado. Para além disso, o fragmento apresenta ainda caneluras muito leves no vidrado. Não foi possível designar paralelos para a peça. O segundo bordo *C2-15108-6* (ver anexo pág.7) já é de cerâmica comum, tendo uma orientação extrovertida e a pasta apresentado diversos elementos não-plásticos denunciando fabrico local, e para ele foram estabelecidos paralelos em Mértola (TORRES, 1987, p. 24),

Os dois fragmentos restantes correspondem a funcionalidades distintas. O primeiro, designado de *C3-15079-19* (ver anexos pág.12) trata-se de uma trempe em cerâmica comum parcialmente fragmentada e de que infelizmente não foi possível verificar a existência de paralelos. O segundo, *C3-15102-2* (ver anexo pág. 33) consiste numa base de candil que se encontra numa situação semelhante.

Para os restantes 196 fragmentos, que formam 49,5% (MNI) do material cerâmico da unidade, a sua funcionalidade não foi definida.

Após toda a informação exposta, falta apenas fazer referência à estimativa do NMI (ARCELIN e TUFFREAU-LIVRE, 1998). Segundo esta metodologia de quantificação, verifica-se que na unidade estratigráfica [4137] foram identificados pelo menos 88 peças de cerâmica em que: 35 são panelas, 7 são caçoilas, 7 são tigelas, 6 são cântaros, 5 copos, 4 correspondem a potes, 3 são pratos, 1 tampa, 3 taças, 2 púcaros, 1 salseiros, 1 trempe; 1 candil; 2 fogareiros; 1 jarra e 1 jarros; 1 alguidar e 7 são peças de tipologia indeterminada.

A cultura material da Unidade estratigráfica [4133]

Em comparação à primeira unidade de nivelamento da casa 15, foram registados 506 fragmentos. A unidade [4133] impõe-se, assim, como a maior fornecedora artefactual do contexto arqueológico. A tabela demonstra em como se realiza a distribuição funcional dos materiais bem como os valores de MNI e NMI.

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [4133]							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela Tipo B	1				1	0,2%	1	1,3%
Panela Tipo D	1				1	0,2%	1	1,3%
Panela sem tipo definido	2	9	45	19	75	14,8%	19	24,1%
Caçoila Tipo B	2				2	0,4%	2	2,5%
Caçoila Tipo D	1				1	0,2%	1	1,3%
Caçoila	4				4	0,8%	4	5,1%

Tipo E								
Caçoila Tipo F	2				2	0,4%	2	2,5%
Caçoila Tipo G	1				1	0,2%	1	1,3%
Caçoila sem tipo definido			8		8	1,6%	8	10,1%
Tigela Tipo D	1				1	0,2%	1	1,3%
Tigela Tipo E	3				3	0,6%	3	3,8%
Tigela Tipo F	1				1	0,2%	1	1,3%
Tigela sem tipo definido			5	2	7	1,4%	2	2,5%
Cântaro sem tipo definido		2	4		6	1,2%	1	1,3%
Copo Tipo A	1				1	0,2%	1	1,3%
Copo Tipo B	1				1	0,2%	1	1,3%
Copo sem tipo definido		1	4		5	1%	1	1,3%
Pote sem tipo definido			6	5	11	2,2%	5	6,3%
Talha			3		3	0,6%	3	3,8%
Taça sem tipo	1		16	1	18	3,6%	1	1,3%

definido								
Púcaro		2	2		4	0,8%	2	2,5%
Candil			1	1	2	0,4%	1	1,3%
Bico de Candil	1				1	0,2%	1	1,3%
Fogareiro			4	1	5	1%	1	1,3%
Jarra Tipo A	1				1	0,2%	1	1,3%
Jarra sem Tipo definido		6	5		11	2,2%	3	3,8%
Jarro		7	3		10	2%	3	3,8%
Alguidar Tipo A	1				1	0,2%	1	1,3%
Alguidar sem tipo definido			2		2	0,4%	2	2,5%
Bilha			3		3	0,6%	3	3,8%
Fragmentos sem tipologia determinada	1	5	308	2	314	62,1%	2	2,5%
Total	27	32	419	31	506	100%	79	100%

A unidade [4133] vai partilhar algumas características com a [4137] relativamente ao espólio cerâmico. Estas semelhanças são relativamente notórias na distribuição tipológica do espólio cerâmico.

Este factor inicia-se com a verificação dos fragmentos associados a uma determinada funcionalidade, que em ambas se trata da loiça de cozinha, e que neste caso equivale a 20,3% (cerca de 103 fragmentos) do espólio total. Verifica-se que este valor

corresponde a uma considerável fasquia de toda a amostra da unidade, superando qualquer outra classificação tipológica tal como aconteceu na unidade anterior.

Da loiça de cozinha, 77 fragmentos foram indicados como pertencentes ao grupo tipológico das panelas, a que corresponde 15,2% da amostra cerâmica da unidade. Dentro do conjunto identificaram-se 4 bordos distintos que, no entanto, apenas 2 se integram nos modelos de fabrico já definidos. É o caso dos bordos *C1-9510-31* e *C4-7997-11*. O bordo do tipo B *C4-7997-11* (ver anexo pág.55) possui um formato introvertido com um lábio semicircular, medindo cerca de 12 cm de diâmetro apresentado paralelos no Mandarin Chinês, onde é indicado a sua cronologia de entre os séculos XI e XII (BUGALHÃO, 2004, p. 591). O outro fragmento de panela de tipo D *C1-9510-31* (ver anexo pág.36) tem um formato semelhante à anterior só que possui uma orientação introvertida e detém paralelo em Palmela (ARAÚJO, 2014, Estampa 9). Os outros dois fragmentos encontram-se em más condições de conservação e demasiado fracturados para se poder realizar um registo optimizado. Para além dos bordos, foram registadas 9 asas de panela, 45 paredes e 19 fundos.

De seguida, temos o caso das caçoilas, em que dos 18 fragmentos representados nesta unidade, 10 são bordos e 8 paredes. Do tipo B temos em primeiro lugar o bordo introvertido *C2-15223-9* (ver anexo pág.42). Este bordo possui um lábio em aba revelando um conjunto de canelura na zona da parede. Foi possível apurar paralelos na cerâmica islâmica de Évora (GONÇALVES; 2012). O outro bordo *C3-15098-2* (ver anexo pág.43) possui igualmente um lábio em forma de aba juntamente com algumas caneluras na zona do corpo. Os paralelos da peça localizam-se em Mértola (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004, p. 911). Sucessivamente, no único fragmento de bordo de caçoila do tipo D *C4-2403-12* (ver anexo pág. 50) identifica-se um lábio quadrangular criando um aspecto de um bordo quadrado que se desenvolve depois em curva. Os paralelos deste fragmento podem ser observados no espólio islâmico de Mértola (GOMEZ MARTINEZ, 2004, p. 911).

Seguidamente, 4 fragmentos de bordo do tipo de fabrico E. Não existindo grande distinção entre estes 4 bordos, todos apresentam um orientação introvertida com lábios arredondados tendo uma diâmetro entre 20 cm e 26 Cm. Outro aspecto comum é os fragmentos apresentam marcas de alterações térmicas provocados por exposições ao fogo. Quanto aos paralelos, não se verifica uma grande diversificação. Os bordos *C2-15223-6* (ver anexo pág.39); *C4-7992-8* (ver anexo pág.46) e *C4-7997-12* (ver anexo

pág.56) possuem paralelos em Lisboa, nomeadamente no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês (BUGALHÃO, 2007, p. 340), enquanto os paralelos do C4-7992-9 (ver anexo pág.45) se encontram em Palmela (ARAÚJO, 2014, pp. estampa 10).

Os bordos de caçoila de tipo F apenas revelam uma situação semelhante aos do tipo E, com dois fragmentos de bordos quase idênticos. Ambos apresentam um bordo introvertido com um lábio espessado com canelura no corpo da peça. A única diferença está nas dimensões. O C2-15223-7 (ver anexo pág. 40) revela 18 cm de diâmetro enquanto o C2-15223-8 (ver anexo pág.41) mede 22 cm. Quanto aos paralelos no C2-15223-7 foram identificados na cerâmica de Palmela, enquanto para o segundo bordo não foi possível identificar qualquer paralelo. O último bordo de caçoila, designado de C3-15088-3 (ver anexo pág. 43) do tipo de fabrico G, apresenta algumas características distintivas. Trata-se do lábio, que apesar de ser considerado plano, possui um espaço no meio como de encaixe. Possivelmente, a peça à qual este fragmento estava associado, possuía um género de tampa que a cobria. Paralelos deste fragmento foram encontrados em Palmela que cronologicamente a situa como sendo dos finais do século X até inícios do século XI (ARAÚJO, 2014, pp. estampa 15). Para finalizar, foram ainda observada a existência de 4 paredes e de 1 fundo de fogareiro, bem como 1 bordo de alguidar, juntamente com 2 bojos da mesma tipologia. Trata-se de um fragmento de bordo de um alguidar designado de C2-15223-3 (ver anexo pág. 38) ao qual se atribui um tipo de fabrico único devido à falta de mais exemplos registados. Este fragmento é no entanto o único deste estilo que foi recolhido em todo o contexto e que infelizmente para ele não foi possível encontrar paralelo.

Depois de quantificada e classificada a possível loiça de cozinha, merece referência a loiça de mesa. Nesta unidade, 66 fragmentos correspondem a 13% da amostra, dividindo-se em diferentes variantes e funcionalidades.

O primeiro são as tigelas, das quais foram identificados 5 bordos, 5 paredes e ainda 2 fundos. Os bordos estão classificados da seguinte maneira: o C4-2403-85 (ver anexo pág.49) enquadra-se no tipo de fabrico D, apresentando uma decoração vidrada monocromática de tonalidade melada, com paralelos no Mandarin Chinês (BUGALHÃO, 2004, p. 606); os C4-2403-88 (ver anexo pág. 51) e C4-7997-13 (ver anexo pág.57) *pertencem* ao mesmo tipo E, ambos apresentando decoração vidrada monocromática com cores verde no primeiro caso e melado no segundo, ambos se

encontrando representados no sítio arqueológico do Mandarin Chinês (BUGALHÃO, 2004, p.606); por fim, o bordo *C4-2403-93* (ver anexo pág. 52) enquadra-se no tipo F, tendo igualmente uma decoração vidrada mas, no entanto, agora bicromática, sendo melado no interior do fragmento e verde no exterior, para o qual, infelizmente, não foi possível averiguar paralelo. Quanto aos fragmentos de taças, foi identificado um bordo sem tipo de fabrico, 16 paredes e ainda um fundo.

Avançando para os contentores de líquidos que integravam o serviço de mesa, foram registados 2 bordos de copo designados de *C4-2403-75* (ver anexo pág.47) e *C4-2403-80* (ver anexo pág. 48). Ambos apresentam um tipo diferente, sendo o primeiro do tipo A e o segundo o tipo B. O que os diferencia não é só a inclinação do bordo como também os elementos decorativos, como por exemplo as caneluras no *C4-2403-80*. Não foi possível no entanto encontrar semelhanças com quaisquer outros fragmentos noutros contextos. Para além destes dois bordos, outros 5 fragmentos pertencendo a 1 asa e 4 paredes da mesma tipologia foram identificados.

De realçar é ainda o bordo de jarra *C2-15240-11* (ver anexo pág. 37) no qual se verifica um lábio biselado e caneluras no bordo. O paralelo para este fragmento encontra-se no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (BUGALHÃO, 2003, p. 380). Para além deste bordo, foram identificados mais 10 outros, o que revela a presença deste tipo de peças na unidade. Em conjugação, foram identificados 7 fragmentos de asa de jarro ainda 3 paredes. Para terminar, identificou-se 2 asa e 4 paredes de cântaro; 2 asas e 2 paredes de púcaro e ainda 2 paredes de bilha

Quanto à cerâmica com funcionalidade de transporte e armazenamento constata-se uma carência de fragmentos. Apenas 6 paredes e 5 fundos de pote e ainda 3 paredes de talha. Em situação similar encontra-se a cerâmica com função de iluminação, mas no entanto identificou-se desta uma parede e um fundo de candil. Um caso distinto é o bico de candil vidrado com tonalidade melada *C4-2403-100* (ver anexo pág. 100) que foi identificado nesta unidade e para o qual foi possível encontrar paralelos com a peça 18 da Rua dos Correeiros (BUGALHÃO, 2007, p. 342).

Por fim, quanto ao NMI é possível verificar que a unidade é composta por pelo menos 79 peças, entre as quais: 21 panelas, 18 caçoilas, 7 tigelas, 1 cântaro, 3 copos, 5 potes, 3 talhas, 1 taça, 2 púcaros, 1 candil e 1 bico de candil, 1 fogareiro, 4 jarras, 3 jarros, 3 alguidares, 3 bilhas e ainda 2 fragmentos sem tipologia.

A cultura material da Unidade estratigráfica [4132]

A cultura material proveniente da unidade [4132] é muito mais reduzida tanto em valores quantitativos como em diversidade, não existindo razões claras que justifiquem tal disparidade. Podemos no entanto supor que, pelo facto de esta unidade ser o último nivelamento do espaço antes dos primeiros levantamentos, ficaria justificada a discrepância acima mencionada. Esta hipótese não é de tal forma impossível se se considerar que não foi evidenciado qualquer espólio material cerâmico proveniente das unidades de levantamento da casa. Os materiais seguintes provêm já da segunda fase de ocupação havendo assim um “vazio” material.

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [4132]							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela sem tipo definido			3		3	7%	3	8,3%
Talha			1		1	2,3%	1	2,8%
Candil			1		1	2,3%	1	2,8%
Fogareiro			6	1	7	16,3%	1	2,8%
Alguidar sem tipo definido			1		1	2,3%	1	2,8%
Bilha			1		1	2,3%	1	2,8%
Fragmentos sem tipologia determinada			28		28	65,1%	28	77,8%
Total			42	1	43	100%	36	100,1%

Tal como se observa na tabela 3, o número de fragmentos é bastante reduzido, sendo o valor máximo (NMI) de apenas 43 fragmentos. Assim, 3 fragmentos correspondem a paredes de panela, 1 de talha, 6 de fogareiro e ainda 1 única parede de alguidar e bilha. Como já foi evidenciado nos níveis anteriores, o maior número de fragmentos corresponde a paredes sem tipologia definida, sendo o único fundo identificado pertencendo a um fogareiro. Com estes valores não é de surpreender que o NMI detenha um valor de apenas 36 peças.

A cultura material da Fase 1: Valores Finais

	LEITURA TIPOLOGICA DA 1ª FASE							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela Tipo A	2				2	0,2%	2	1,3%
Panela Tipo B	2				2	0,2%	2	1,3%
Panela Tipo C	2				2	0,2%	2	1,3%
Panela Tipo D	7				7	0,7%	7	4,5%
Panela Tipo E	1				1	0,11%	1	0,6%
Panela Tipo F	1				1	0,11%	1	0,6%
Panela Tipo G	1				1	0,11%	1	0,6%
Panela Tipo H	1				1	0,11%	1	0,6%
Panela Tipologia	2	11	113	39	165	17,5%	39	25%

indefinida								
Caçoila Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Caçoila Tipo B	5				5	0,5%	5	3,2%
Caçoila Tipo C	1				1	0,11%	1	0,6%
Caçoila Tipo D	1				1	0,11%	1	0,6%
Caçoila sem tipo definido		4	8		12	1,3%	2	1,3%
Tigela Tipo A	1				1	0,2%	1	0,6%
Tigela Tipo B	1				1	0,2%	1	0,6%
Tigela Tipo C	1				1	0,2%	1	0,6%
Tigela Tipo D	1				1	0,11%	1	0,6%
Tigela Tipo E	3				3	0,3%	1	0,6%
Tigela Tipo F	1				1	0,11%	1	0,6%
Fundo de Tigela Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Fundo de Tigela Tipo B	1				1	0,11%	1	0,6%
Fundo de Tigela Tipo C	1				1	0,11%	1	0,6%

Tigela sem tipo definido	1		16	3	19	0,3%	3	1,9%
Escudela Tipo A	4				4	0,4%	4	2,6%
Escudela Tipo B	2				2	0,2%	2	1,3%
Escudela Tipo C	1				1	0,11%	1	0,6%
Escudela sem tipo definido			3		3	0,3%	3	1,9%
Cântaro Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Cântaro Tipo B	1				1	0,11%	1	0,6%
Cântaro sem tipo definido		10	10		20	2,1	5	3,2%
Copo Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Copo Tipo B	1				1	0,11%	1	0,6%
Copo sem tipo definido		1	9		10	0,11%	1	0,6%
Pote Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Pote Tipo B	1				1	0,11%	1	0,6%
Pote sem tipo	2		17	7	26	2,8%	7	4,5%

definido								
Talha			4		4	0,4%	4	2,6%
Prato Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Prato sem tipo definido			1	2	3	0,3%	2	1,3%
Tampa			1		1	0,11%	1	0,6%
Taça Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Taça Tipo B	1				1	0,11%	1	0,6%
Taça sem tipo definido	1		24	2	27	2,9%	2	1,3%
Púcaro		4	3		7	0,7%	4	2,6%
Salseiro	1				1	0,11%	1	0,6%
Trempe	1				1	0,11%	1	0,6%
Candil			2	2	4	0,2%	2	1,3%
Bico de Candil	1				1	0,11%	1	0,6%
Fogareiro			12	2	14	1,9%	2	1,3%
Jarra Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Jarra Sem tipo definido		7	6		13	1,4%	3	1,9%
Jarro		8	6		14	1,9%	4	2,6%
Alguidar Tipo A	1				1	0,11%	1	0,6%
Alguidar Sem tipo			4		4	0,4%	4	2,6%

definido								
Bilha			4		4	0,4%	4	2,6%
Fragmentos sem tipologia determinada	2	7	529	9	547	57,9%	9	5,8%
Total de Fragmentos	63	52	761	69	945	100%	156	100%

Após a análise individual do MNI e NMI (ARCELIN e TUFFREAU-LIVRE, 1998) das unidades estratigráficas [4137], [4133] e [4132] e em conjugação com a definição das diferentes variantes tipológicas de cerâmica segundo o modelo proposto pelo projecto CIGA (BUGALHÃO, 2009, p. 455-476) e por Susana Gómez (GÓMEZ, 2004), foi possível analisar a cultura material da fase e expor os dados de forma sucinta de modo a criar uma leitura de como era composta tipologicamente.

Tal informação fica exposta na tabela 4 da figura ... Nela é possível averiguar que nesta fase foram analisadas no total (MNI) 945 fragmentos de cerâmica islâmica em que 231 fragmentos correspondem a loiça de cozinha (24,4%) e a tipologia mais comum são as panelas; 118 fragmentos estão associados loiça de mesa (12,5%), a tipologia que mais se identificou são tigelas com 33 fragmentos e em segundo com 29 fragmentos taças. A cerâmica de armazenamento é representada por 55 fragmentos (5,8%) enquanto a cerâmica de iluminação com 3 fragmentos (0,5%) e um ainda um único trempe para a produção oleira. O resto dos fragmentos cuja tipologia não foi possível identificar compõe a maior parte da amostra com 547 fragmentos chegando a significar 57,9% do valor total da cerâmica. Tendo em conta a morfologia dos 945 fragmentos, 6,7% são bordos, 5,5% constituem fragmentos de asas e 7,3% são fundos.

A esmagadora maioria dos fragmentos são sem surpresa, paredes de peças que representam 80,5% de todo o espólio. De todos os fragmentos associados à 1ª fase de construção da casa pelo menos 56 são panelas, 20 são caçoilas, 9 são tigelas e 3 fundos da mesma tipologia; 7 são cântaros; 3 são copos; 9 são potes; 4 são talhas; 3 são pratos; 1 é tampa; 4 são taças; 4 são púcaros, 1 é um saleiro e 1 trempe, 2 são candis e um bico

de candil; 2 são fogareiros e 4 são jarras; 4 são jarros; 5 são alguidares; 4 são bilhas e 9 são peças das quais não foi possível identificar a sua tipologia.

Para além de todo o material cerâmico, foi descoberto um artefacto em osso que não está incluído na listagem realizada. Trata-se de uma conta de colar em osso com apenas 2 cm de diâmetro. No entanto, não se averiguou algum paralelo relacionado com a mesma.

A 2ª Fase: Ocupação e uso

A cultura cerâmica da segunda fase construtiva da casa 15 apenas vai incidir sobre duas unidades estratigráficas. A primeira, designada de [2141], corresponde à pavimentação em terra batida e brita da casa. Esta unidade está localizada na zona denominada de pátio, e esta é a primeira estratigrafia a surgir após o levantamento da edificação. A outra unidade estratigrafia na qual foi possível recolher alguns fragmentos de cerâmica foi o interface de abandono [2076] que marca o fim da fase de ocupação para o momento seguinte. De maneira semelhante à fase anterior, foi utilizada a metodologia de contagem dos MNI e NMI (ARCELIN e TUFFREAU-LIVRE, 1998) juntamente com as definições tipológicas pré-definidas para formular o estudo e agrupar toda a informação relativa ao material cerâmico nas tabelas em baixo representadas. Pode já referenciar-se que enquanto da unidade [2141] foram registados 40 fragmentos de cerâmica, da unidade [2076] foram 299 artefactos a passarem por este processo.

A cultura material da Unidade estratigráfica [2141]

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [2141]							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total%
Pote sem tipo definido			29		29	72,5%	1	33,3%
Taça sem tipo definido			9	1	10	25%	1	33,3%

Candil				1	1	2,5%	1	33,3%
Total			38	2	40	100%	3	99,9%

Não se pode ser retirar muita informação desta unidade, uma vez que apresenta uma amostragem pobre tanto na qualidade como na quantidade. Apenas três tipologias foram identificadas, cada uma com um conjunto muito reduzido de fragmentos associado. Na primeira tipologia, temos 29 fragmentos de parede de um pote que após a sua observação individual, é seguro estimar que todas pertenciam à mesma peça. Esta teoria é reforçada pela semelhança de cozedura, ao que todos os fragmentos apresentam uma cozedura oxidante com tonalidade de Hue 5 YR de 7/6 e 7/8. Infelizmente não foi viável realizar a reconstituição da possível peça através de este espólio. A segunda tipologia corresponde a 9 paredes de taça e ainda um fundo, todos eles com natureza vidrada. Por fim, foi ainda identificado um fundo de candil com parte íntegra de um bico do candil com formato rectangular. Após a apresentação destes dados é possível presumir que está presente nesta unidade pelo menos 3 peças distintas (NIM).

A cultura material da Unidade estratigráfica [2076]

A segunda unidade desta fase revelou-se muito mais propícia respectivamente à variedade tipológica do que a anterior. Foram identificados um total (MNI) de 299 fragmentos que se enquadram em diferentes funcionalidades, foi presumível registar e vectorizar alguns bordos que serviram de base para a definição de novos tipos de fabrico.

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [2076]							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total%
Panela sem tipo definido		2	7	4	13	4,3%	4	16,7%
Tigela Tipo A	1				1	0,3%	1	4,2%

Tigela Tipo B	1				1	0,3%	1	4,2%
Tigela Tipo E	2				2	0,7%	2	8,3%
Tigela sem tipo definido			4	1	5	1,7%	1	4,2%
Caçoila sem tipo definido			3		3	1%	1	4,2%
Cântaro sem tipo definido		2	2		4	1,3%	1	4,2%
Copo sem tipo definido		1	4		5	1,7%	1	4,2%
Pote sem tipo definido			2	1	3	1%	1	4,2%
Talha			1		1	0,3%	1	4,2%
Taça sem tipo definido			8	1	9	3%	1	4,2%
Tampa			1		1	1%	1	4,2%
Candil				1	1	1%	1	4,2%
Fogareiro			1		1	1%	1	4,2%
Jarra sem Tipo definido			4		4	1,3%	1	4,2%
Jarro		1	2		3	1%	1	4,2%
Prato			2		2	0,7%	1	4,2%
Garrafa			3		3	1%	1	4,2%

Cantarinhas/ Infusa	1				1	0,3%	1	4,2%
Fragmentos sem tipologia determinada			236		236	80%	1	4,2%
Total	5	6	280	8	299	100	24	100%

Em comparação com as unidades da 1ª fase, a [2076] vai demonstrar uma substancial carência de fragmentos relacionados com loiça de cozinha. Apenas 17 fragmentos, cerca de 5,7% do valor da amostra, corresponde a esta funcionalidade, no que difere da amostra das unidades [4137] e [4133] cuja porção de loiça de cozinha é superior a 20%. Mesmo tendo em conta o MNI de cada uma das unidades, não deixa de ser surpreendente tal dispersão tipológica. As panelas continuam a ser o formato preferencial, tendo sido identificadas 2 asas, 7 paredes e 4 fundos desta morfologia. Ainda neste grupo, 4 paredes correspondentes a caçoilas e 1 outra de um possível fogareiro foram registados.

Os fragmentos de loiça de mesa destacam-se pela proporção em que se apresentam nesta unidade. No total, são 36 fragmentos de cerâmica que se dividem em 8 tipologias que formam o conjunto predominante em [2076], significando assim cerca de 12% do espólio total. Os fragmentos de tigela e de taça encontram-se, diga-se de passagem empatados quanto ao número de fragmentos, ao terem sido identificados 9 de cada. No entanto, o que os distingue na qualidade de informação para a análise da unidade são os 4 bordos de tigela que com a sua análise e registo foi possível agrupá-los aos tipos de já existentes, como a definição dos mesmos paralelos, o que facilitou para esclarecer a sua tipologia.

Em primeiro lugar, o bordo de tigela *C3-1353-4* (ver anexo pág.61) que pertence ao grupo de fabrico A, onde se verifica-se nele uma decoração do tipo vidrado bicromático com tonalidade verde e melado em ambas as superfícies do fragmento. Com um bordo introvertido e um lábio triangular, este fragmento apresenta paralelos no sítio arqueológico do Mandarin Chinês (BUGALHÃO, 2004, p. 606). O segundo fragmento de tigela correspondente ao tipo B de fabrico, no designado *C3-1353-1* (ver

anexo pág. 60), e também possui uma decoração vidrada, porém monocromática, com tonalidade melada, não sendo no entanto possível identificar nenhum paralelo. Os dois bordos de tigelas de tipo de fabrico E que faltam referir, distinguem-se um do outro essencialmente pelos elementos decorativos. O fragmento *C3-1353-5* (ver anexo pág.62) revela indícios de uma decoração vidrada monocromática de tonalidade verde melado em ambas as faces do fragmento. Neste fragmento é ainda identificado um conjunto de caneluras sobre o lábio. O segundo bordo de tigela *C3-1353-6* (ver anexo pág. 63) apresenta marcas de uma decoração do tipo vidrado bicromático com tonalidade de verde no interior e melado no exterior. Para ambos, encontram-se paralelos no sítio arqueológico do Mandarin Chinês (BUGALHÃO, 2004, pp. 606-607), onde também se define a cronologia entre os séculos XI a XII.

Quanto às taças, foram identificados 8 fragmentos de parede e 1 parcialmente fragmentado fundo. Para além destas tipologias, foi registado 1 fragmento de asa e 4 paredes de possíveis copos; 4 paredes de jarra e 2 de jarro bem como 1 fragmento de asa desta tipologia; 2 paredes de prato e 3 de garrafa. Um outro fragmento que merece destaque é um pequeno bordo com apenas 6 cm de diâmetros designado de *C3-1353-12* (ver anexo pág. 65). Inicialmente, foi conjecturado que este bordo pertenceria a um gargalo de uma garrafa devido às suas pequenas dimensões. Só depois, quando se verificaram as semelhanças deste com a peça 49 da Alcáçova de Santarém (SILVA, 2011, Estampa 7), é que se percebeu que não se tratava de um gargalo de garrafa mas sim de um bordo de cantarinha/infusa.

Seguido o modelo já verificado, o próximo conjunto tipológico a ser apresentado é o da cerâmica de armazenamento e transporte. Nesta fase, apenas 9 fragmentos (cerca de 3,0% do MNI) estão associados a esta tipologia, sendo composto por 5 paredes divididas entre cântaros, copos, talha e tampa e ainda 2 asas de cântaros, 1 fundo de pote e 1 de candil.

Tal como se evidenciou nas fases anteriores, a maior parte do espólio cerâmico ficou sem determinação tipológica, que no caso da unidade [2076] representa 80% da amostra total. No entanto, foi possível fazer a estimativa de que os 299 fragmentos referentes a esta unidade formam, pelo menos, 24 peças de cerâmica (NMI), cuja tipologia pode ser representada na tabela anterior.

A cultura material da Fase 2: Valores Finais

	LEITURA TIPOLOGICA DA 2ª FASE							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total%
Panela sem tipo definido		2	7	4	13	4,3%	4	15,4%
Tigela Tipo A	1				1	0,3%	1	3,8%
Tigela Tipo B	1				1	0,3%	1	3,8%
Tigela Tipo E	2				2	0,7%	2	7,7%
Tigela sem tipo definido			4	1	5	1,7%	1	3,8%
Caçoila sem tipo definido			3		3	1%	1	3,8%
Cântaro sem tipo definido		2	2		4	1,3%	1	3,8%
Copo sem tipo definido		1	4		5	1,7%	1	3,8%
Pote sem tipo definido			31	1	32	9,4%	1	3,8%
Talha			1		1	0,3%	1	3,8%
Taça sem tipo definido			17	2	19	5,6%	2	7,7%

Tampa			1		1	1%	1	3,8%
Candil				2	2	0,6%	2	7,7%
Fogareiro			1		1	1%	1	3,8%
Jarra sem Tipo definido			4		4	1,3%	1	3,8%
Jarro		1	2		3	1%	1	3,8%
Prato			2		2	0,7%	1	3,8%
Garrafa			3		3	1%	1	3,8%
Cantarinhas/ Infusa	1				1	0,3%	1	3,8%
Fragmentos sem tipologia determinada			236		236	69,6%	1	3,8%
Total	5	6	318	10	339	100%	26	100%

Depois da classificação e organização dos dados materiais das unidades estratigráficas [2141] e [2076], é possível retirar algumas conclusões da constituição do material cerâmico da 2ª fase. Em primeiro lugar, o número total de fragmentos (equivalente ao MNI) é muito menor do que na primeira fase, pouco mais do que um terço. Outro aspecto que é importante referir é a diferença de disparidade tipológica. Enquanto na primeira fase a loiça de cozinha constituía o grosso dos materiais, isto claro excluído os fragmentos sem tipologia, no caso da segunda fase este papel é atribuído à loiça de mesa. Os 46 fragmentos pertencentes a esta tipologia constituem 13,6 % do valor total, enquanto os materiais de cozinha apenas representam pouco mais de 5 %.

No primeiro grupo tipológico a forma mais comum são as taças, o que também difere da cerâmica da primeira fase onde a tipologia mais identificada dentro do conjunto de loiça de mesa são as tigelas. Quanto à loiça de cozinha, apesar dos seus escassos números, os fragmentos de panelas continuam a ser os predominantes A

cerâmica com funcionalidade de transporte e armazenamento, que nas outras fases era considerada mais relevante, revela-se nesta fase como o segundo tipo mais abundante de cerâmica, com 38 fragmentos (11,2%) associados.

A esmagadora maioria do espólio, cerca de 69,6% contínua por carecer de qualquer identificação tipológica constituindo na sua totalidade paredes com as mais variadas morfologias. Referindo agora as morfologias dos fragmentos as paredes continuam a dominar em termos numéricos a amostra (93,8%); seguido pelos fundos (2,9%); depois pelas asas (1,8%) e terminando com os bordos (1,5%).

Relativamente aos valores de NMI de toda esta cultura material, presume-se que pelo menos 4 peças sejam panelas; 5 sejam tigelas em que uma delas pertença ao grupo de fabrico A, outra ao B e ainda uma terceira ao E; 1 seja uma caçoila; 1 cântaro; 1 copo; 1 seja um pote; 1 seja uma talha; 2 pertençam a taças; 1 seja uma tampa; 2 sejam candis; 1 é um fogareiro; 1 seja uma jarra e outra um jarro; 1 seja um prato; 1 seja uma garrafa; 1 seja um cantarinho e ainda pelo menos 1 peça que não foi possível identificar a sua tipologia. No total são reconhecidas pelo menos 26 peças.

A 3ª Fase: O Pós-abandono

A terceira e última fase da construção da casa é também aquela da qual menos espólio foi recuperado, apresentado um MNI de apenas 267 fragmentos de cerâmica, tendo sido recuperados de duas unidades estratigráficas: a [4109], com 174 fragmentos, e a [2001], com 96. A primeira unidade corresponde ao início da fase com os derrubamentos dos alçados, enquanto na segunda ocorre a colmatação desses mesmos derrubes.

A cultura material da Unidade Estratigráfica [4109]

Das duas unidades estratigráficas, foi na [4109] que se recuperou mais espólio cerâmico. No entanto, este revelou-se como o mais uniforme de todas as unidades estratigráficas, não em termos de diversidade mas sim em morfologia, como indica a tabela seguinte.

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [4109]	
	MNI	NMI

	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela sem tipo definido			29	3	32	18,4%	3	21,4%
Caçoila sem tipo definido			1		1	0,6%	1	7,1%
Cântaro sem tipo definido			1		1	0,6%	1	7,1%
Pote sem tipo definido			3		3	1,7%	1	7,1%
Talha			1		1	0,6%	1	7,1%
Púcaro			2		2	1,1%	1	7,1%
Fogareiro			2		2	1,1%	1	7,1%
Bilha			1		1	0,6%	1	7,1%
Alguidar sem tipo definido			2		2	1,1%	1	7,1%
Suporte de Talha			1		1	0,6%	1	7,1%
Fragmentos sem tipologia determinada			128		128	73,6%	1	7,1%
Total			171	3	174	100%	13	100%

A cultura material desta unidade é composta quase na sua totalidade por paredes em que os únicos três fragmentos de fundo pertencem a panelas. Estes fragmentos, mais os 29 fragmentos de paredes da mesma tipologia, juntamente com 1 parede de caçoila, 2 bojos de alguidar e ainda 2 paredes de fogareiro, formam o conjunto de loiça de cozinha

desta unidade. No total são 37 fragmentos (21,3%) de 174 (MNI), o traduz a tipologia funcional predominante na unidade [4109]. Como a maioria dos fragmentos são paredes, o que impossibilita a realizar da reconstituição das peças, poucas informações nos são deste modo fornecidas.

Os fundos de panelas encontram-se demasiado fracturados para se poder realizar o seu registo e retirar qualquer informação, para além de pertencerem a peças distintas. Quanto à cerâmica com funcionalidade de armazenamento, apenas se identificaram 6 fragmentos (3,4%) que se distribuem da seguinte forma: 1 fragmento de uma parede de cântaro; 3 paredes fragmentadas de pote; 1 parede de talha e ainda parte de um suporte de talha. Este último é o único fragmento deste género identificado em todo o contexto arqueológico da casa, não existindo qualquer indicação se esteve relacionado com qualquer talha registado até à altura. Surpreendentemente, o conjunto tipológico menos representado é o da loiça de mesa, com apenas 3 paredes de duas morfologias semelhantes: púcaro e bilha. Dos 128 fragmentos restantes, que correspondem a 73,6% do valor total do MNI, não foi possível determinar a sua tipologia.

Para finalizar, nestes 174 fragmentos de cerâmica é possível verificar a existência de 14 peças (NMI) em que 3 serão panelas e o resto se divide igualmente pelas tipologias já enunciadas.

A cultura material da Unidade Estratigráfica [2001]

Em contraste com a primeira unidade estratigráfica desta fase, a distribuição tipológica e morfológica dos materiais cerâmicos da unidade [2001] é muito mais diversificada, como se comprova pela tabela da figura...

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA [2001]							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela sem tipo definido		1	10	1	12	12,5%	1	8,3%
Tigela sem tipo			5		5	5,3%	1	8,3%

definido								
Fundo de tigela Tipo B				1	1	1%	2	17,7%
Cântaro sem tipo definido		3			3	3,1%	1	8,3%
Copo sem tipo definido				1	1	1%	1	8,3%
Pote sem tipo definido			1		1	1%	1	8,3%
Taça sem tipo definido			4		4	4,2	1	8,3%
Fogareiro			1	1	2	2,1%	1	8,3%
Jarra sem Tipo definido		2			2	2,1%	1	8,3%
Prato			1		1	1%	1	8,3%
Fragmentos sem tipologia determinada		2	62		64	66,7%	1	8,3%
Total		7	85	4	96	100%	12	100%

Enquanto a cultura material da unidade [4109] ronda os 174 fragmentos, em [2001] o número de fragmentos identificados não chega a 100. Porém, nos 97 fragmentos de cerâmica desta unidade (MNI) são apresentados diversos fragmentos que morfologicamente não só são designados de paredes, como se juntam a várias asas e fundos fragmentados. Só neste facto, esta unidade apresenta já uma mudança contextual do seu espólio em comparação com a anterior, cuja grande maioria dos artefactos consistia em fragmentos de paredes.

Começando pela tipologia funcional mais numerosa, no caso desta unidade o número de fragmentos associados a loiça de cozinha e a loiça de mesa é igual. Assim, foram identificados 14 fragmentos de cada grupo funcional, correspondente cada uma a 14,6 % da amostra material.

O espólio da loiça de cozinha divide-se entre duas morfologias distintas: panela e fogareiro. Os fragmentos de panelas são os mais numerosos, ao serem identificados 1 asa, 1 fundo fragmentado e ainda 10 paredes. De fogareiros apenas se registou uma parede e um fundo.

Do conjunto da loiça de mesa, o que mais se destaca são os fragmentos de tigelas, nomeadamente 5 paredes e 1 fundo. É importante ainda destacar que o fundo com pé anelar baixo vertical designado *C3-1260-23* (ver anexo pág. 66), que se insere no tipo de fabrico B, forma semelhante aos outros fundos analisados. Apresenta uma decoração de vidro bicromático na sua superfície de tonalidades verde na face interior e melada na face exterior. O paralelo deste fragmento verifica-se sem surpresa no Mandarim Chinês (BUGALHÃO, 2004, p. 607), tal como nos outros fragmentos de fundos semelhantes estando associado aos séculos XI e XII. Para além das tigelas, foram registados 1 fundo de copo e 4 paredes de taça. Observou-se ainda a existência de dois fragmentos de asa de jarra e ainda uma parede de prato. Para completar o registo, identificaram-se ainda 3 asas de cântaro e 1 parede de um pote. Por fim, 64 fragmentos, ou seja 66,7% do MNI, ficou por identificar.

Apesar do baixo número de fragmentos, foi possível contabilizar 12 NMI existentes nesta unidade: 1 panela; 2 tigelas; 2 cântaros; 1 copo; 1 pote e 1 taça; 1 fogareiro; 1 jarra; 1 prato e uma peça indefinida.

A cultura material da Fase 3: Valores Finais

	LEITURA TIPOLOGICA DA 3ª FASE							
	MNI						NMI	
	Bordo	Asa	Parede	Fundos	Total	Total %	Numero Mínimo	Total %
Panela sem tipo		1	39	4	44	16,3%	4	19%

definido								
Caçoila sem tipo definido			1		1	0,4%	1	4,8%
Fundo de tigela Tipo B				1	1	0,4%	1	4,8%
Tigela sem tipo definido			5		5	1,9%	1	4,8%
Cântaro sem tipo definido		3	1		4	1,5%	2	9,5%
Copo sem tipo definido				1	1	0,4%	1	4,8%
Pote sem tipo definido			4		4	1,5%	1	4,8%
Taça sem tipo definido			3		3	1,5%	1	4,8%
Talha			1		1	0,4%	1	4,8%
Púcaro			2		2	0,7%	1	4,8%
Fogareiro			3	1	4	1,5%	1	4,8%
Jarra sem Tipo definido		2			2	0,7%	1	4,8%
Prato			1		1	0,4%	1	4,8%
Bilha			1		1	0,4%	1	4,8%
Alguidar sem tipo definido			2		2	0,7%	1	4,8%

Suporte de Talha			1		1	0,4%	1	4,8%
Fragmentos sem tipologia determinada		2	190		192	71,1%	1	4,8%
Total		7	256	7	270	100%	21	100%

A primeira conclusão que se pode retirar após a leitura da cultura material é a quantidade e qualidade dos fragmentos expostos. A terceira fase não só apresenta uma menor quantidade de espólio, apenas 270 fragmentos (valor do MNI), como não é muito diversificado. Os fragmentos de parede formam 94,8% do espólio cerâmico enquanto os 7 fragmentos de asa e 7 fragmentos de fundo compõem o restante 5,2% da amostra. Não foi identificado nenhum fragmento de bordo nesta fase o que contribuí para a fraca qualidade informativa do espólio.

Classificando funcionalmente a cultura material da fase e agrupando essa informação na da tabela da figura (), verifica-se que mais uma vez que a loiça de cozinha, nomeadamente a panela, é a mais representada, significando 19,3% dos fragmentos da fase. Logo de seguida, situa-se a loiça de mesa, cujos fragmentos estão associados a diferentes funcionalidades tais como tigelas, taças, copo, púcaros; jarra, prato e bilha, chegando a representar 6% do espólio total. É importante ainda referir que o único fragmento que foi vectorizado e analisado foi o fundo de tigela de tipo de fabrico B. Isto demonstra mais uma vez a fraca qualidade informativa do material recolhido desta fase.

A razão por que não se analisou mais fragmentos, está relacionada com o seu alto nível de fragmentação ou possivelmente a sua análise não viria adicionar mais nenhum dado relevante que iria contribuir para o estudo da fase construtiva. Falta referir a existência de 9 asas e uma parede de cântaro, 4 paredes de pote e 1 suporte de talha que apenas significam 3,3% do espólio. Dos restantes 192 fragmentos não foi possível identificar a sua tipologia, o que mais uma vez significa que a maioria do espólio continua a ter a sua funcionalidade incógnita.

Quanto ao NMI, presume-se que nesta fase estejam presentes pelo menos 1 peça de todas a tipologias enunciadas, à exceção da existência de 4 panelas, que nos é indicada pela quantidade de fundos, e dos cântaros que, pelo número de fragmentos de asa presentes, é seguro presumir que se trata de duas peças desta tipologia.

CONCLUSÃO

A unidade habitacional P/Q – 9/11 é um dos muitos exemplos de estruturas habitacionais islâmicas em Portugal. Já anteriormente afluída no estudo realizado por Rosa e Mário Varela Gomes e Rodrigo Banha da Silva (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p.21), importa reflectir sobre os dados então avançados: reavaliando a partir dos desenhos de pormenor as suas dimensões, a unidade equivale a um trapézio com 6,40 m de fachada maior e um comprimento maior de 7,70 m, situando a sua área em definitivo em redor dos 48 m². Deste modo, pode-se concluir que a casa constitui um exemplo modelar das arquitecturas vernaculares domésticas do “bairro islâmico” da Praça da Figueira por justamente a média das habitações se situar nesse valor (idem).

Diferentemente à primeira interpretação da arquitectura, porém as evidências arqueológicas não suportam a hipótese de possuir na sua organização interna um saguão. Este aspecto, tão caro à arquitectura urbana do Al-Andaluz, encontra-se bem patente nos exemplos mais bem conhecidos de Lisboa, no Castelo de São Jorge (GOMES; GASPAR, 2003, pp.221-222), e de Mértola (MACÍAS, 2008) e (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004).

Para o primeiro caso, o das casas 1 e 2 da Praça Nova do Castelo de São Jorge, embora ambas apresentem semelhanças com a casa em estudo, nomeadamente muitas das suas características construtivas e arquitectónicas, como o de só possuírem um piso térreo e de terem uma divisão semelhante do espaço e um acesso único à rua, diferem sintomaticamente em várias outras características. Em primeiro lugar a área, dado que a casa 1 da Praça Nova mede 160 m² enquanto a casa 2 mede 187 m². Outro aspecto diferenciador é o nível de riqueza demonstrada na composição das estruturas: enquanto a casa da Praça da Figueira não apresenta nenhum sinal de riqueza exterior ou interior, a riqueza dos habitantes destas duas casas da alcáçova é demonstrada na composição dos pavimentos e dos rebocos pintados das paredes sobre uma base em argamassa branca, não só dos interiores mas também do pátio, apresentando este último espaço motivos decorativos geométricos. O mesmo acontece com os salões, que para além de ornamentados foram dotados de pavimento almagrado e zonas edificadas laterais de alcova (GOMES, A; GASPAR, A, 2003, pp.221-222), demonstrando por esta via um

nível de riqueza e *status* social claramente superior aos moradores da casa de P/Q – 9/11.

Outro aspecto arquitectónico da habitação em estudo que se veio a verificar foi a questão da morfologia após a entrada, ou mais exactamente a carência dela. Numa primeira leitura da planta geral das diferentes estruturas do bairro (SILVA, GOMES, GOMES, 2011, p.21), observamos a representação da casa aponta-se para a existência de um compartimento adicional na estrutura que separa o acesso da casa do pátio central, o saguão. Após a análise minuciosa das evidências da unidade doméstica, com especial atenção às suas divisões, conclui-se que esta não possuía saguão, como nas casas antes citadas da alcáçova lisboeta, como originalmente se afirmou. Em vez disso, o acesso realizava-se directamente para a zona descoberto do pátio, que depois, permitia aceder às outras divisões por uma das três portas presentes em seu redor.

A inexistência de um espaço de saguão na entrada na casa não é normal, mas também não é único. Helena Catarino, na sua tese de doutoramento sobre os povoados islâmicos, afirma que apesar de geralmente as casas islâmicas possuírem uma zona de entrada de saguão, essencialmente por motivos de privacidade, que é um factor importante na cultura islâmica, a ausência da tal também pode ser evidenciada em certos momentos (CATARINO; 1997, p. 722). No caso da casa da Praça da Figueira, esta escolha arquitectónica torna a casa distinta mas não inédita. Porém, isto levanta a questão se o acesso se realizava directamente para o pátio, ou se o elemento de privacidade dos seus habitantes estaria posto em causa. Este problema seria solucionado através do posicionamento estratégico das portas: através das plantas que demonstram a possível localização completa dos alçados, observa-se que nenhuma das portas que dão acesso aos compartimentos se encontra em linha directa de visão para quem entra na casa, todas se localizando em zonas afastadas da entrada e não permitindo visualizar o interior das compartimentos. A única excepção é o salão que, devido à sua planta rectangular, para o qual era necessário transpor completamente o pátio para observar no interior os seus ocupantes.

Anteriormente foram referidos os trabalhos de Helena Catarino para demonstrar que a inexistência do salão não é inédita. Foi através dos seus estudos que foi possível formular a conclusão de como se classifica arqueologicamente a casa da Praça da Figueira, tendo em conta o contexto geral das casas islâmicas medievais. Indo directamente ao assunto que nos interessa, a estrutura P/Q – 9/11 do contexto

arqueológico da Praça da Figueira é definitivamente um exemplo claro de uma casa do estilo islâmico. Em primeiro lugar, a composição dos alçados por meio de fiadas horizontais de pedra vã intercalada sobre talha e unidade por argila é um modelo de construção islâmico típico utilizado no Andaluz (CATARINO; 1997, p. 715). Em segundo lugar, o plano arquitectónico empregue na casa 15 também é comum ao geral das casas islâmicas hispano-muçulmanas com uma imposição básica dos alçados exteriores e a compartimentação do interior. Neste caso, a casa segue a estratégia geral de organização islâmica do espaço com um pátio central rodeado por compartimentos formando um U invertido, presente em espaços rurais do Algarve Oriental. A própria funcionalidade dos compartimentos da cozinha, latrina e salão são típicos para a regulação do dia-a-dia islâmico (CATARINO; 1997, p. 722).

Catarino, pelos modelos estudados, define ainda dois tipos de casas islâmicas cuja distinção consiste na dimensão do espaço e no número de compartimentos que apresenta. Seguindo este modelo, a habitação em estudo da Praça da Figueira, com uma área em redor de 48 m² e com 3 compartimentos, é um tipo simples de casa islâmica (CATARINO; 1997, p. 722).

Um outro exemplo comparativo é a casa X localizada em Mértola. Esta casa apresenta um nível de construção mais humilde que os exemplos da alcáçova de Lisboa, mas com uma definição mais concisa do espaço. A casa possuía um saguão logo à entrada, que daria acesso tanto à latrina como ao pátio. Mais uma vez, repara-se na presença desta estrutura que é inexistente na casa do “bairro islâmico” da Praça da Figueira. Foram identificados na vila alentejana 2 salões, 2 alcovas, 1 pátio e 1 cozinha. A casa X, por comparação às casas da Praça Nova, é mais semelhante à casa em estudo, no entanto apresenta uma planta rectangular, estando as divisões devidamente compartimentadas (GÓMEZ MARTÍNEZ, 2004, 198-201). Assim, o número de moradores desta casa seria maior do que os habitantes da casa suburbana lisboeta.

Se através da arquitectura podemos perceber a tipologia da casa e presumir a sua cronologia, também podemos perceber os habitantes através da cultura material. É assim que se obtêm os dados cronológicos e se completa a leitura e análise arqueológica da habitação. A cultura material registada é claramente islâmica não só pela sua morfologia mas também pelos elementos decorativos, nomeadamente a aplicação de caneluras, de pintura a branco e de vidro (GOMEZ, 2004, p.232). No caso da decoração vidrada, a constante utilização de determinadas tonalidades verificadas, como

o verde e o melado, apresentam uma carga simbólica na cultura islâmica, sendo a cor verde representante da vegetação, dos panos do Paraíso e do vestuário do Profeta, enquanto a tonalidade melada tem a carga simbólica do âmbar e da terra da árvore Tuba (TORRES, 2014, p.60). Ainda no âmbito da decoração, há que destacar o fragmento de base de tigela C2-15239-8 que, para além de apresentar uma decoração vidrada do tipo bicromático, permite observar algumas linhas de manganês acastanhado sobre o vidrado, que formam um símbolo. Apesar da degradação do vidrado consegue-se distinguir uma palavra islâmica mais exactamente *AL-MULK*, cuja tradução mais viável significa “ O poder de Deus” ou “ O império de Deus”.

Este tipo de simbolismo obtido por meio da epigrafia é comum na cerâmica islâmica, e exemplos deste tipo de decoração aparecem ao longo da ocupação da Península Ibérica (TORRES, 2014, p.57). Como elementos datadores, estas características decorativas são extremamente viáveis: o modelo de datação de peças através da sua decoração empregue foi proposto por Nádia Torres na sua classificação cronológica da cerâmica decorada de Mértola, e tomando este modelo, estima-se assim que a cerâmica vidrada de tonalidade melada começa a surgir a partir do século XI enquanto a de tonalidade verde só aparece a partir do século XII. Quanto à técnica decorativa de pintura a branco, a sua utilização é constante desde pelo menos o século IX até ao fim da dominação islâmica em Mértola, no século XIII (TORRES, 2014, p.62). Esta cronologia coincide com os dados obtidos através do estabelecimento de paralelos, que na sua maioria aponta para um período compreendido entre os séculos XI e XII, tendo algumas fragmentos, nomeadamente de caçoilas, sido estabelecidos com peças da segunda metade do século XII. Existe ainda o caso do fragmento de pote C2-15108-6 em que o seu paralelo foi verificado com um fragmento de Mértola datado do século XIII. Neste último caso, a presença na Praça da Figueira de um fragmento com a mesma tipologia de pote, por ter sido recolhido em estratigrafia bem definida implica recuar o intervalo inferior cronológico do modelo alentejano.

Note-se aliás que relativamente à distribuição geográfica dos paralelos, evidenciou-se que muitos dos fragmentos encontram correspondência no Mandarim Chinês e na Rua dos Correeiros, contextos de produção, alguns dos quais seguindo modelos coetâneos com outros de Mértola, Palmela, Évora, Baixo Alentejo, Silves e Santarém. Ora, esta circunstância é indiciadora de um aprovisionamento essencialmente local por parte dos utilizadores da casa P/Q-9/11 da Praça da Figueira, assumindo as

produções exógenas valores quase residuais. Este perfil cerâmico não só concorda com a apreciação global da arquitectura da unidade habitacional, como a reforça, sugerindo tratar-se de um grupo de baixa capacidade aquisitiva, porventura uma unidade familiar básica.

Interpretar a origem dos habitantes é naturalmente, tarefa arriscada. Contudo, a peculiaridade da ausência de saguão, tão presente na arquitectura doméstica urbana do Al-Andaluz, como o baixo *status* social baixo, estão a sugerir uma eventual origem não urbana, podendo deste modo reiterar-se a hipótese já antes avançada (SILVA, GOMES, GOMES, 2011) de se tratar de ocupantes dos campos de *Al-Ushbuna* que procuraram nos arrabaldes citadinos a segurança de que não dispunham ali, por força dos avanços e fossados cristãos que assolaram continuamente a região durante o período de entre o final das taifas e o final da dinastia Almorávida.

Bibliografia

- AMARO, Clementino, (1998), Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível. In *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Catálogo da Exposição. Instituto Português de Museus, Lisboa, 1998, pp. 61-71
- AMARO, Clementino José Gonçalves, (1999), Núcleo Arqueológico da Rua do Correeiros – Exemplo de sítio arqueológico musealizado na baixa pombalina In *O Arqueólogo Português*, Série IV, s.l, pp.465-487.
- AMARO, Clementino José Gonçalves, (2002), Percurso arqueológico através da casa dos bicos In *De Olísipo a Lisboa: a casa dos Bicos* / Comissão Nacional para as Comorações dos Descobrimentos Portugueses pp. 11 a 28.
- ANGELUCCI, Diego E; COSTA, Cláudia; MURALHA, João, (2004), Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa): considerações geoarqueológicas In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, nº2, pp.27-47.
- ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; SANCHEZ, Juan I. Vallejo, (2000), As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 3, nº 2, pp. 25-59.
- ARAÚJO, João Nuno Gonçalves, (2014) *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5*. Dissertação em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BARGÃO. André Alexandre Bernardino Vicente, (2015) *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE*. Dissertação em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- BOAVENTURA, Rui; PIMENTA, João; VALLES, Edgar, (2013), O Povoado do Bronze Final do Castelo de Amoreira (Odivelas) In *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, volume 20, Câmara Municipal, Oeiras, pp. 623-640.

- BOLILA, Catarina Maggiolly Santos, (2011) *A Terra Sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda, (2001), O arrabalde ocidental da Lisboa Islâmica: urbanismo e produção oleira”, In *Arqueologia Medieval*, nº7, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.115-145.
- BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia; SOUSA, Maria João, (2003), Vestígios de produção oleira islâmica no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa In *Arqueologia Medieval* 8. Edições Afrontamento, Porto, pp. 129-191.
- BUGALHÃO, Jacinta; SOUSA, Maria João; GOMES, Ana Sofia, (2004), Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarin Chinês, Lisboa In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, nº1, pp. 575-643.
- BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia, SOUSA, Maria João, (2007) Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental de Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 10:1, Instituto Português de Arqueologia. Lisboa, pp. 317-343.
- BUGALHÃO, Jacinta, (2009) - XIX Lisboa Islâmica: uma realidade em construção” In *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve, O Gharb no al- Andalus: sínteses e perspectivas de estudo*. Homenagem a José Luís de Matos, Câmara municipal de Silves, Silves, pp. 379-393.
- BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina F; GOMES, Ana; MARTINEZ, Susana Gomez; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Mathieu; INÀCIO, Isabel; LOPES, Gonçalo; SANTOS, Constança, (2009), CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus In *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*. pp. 455 a 476.
- CALADO, Marco; LEITÃO, Vasco, (2005), A ocupação islâmica na Encosta de Sant’Ana (Lisboa) In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol.8, nº2, pp.459-470.

- CATARINO, Helena, (1997), *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- CATARINO, Helena; (coord SERRA, Manuel Pedro), (1997/1998) *Al-Úlyá: Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé* Nº 6 Vol.1 a 3, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, Loulé.
- CARDOSO ALBERTO, Bernardo Gregário, (2014) *A Ocupação Rural Islâmica do Baixo-Alentejo: os materiais do sítio dos Funchais 6 (Beringeis)* Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Letras de Lisboa, Lisboa.
- COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GOMEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra, (2013), *Cerâmica islâmica em Portugal: 150 anos de investigação* In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos. Associação dos Arqueólogos Portuguesas*. Oficina de Artes Gráficas, Lisboa, Pp. 73-80.
- FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe; TENTE, Catarina, FARELO, Mário, MARTINS, Miguel Gomes, (2006), *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. IEM-Instituto de Estudo Medievais, Lisboa.
- GOMES, Rosa Varela, (1987) *As Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves*. Tese de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- GOMES, A; GASPAR, A; GUERRA, S; RIBEIRO, S; VALONGO, A; PINTO, P, (2003) *Castelo de São Jorge: balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos* In *Património Estudos nº4*. Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- GOMEZ MARTINEZ, Susana; DELERY, Claire; (co-autor. CUNHA, António), (2002), *Cerâmica em corda seca de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, (2004) – *La Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid. Madrid.
- GOMEZ MARTÍNEZ, Susana, (2006), A Produção de Cerâmica em Portugal: Histórias com Futuro In *Actas do Colóquio de 2006*. Museu de Olaria / Município de Barcelos, Mértola, pp. 93-116.
- GONÇALVES, Maria José; GÓMES MARTÍNEZ, Susana, (2012), A cerâmica Medieval no Mediterrâneo In *Actas do X congresso Internacional*, Organização Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola.
- HAYES, J.W, (1972), *Late roman pottery*. London: British School at Rome.
- INÁCIO, Isabel; SANTOS, Constança dos; COELHO, Catarina; LIBERATO, Marco; GOMES, Ana Sofia; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina; GÓMEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José, A propósito da investigação sobre cerâmica islâmica em Portugal In *Medievalista* N.º 17 (Janeiro - Junho 2015). [Consultado 30.01.2018]. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA17/isabelinacio1703.html>.
- MACIAS, Santiago (2008) O bairro islâmico da Alcáçova de Mértola In *Alcáçova do Castelo de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, pp.23-48.
- MACHADO, Cristina Guerra, (2016), *A Lisboa ribeirinha e o comércio de cerâmica no período islâmico: estudo dos materiais cerâmicos islâmicos provenientes da Casa dos Bicos*. Dissertação de Mestrado em História do Mediterrâneo Islâmico e Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- MATOS, José Luís de, (1999), *Lisboa islâmica*. Vol.1, Ed. Lisboa: Instituto Camões, Lisboa.
- MATOS, José Luís de, (2015), *Lisboa na Civilização Islâmica*, Academia de Ciências de Lisboa, Lisboa.

- MELO, Maria de la Salette Lopes Santos, (2009), *Lisboa islâmica: contributo para o estudo do sistema defensivo*. Dissertação de Mestrado em História e Arqueologia Medievais apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2 volumes, Lisboa.
- MOITA, Isabel, (1993), As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos In *Hospital Real de Todos-Os-Santos Séculos XV-XVIII. Catálogo*, Museu Rafael Bordalo Pinheiro Lisboa, pp. 20-22.
- PAULO, Luís Campos; GOMES, Rosa Varela, (2006), *Tavira Islâmica: A cidade e o Território*. Dissertação de Mestrado em História e Arqueologia Medievais apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.
- SERA, Susana; Gaspar, Alexandra e Gomes, Ana, (2008), *Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge*, Egeac, Lisboa.
- SILVA, Carlos Guardado da, (2010), *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 31-106.
- SILVA, R. B. (2005), *As „marcas de oleiro“ em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.
- SILVA, Rodrigo Banha da, (2009), A ocupação do período da dominação islâmica na Praça da Figueira (Lisboa) ” In *Actas do Congresso Afonso I de Portugal, nos 900 anos do seu nascimento*, Palácio da Independência, Grupo Amigos de Lisboa (em publicação), Lisboa, pp.136-147.
- SILVA, Rodrigo Banha da, (2012) Arqueologia viária romana em Lisboa: a i.a.u. da Praça da Figueira In *Cira-Arqueologia I – Atas Mesa Redonda De Olísipo a Ierabriga*, Câmara Municipal Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, pp.74-87.
- SILVA, Rodrigo Banha da, (2012), *As “Marcas de Oleiro” na terra Sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em

História, especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

- SILVA, Rodrigo Banha da, (2013), A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa In *Cira Arqueologia II – O Tejo, palco de interacção entre Indígenas e Fenícios*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira, pp.40-62.
- SILVA, Rodrigo Banha da; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2011), O Bairro Islâmico da Praça da Figueira In *Debates da Arqueologia Medieval – Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular: Encontros e Desencontros*. Aljezur, pp. 17-25.
- SILVA, Marta Cristina de São Marcos Inácio da, (2011), *A Cerâmica Islâmica da Alcáçova de Santarém, das unidades estratigráficas 17, 18, 27, 28, 30, 37, 39, 41, 193, 195, 196, 197 e 210*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Os judeus em Portugal no Século XIV*. Guimarães Editores, Lisboa 1979
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, (1998), *Os Judeus em Portugal no Século XV, 1º Volume*. Tese de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- TORRES, Cláudio; MACIA, Santiago, (1998), *Portugal islâmico: os últimos sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- TORRES, Cláudio; CUNHA, António; MIRA, Ana (1987) *Cerâmica Islâmica Portuguesa: Catálogo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago, (1998), *O legado islâmico em Portugal*. Fundação Círculo de Leitores, Lisboa.
- TORRES, Cláudio (1994), Lisboa muçulmana: Um espaço urbano e o seu território, In *Lisboa Subterrânea*, Electa/Museu Nacional de Arqueologia/Lisboa. Lisboa

- TORRES, Nádia, (2014), *O desenho na cerâmica islâmica de Mértola*. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

BARROS, Filomena Lopes de, (1998), *A Comuna Muçulmana de Lisboa, séculos XIV e XV*. Hugin, Lisboa

ANEXOS

Lista de Peças Analisadas: 1ª Fase

Pote Tipo A-1

Número de inventário: C2-15062-3

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: Bordo Introvertido quadrangular

Tipologia: pote

Colo: Truncocónico recto

Corpo: Globular

Diâmetro do Bordo/Base: 15 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 2.5 YR 5/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melado acastanhado

Local de ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: A peça apresenta ainda vestígios de caneluras muito leves no vidrado

Bibliografia:N/A

Paralelos: N/A

Cronologia:

Panela Tipo A-1

Número de inventário: C2-15062-6

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo recto semicircular

Tipologia: panela

Colo: Cilíndrico recto?

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Local da ornamentação: lábio

Referências:

Observações: N/A – Produção local

Bibliografia: Burgalhão, Jacinta - *Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental de Lisboa*

Paralelos: Corresponde á peça 4109, pág. 340

Cronologia; Séculos X-XI

Prato Tipo A-1

Número de inventário: C2-15239-1

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical arredondado

Tipologia: prato

Coro: N/A

Corpo: calote esférica

Carena: baixa suave

Diâmetro do Bordo/Base: 22 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 2.5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia:N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Taça Tipo A-1

Número de inventário: C2-15262-4

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: taça

Coro: N/A

Corpo: calote esférica

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 4/2

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: pintura branca

Local da ornamentação: lábio

Motivo de ornamentação: linhas diagonais

Referências:

Observações:

Bibliografia: Gomes, Rosa Varela – *as cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves*.

Paralelos: corresponde à peça Q21/C2-2.

Cronologia: N/A

Panela Tipo B-1

Número de inventário: C2-15072-3

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical arredondado

Tipologia: panela

Colo: cilíndrico recto

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: A peça apresenta sinais de queimadura

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº554, pág. 592.

Cronologia: Finais do século XI até meados do século XII

Caçoila Tipo A-1

Número de inventário: C2-15108-2

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: caçoila

Corpo: troncocónico invertido

Diâmetro do Bordo/Base: 22 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 6/4

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Local da ornamentação: lábio e corpo

Referências:

Observações: A peça apresenta sinais de ter sido vidrada tanto no interior com no exterior.

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A Cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional, 2015.*

Paralelo: corresponde á peça nº45.

Cronologia: N/A

Pote Tipo B-1

Número de inventário: C2-15108-6

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo extrovertido em aba

Tipologia: pote

Colo: troncocónico recto

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: Cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 2.5 YR 6/8

Elementos não-plásticos: sim

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: A pasta é composta por uma elevada quantidade de elementos não-plásticos.

Bibliografia: Torres, Cláudio – Cerâmica Islâmica Portuguesa Catálogo

Paralelo: corresponde ao inventário CR/PT/0014 do depósito de Mértola, pág.24.

Cronologia: século XII

Caçoila Tipo B-1

Número de inventário: C2-15108-10

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: caçoila

Colo: troncocónico invertido recto

Corpo: calote esférica

Diâmetro do Bordo/Base: 26 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 10 YR 4/2

Elementos não-plásticos:

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Local da ornamentação: corpo

Referências:

Observações: A pasta apresenta marcas de transformações térmicas

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A Cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional*, 2015.

Paralelos: corresponde à peça nº 34

Cronologia: N/A

Caçoila Tipo C-1

Número de inventário: C2-15108-14

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: caçoila

Colo: cilíndrico curvo

Corpo: ovóide

Diâmetro do Bordo/Base: 24 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante/redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 5/1

Elementos não-plásticos:

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Local da ornamentação: corpo

Referências:

Observações: Pasta de grão-fino semelhante á cerâmica vidrada

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A Cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional*, 2015.

Paralelos: corresponde à peça nº39

Cronologia/A

Salseiro A-1

Número de inventário: C2-15108-9

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical plano

Tipologia: salseiro

Carena: baixa marcada

Diâmetro do Bordo/Base: 8 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 5/8

Elementos não-plásticos:

Ornamentação:

Técnica decorativa: Ñ/A

Referências:

Observações: Pasta de grão-fino semelhante á cerâmica vidrada

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Base de Taça ou Tigela Tipo A-1

Número de inventário: C3-15079-11

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: base

Tipologia: taça

Base: pé anelar baixo vertical

Diâmetro do Bordo/Base: 6 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 7.5 YR 8/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: A pasta muito clara possivelmente é uma peça importada.

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Trempe Tipo A-1

Número de inventário: C3-15079-19

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: fragmento de trempe

Tipologia: trempe

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: Peça para a produção artesanal de olaria. A peça esta fragmentada nos limites mas em geral encontra-se em bom estado de preservação

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Panela Tipo C-1

Número de inventário: C3-15104-2

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 13cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 4/2

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: a peça apresenta algum tipo de deformação na sua zona interior paralela ao colo.

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica na Rua dos Correiros, Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº113, pág.148.

Cronologia: Século XII

Panela Tipo D-1

Número de inventário: C3-15104-3

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 6/8

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde á peça nº212, pág.590.

Cronologia: da segunda metade do século XI até meados do XII.

Panela Tipo C-2

Número de inventário: C3-15104-4

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 4/3

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde á peça nº554, pág.592.

Cronologia: segunda metade do século XI até meados do XII.

Panela Tipo D-2

Número de inventário: C3-15104-5

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 7/8

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: *Bugalhão, Jacinta – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental de Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº2984, pág.340

Cronologia: séculos XI e XII.

Panela Tipo D-3

Número de inventário: C3-15104-6

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Troncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 15 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 3/1

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde á peça nº598, pág 591.

Cronologia: Finais do século XI até à segunda metade do XII

Panela Tipo E-1

Número de inventário: C3-15104-7

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical quadrangular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 15 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 3/2

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5, 2014.*

Paralelos: corresponde à peça 277 da estampa 30 U.E 11B.

Cronologia: Final do século X e início do XI.

Panela Tipo F-1

Número de inventário: C3-15104-8

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 2/3

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Araújo, João Nono Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5, 2014.*

Paralelos: corresponde à peça 217 da estampa 16 U.E 14.

Cronologia: Início do século XI.

Panela Tipo D-4

Número de inventário: C3-15104-9

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: cilíndrico recto

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 10 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Panela Tipo G-1

Número de inventário: C3-15104-10

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: cilíndrico recto

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 3/1

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Localização da ornamentação: ombro

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X congresso Internacional, 2015.*

Paralelos: corresponde à peça nº1.

Cronologia: N/A

Panela Tipo D-5

Número de inventário: C3-15104-11

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: Truncocónico invertido curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 5/8

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: pintura branca

Motivo ornamental: linhas verticais

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações: Apresenta indícios de transformações térmicas.

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5*, 2014.

Paralelos: corresponde à peça nº277 da estampa 9 U.E 15

Cronologia: Inícios do século XI.

Panela Tipo D-6

Número de inventário: C3-15104-12

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: cilíndrico curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 13 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 7/8

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: pintura a branco

Local de ornamentação: bordo

Motivo: linhas diagonais

Referências:

Observações: Apresenta indícios de transformações térmicas.

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5*, 2014.

Paralelos: corresponde à peça nº277 da estampa 9 U.E. 15.

Cronologia: Inícios do século XI.

Cântaro Tipo A-1

Número de inventário: C3-15083-9

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido semicircular

Tipologia: cântaro

Colo: cilíndrico curvo

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: pintura branca

Local da ornamentação: bojo

Motivos da ornamentação: linhas verticais

Referências:

Observações: Apresenta indícios de transformações térmicas.

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica na Rua dos Correeiros, Lisboa.*

Paralelos: Corresponde á peça nº1106, pág. 171.

Cronologia:N/A

Caçoila Tipo B-2

Número de inventário: C3-15081-1

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de fragmento: bordo introvertido em aba

Tipologia: caçoila

Colo: cilíndrico recto

Corpo: troncocónico invertido

Diâmetro do Bordo/Base: 24 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 4/2

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Local da ornamentação: bojo

Referências:

Observações: Apresenta indícios de transformações térmicas.

Bibliografia: Gomez Martinez, Susana – *La Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio. Madrid*

Paralelos: corresponde ao nº CR/CC/0107, pág. 909

Cronologia: 2º metade do século XII até à 2º metade do XIII.

Panela Tipo A-2

Número de inventário: C3-15081-3

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical semicircular

Tipologia: panela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 13 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 5/2

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5, 2014.*

Paralelos: corresponde à peça nº 1476 da estampa 32 U.E 10C

Cronologia: século XI.

Tigela Tipo A-1

Número de inventário: C3-15095-1

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido em aba

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante com pasta cálcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 8/4

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Cardoso Alberto, Bernardo Gregório – A Ocupação Rural Islâmica no Baixo Alentejo: os materiais do sítio dos Funchais (Beringel)

Paralelos: corresponde à peça 92 da estampa XXVI, pág.107

Cronologia: séculos X a XII.

Caçoila Tipo B-3

Número de inventário: C3-15095-3

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido em aba

Tipologia: caçoila

Colo: cilíndrico recto

Corpo: troncocónico invertido

Diâmetro do Bordo/Base: 19 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 6/8

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras; pintura a branco

Local da ornamentação: bojo

Local da ornamentação: bordo

Motivo ornamental: linhas verticais

Referências:

Observações:

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional, 2015.*

Paralelos: corresponde á peça 34

Cronologia: N/A

Cântaro Tipo B-1

Número de inventário: C3-15102-4

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo semicircular

Tipologia: cântaro

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante/redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 5/1

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: pintura a branco

Local da ornamentação: bordo

Motivo ornamental: linhas verticais

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica na Rua dos Correeiros, Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº4114, pág.340

Cronologia: Séculos X-XI

Panela Tipo H-1

Número de inventário: C3-15102-4

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido semicircular

Tipologia: panela

Colo: cilíndrico recto

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 15 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional, 2015.*

Paralelos: corresponde à peça nº 1.

Cronologia: século XII

Base Tigela Tipo B-1

Número de inventário: C4-15068-70

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: Base

Tipologia: taça

Base: pé anelar baixo vertical

Diâmetro do Bordo/Base: 8 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante com pasta calcária

Tonalidade: Hue 10 YR 8/2

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: verde clara

Local de ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: Pasta de grão fino

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº582, pág. 607.

Cronologia: finais do século XI e inícios do XII

Base de Taça ou Tigela Tipo C-1

Número de inventário: C2-15239-8

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: Base

Tipologia: Taça ou Tigela

Base: pé anelar moldurado

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante/redutora

Tonalidade: Hue 2.5 YR 5/3

Elementos não-plásticos: N/A

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: verde manchada

Local da ornamentação: face interior

Cor da ornamentação: melado acastanhado

Local da ornamentação: face exterior

Referências:

Observações: possui figura semelhantes á escrita islâmica em manganês (possivelmente Al-azuya)

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº235, pág. 606

Cronologia: finais do século XI e inícios do XII

Base de Candil Tipo A-1

Número de inventário: C3-15102-2

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: Base

Tipologia: candil

Base: fundo em bolacha

Diâmetro do Bordo/Base: 6 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: sim

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melada

Local de ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: pasta com bastantes elementos não-plásticos

Bibliografia: N/A

Paralelo: N/A

Cronologia. N/A

Tigela Tipo B-1

Número de inventário: C3-15083-5

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano:2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: cozedura redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 7/2

Elementos não-plásticos: sim

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: verde e melado

Local de ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: O vidrado é na sua maioria verde porém com grandes manchas de melado

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Tigela Tipo C-1

Número de inventário: C3-15095-2

Unidade Estratigráfica: [4137]

Ano: N/A

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido em aba

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante/redutora

Tonalidade: Hue 10 YR 5/1

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: verde

Local de ornamentação: interior

Cor da ornamentação: verde-escuro

Local de ornamentação: exterior

Referências:

Observações:

Bibliografia: Torres, Cláudio – Cerâmica Islâmica de Portugal Catálogo

Paralelos: corresponde ao nº CR/VM/000 do depósito de Mértola, pág.79.

Cronologia: século XI

Panela Tipo D-7

Número de inventário: C1-9510-31

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: N/A

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido semicircular

Tipologia: panela

Coro: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 4/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela; análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5, 2014*

Paralelos: corresponde à peça nº286 da estampa 9 U.E 15

Cronologia: inícios do século XI

Jarra Tipo A-1

Número de inventário: C2-15240-11

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical biselado

Tipologia: jarra

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante

Tonalidade: Hue 2.5 YR 5/8

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica na Rua dos Correiros, Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº 3513, pág.380.

Cronologia: N/A

Alguidar Tipo A-1

Número de inventário: C2-15223-3

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo extrovertido em aba

Tipologia: alguidar

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 34 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante

Tonalidade: Hue 2.5 YR 5/8

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa.*

Paralelos: corresponde á peça nº539, pág. 594

Cronologia: finais do século XI e inícios do XII.

Caçoila Tipo E-1

Número de inventário: C2-15223-6

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido arredondado

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 20 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental de Lisboa.*

Paralelos: corresponde à peça nº 4102, pág. 340

Cronologia: século XI

Caçoila Tipo F-1

Número de inventário: C2-15223-7

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido espessado

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: calote esférica

Diâmetro do Bordo/Base: 19 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 3/1

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5*, 2014

Paralelos: corresponde á peça nº304 estampa 11 U.E 15

Cronologia: Inícios do século Xi

Caçoila Tipo F-2

Número de inventário: C2-15223-8

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido espessado

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: calote esférica

Diâmetro do Bordo/Base: 22 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 4/2

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: N/A

Paralelo: N/A

Cronologia: N/A

Caçoila Tipo B-4

Número de inventário: C2-15223-9

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido em aba

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: calote esférica

Diâmetro do Bordo/Base: 19 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bojo

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional, 2015*

Paralelos: corresponde á peça 45

Cronologias: N/A

Caçoila Tipo B-5

Número de inventário: C3-15098-2

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido em aba

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: troncocónico invertido

Carena: baixa marcada

Diâmetro do Bordo/Base: 18 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 6/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bojo

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: Gomez Martinez, Susana – *La Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*. Madrid

Paralelos: corresponde à peça nº CR/CC/0109, pág. 911

Cronologia: 2º metade do século XII até segunda metade do século XII

Caçoila Tipo G-1

Número de inventário: C3-15088-3

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 21 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 3/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: lábio

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas; a canelura no topo sugere a existência de algum tipo de tampa que cobria a peça

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5, 2014*

Paralelos: corresponde à peça nº 298 da estampa 10 U.E 15

Cronologia: Inícios do século Xi

Caçoila Tipo E-2

Número de inventário: C4-7992-9

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido arredondado

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: Calote ovóide

Diâmetro do Bordo/Base: 22 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 2/1

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: Araújo, João Nuno Gonçalves – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5, 2014*

Paralelos: corresponde à peça nº 298 da estampa 10 U.E 15

Cronologia: inícios do século XI

Caçoila Tipo E-3

Número de inventário: C4-7992-8

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido arredondado

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: Calote ovóide

Diâmetro do Bordo/Base: 21 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 2/1

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações: apresenta transformações térmicas

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental de Lisboa*.

Paralelos: corresponde à peça 690 , pág.340

Cronologia: finais do século XI e inícios do XII

Copo Tipo A-1

Número de inventário: C4-2403-75

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: copo

Colo: N/A

Corpo:

Diâmetro do Bordo/Base: 8 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Copo Tipo B-1

Número de inventário: C4-2403-80

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo vertical triangular

Tipologia: copo

Coro: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 6 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante

Tonalidade: Hue 5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: canelura

Local da ornamentação: bordo

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Tigela Tipo D-1

Número de inventário: C4-2403-85

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Coro: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: monocromático

Cor da ornamentação: melada

Local da ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: Pasta de grão fino

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde á peça nº 242, pág. 606

Cronologia: 2º metade do século XI até 2º metade do XII.

Caçoila Tipo D-1

Número de inventário: C4-2403-12

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: caçoila

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 24 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 3/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Filipe, Vanessa – *A cerâmica medieval no mediterrâneo: Actas do X Congresso Internacional, 2015*

Paralelos: corresponde à peça nº 43

Cronologia: N/A

Tigela Tipo E-1

Número de inventário: C4-2403-88

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante com pasta de tonalidade calcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melada

Local da ornamentação: interior e exterior da peça

Referências:

Observações: pasta de grão fina

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde à peça nº 589, pág. 606

Cronologia: finais do século XI e início do XII

Tigela Tipo F-1

Número de inventário: C4-2403-93

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: tigela

Cor: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 15 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante com pasta de tonalidade calcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: melada

Local da ornamentação: exterior da peça

Cor da ornamentação: verde

Local da ornamentação: interior

Referências:

Observações: pasta de grão fina

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologia: N/A

Candil Tipo A-1

Número de inventário: C4-2403-100

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bico de candil

Tipologia: candil

Colo: N/A

Corpo: N/A

Cumprimento: 4.2 cm

Largura: 2.8 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante com tonalidade calcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melada

Local da ornamentação: interior e exterior da peça

Referências:

Observações: pasta de grão fina

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos arrabalde ocidental de Lisboa.

Paralelos: corresponde à peça 18, pág. 242

Cronologia: Séculos XI a XII

Taça Tipo B-1

Número de inventário: C4-7997-2

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido semicircular

Tipologia: taça

Coro: N/A

Corpo: calote esférica

Diâmetro do Bordo/Base: 19 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 3/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: caneluras

Local da ornamentação: corpo

Referências:

Observações: apesar das suas grandes dimensões o formato do bordo sugere uma taça

Bibliografia:

Paralelos:

Cronologia

Panela Tipo B-2

Número de inventário: C4-7997-11

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo extrovertido semicircular

Tipologia: panela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 4/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa

Paralelos: corresponde às peças nº541, pág.591

Cronologia: finais do século XI até 2º metade do século XII.

Caçoila Tipo E-4

Número de inventário: C4-7997-12

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica comum

Tipo de Fragmento: bordo introvertido arredondado

Tipologia: caçoila

Coro: N/A

Corpo:

Diâmetro do Bordo/Base: 26 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 5 YR 4/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: N/A

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos arrabalde ocidental de Lisboa.

Paralelos: corresponde à peças nº4114, pág.340

Cronologia: século XI

Tigela Tipo E-2

Número de inventário: C4-7997-13

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 15 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 8/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: verde

Local da ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: apesar de apenas ser identificado alguns vestígios do vidrado é possível verificar a sua tonalidade e presumir que a peça levaria este tipo de ornamentação na sua totalidade

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde á peça nº 242, pág. 606

Cronologia: finais do século XI e iniciou do XII.

Tigela Tipo E-3

Número de inventário: C4-15098-5

Unidade Estratigráfica: [4133]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: redutora

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melada

Local da ornamentação: interior e exterior

Técnica decorativa canelura simples

Local da ornamentação: bojo

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde à peça nº 233, pág.607

Cronologia: início do século XII.

Lista de Peças Analisadas: 2ª Fase

Tigela Tipo B-2

Número de inventário: C3-1353-1

Unidade Estratigráfica: [2076]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido plano

Tipologia: tigela

Coro: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: calcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 7/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melada

Local da ornamentação: interior e exterior

Técnica decorativa canelura simples

Local da ornamentação: bojo

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: N/A

Paralelos: N/A

Cronologias: N/A

Tigela Tipo A-2

Número de inventário: C3-1353-4

Unidade Estratigráfica: [2076]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 14 cm

Pasta:

Cozedura: calcária

Tonalidade: Hue 5 YR 7/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: verde e melado

Local da ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde à peça nº 592, pág.606

Cronologias: finais do século XI e início do século XII

Tigela Tipo E-4

Número de inventário: C3-1353-5

Unidade Estratigráfica: [2076]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 12 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante com pasta tonalidade calcária

Tonalidade: Hue 10 YR 8/4

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: verde melado

Local da ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde à peça nº 242, pág.606

Cronologia: finais do século XI e início do século XII

Tigela Tipo E-5

Número de inventário: C3-1353-6

Unidade Estratigráfica: [2076]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo introvertido triangular

Tipologia: tigela

Colo: N/A

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 16 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante com pasta de tonalidade calcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 8/6

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: verde

Local da ornamentação: interior

Cor da ornamentação: melado

Local da ornamentação: exterior

Referências:

Observações: N/A

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – *Vestígios de produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa*

Paralelos: corresponde à peça nº 586, pág.607

Cronologias: Finais do século XI e início do século XII

Lista de Peças Analisadas: 3ª Fase

Gargalo de Garrafa Tipo A-1

Número de inventário: C3-1353-12

Unidade Estratigráfica: [2076]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: bordo extrovertido triangular

Tipologia: garrafa

Colo: cilíndrico recto

Corpo: N/A

Diâmetro do Bordo/Base: 6 cm

Pasta:

Cozedura: oxidante

Tonalidade: Hue 2.5 YR 6/10

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado monocromático

Cor da ornamentação: melado

Local da ornamentação: interior e exterior

Referências:

Observações:

Bibliografia: Silva, Marta Cristina - *A cerâmica islâmica da Alcáçova de Santarém, 2011*

Paralelos: corresponde à peça nº 49 da estampa 7

Cronologia: finais do século Xi e inícios do XII.

Base de Taça ou Tigela Tipo B-2

Número de inventário: C3-1260-23

Unidade Estratigráfica: [2001]

Ano: 2000

Morfologia:

Designação da peça: cerâmica vidrada

Tipo de Fragmento: base

Tipologia: taça ou tigela

Base: pé anelar baixo vertical

Diâmetro do Bordo/Base: 8 cm

Pasta:

Cozedura: calcária

Tonalidade: Hue 7.5 YR 8/3

Elementos não-plásticos: não

Ornamentação:

Técnica decorativa: vidrado bicromático

Cor da ornamentação: verde

Local da ornamentação: interior

Cor da ornamentação: melado

Local da ornamentação: exterior

Referências:

Observações:

Bibliografia: Bugalhão, Jacinta – Vestígios da produção oleira islâmica no Mandarim Chinês, Lisboa

Paralelos: corresponde à peça nº 582, pág. 607

Cronologia: finais do século XI e início do XII.

Figura 1: O Bairro islâmico da Praça da Figueira



Fonte: SILVA, Rodrigo Banha da; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2011), O Bairro Islâmico da Praça da Figueira In *Debates da Arqueologia Medieval – Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular: Encontros e Desencontros*. Aljezur, pp. 20.

Figura 2: Pós Abandono

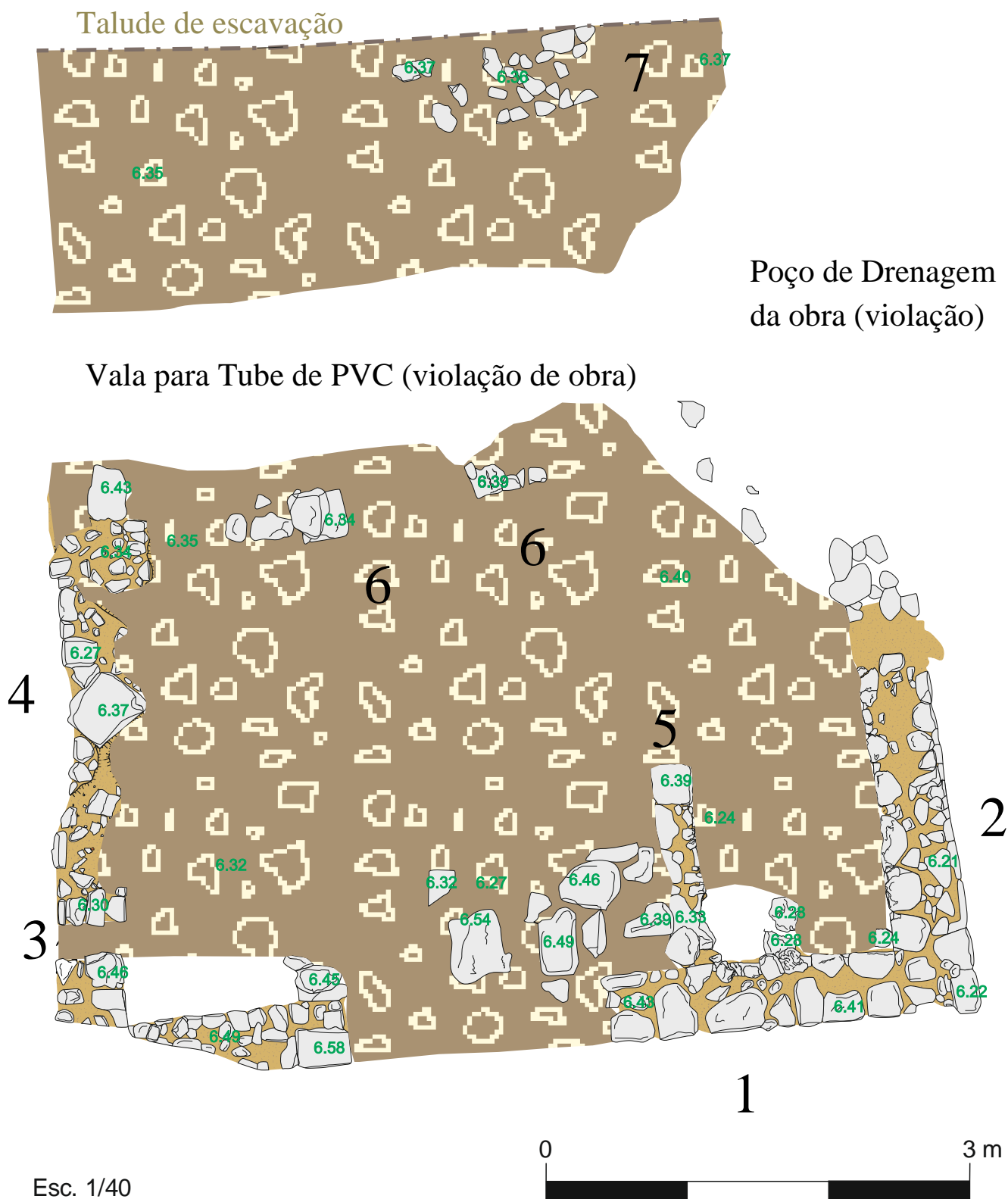
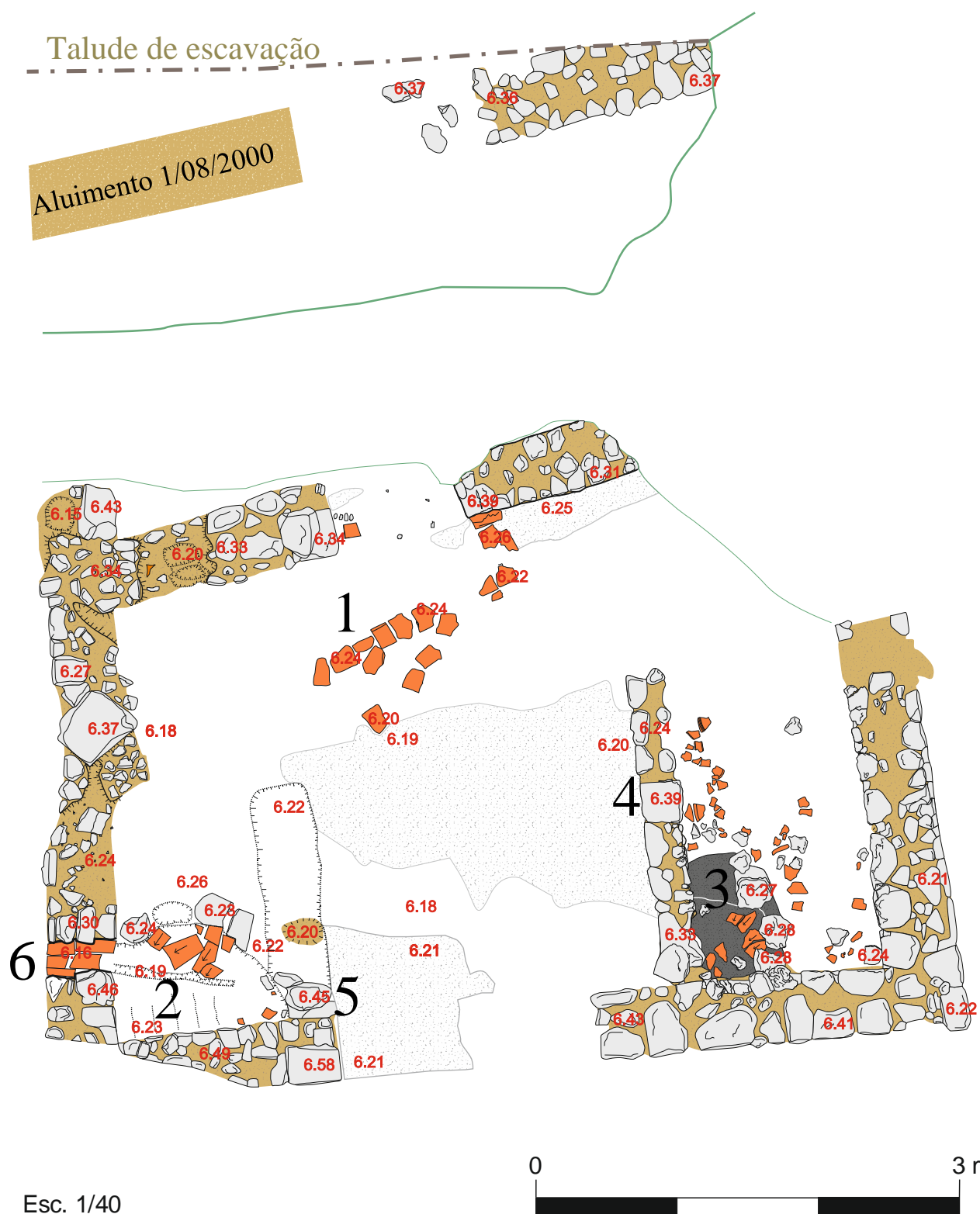


Figura 1 Legenda: 1 – Alçado [2056]; 2 – Alçado [2055]; 3 – Alçado [abertura de canalização]; 4 – Alçado de limite Oeste; 5 – Alçado [2057]; 6 – Alçado [2062]; 7 – Alçado [2061],

Figura 3: Abandono e Ocupação



Esc. 1/40

Figura 2 Legenda: 1 – derrube de telha e pavimentação [2141]; 2 – fossa latrina [1953]; 3 – lareira delimitada por alinhamento rochoso; 4 – pedra vã com reboco; 5 – possível arranque de um muro de compartimentação; 6 – abertura de canalização;

Figura 4: Espaços e Reconstituição dos Alçados



Figura 3 Legenda: 1 – zona de entrada da casa; 2 – alçado de limite este [2055]; 3 – alçado de limite oeste [sem designação]; 4 – alçados de compartimentação [2062]; 5 – alçado de compartimentação [2057]; 6 – fachada [2056]; 7 – alçado de limite norte [2061].

Figura 5: Reconstituição (vista exterior)

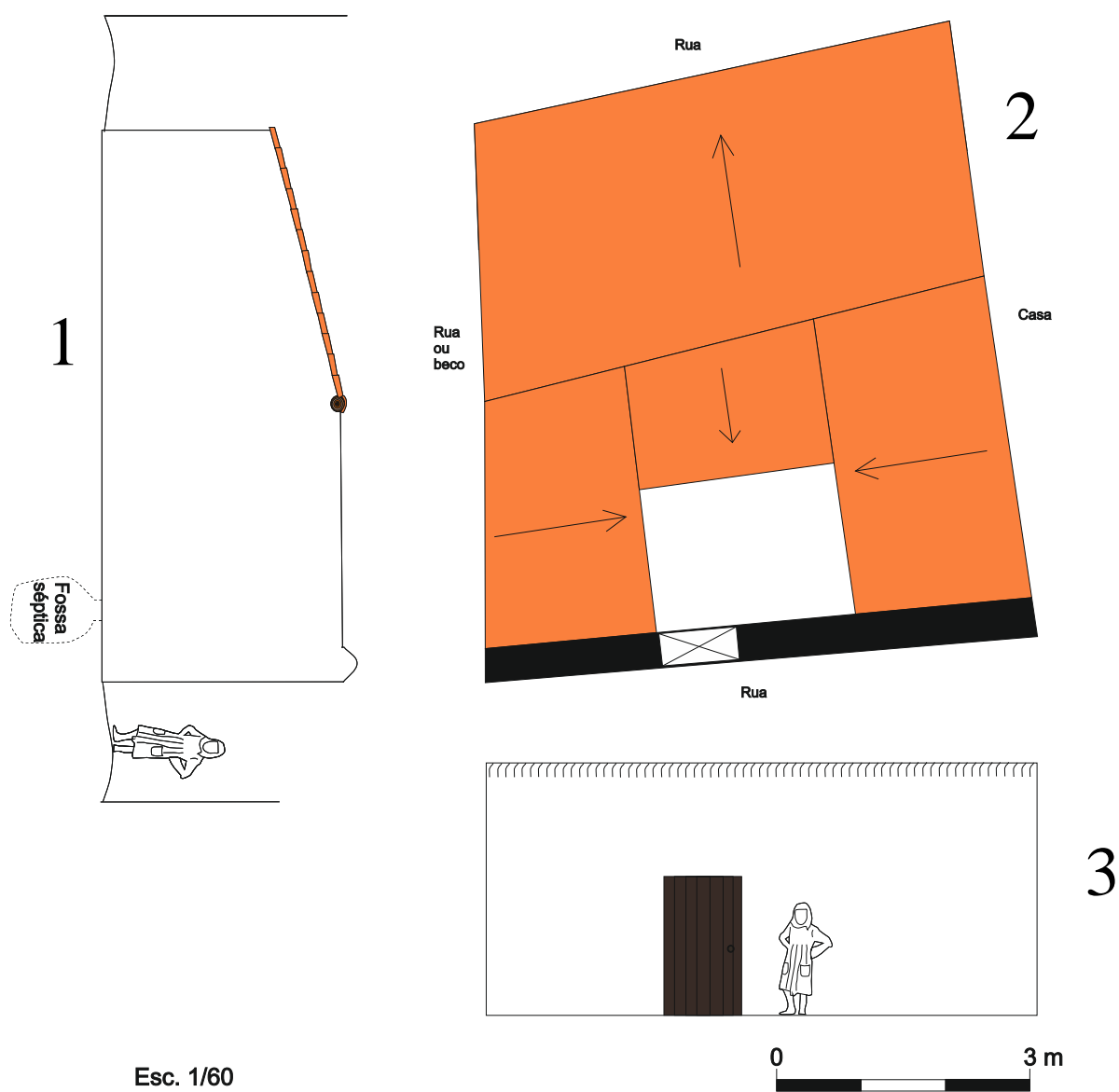


Figura 4 Legenda: 1 – vista perfil; 2 – vista superior; 3 – vista frontal.

Figura 6: Perfil Este (alçado [2055])

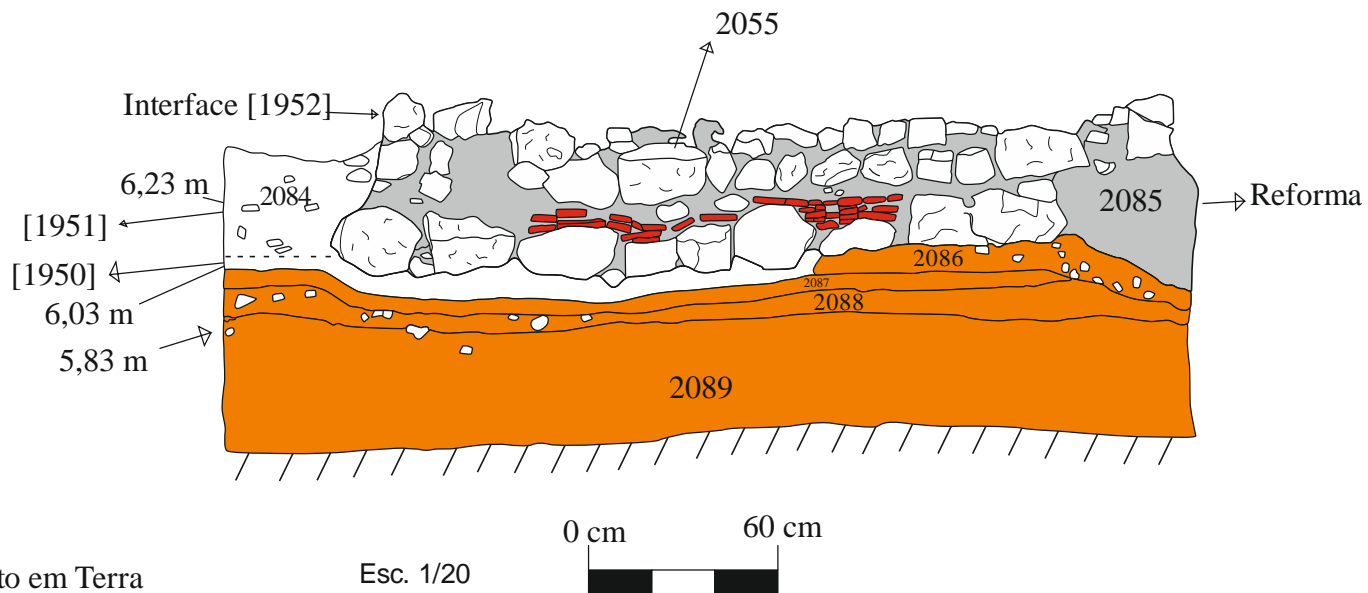


Figura 5 Legenda: [1950] – vala de enchimento; [1951] – soco do muro; [1952] – interface de abandono; [2089] – [2086] – enchimento; [2084] – “roubo” do muro (violação pela obras); [2085] – reforma do alçado; [2055] – alçado de limite este;

Figura 7: Perfil do alçado [2062]

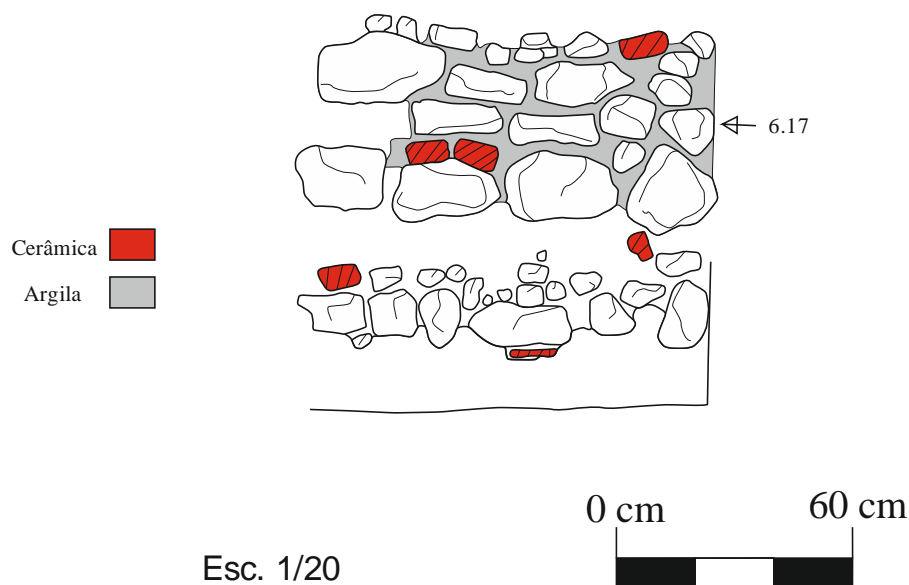
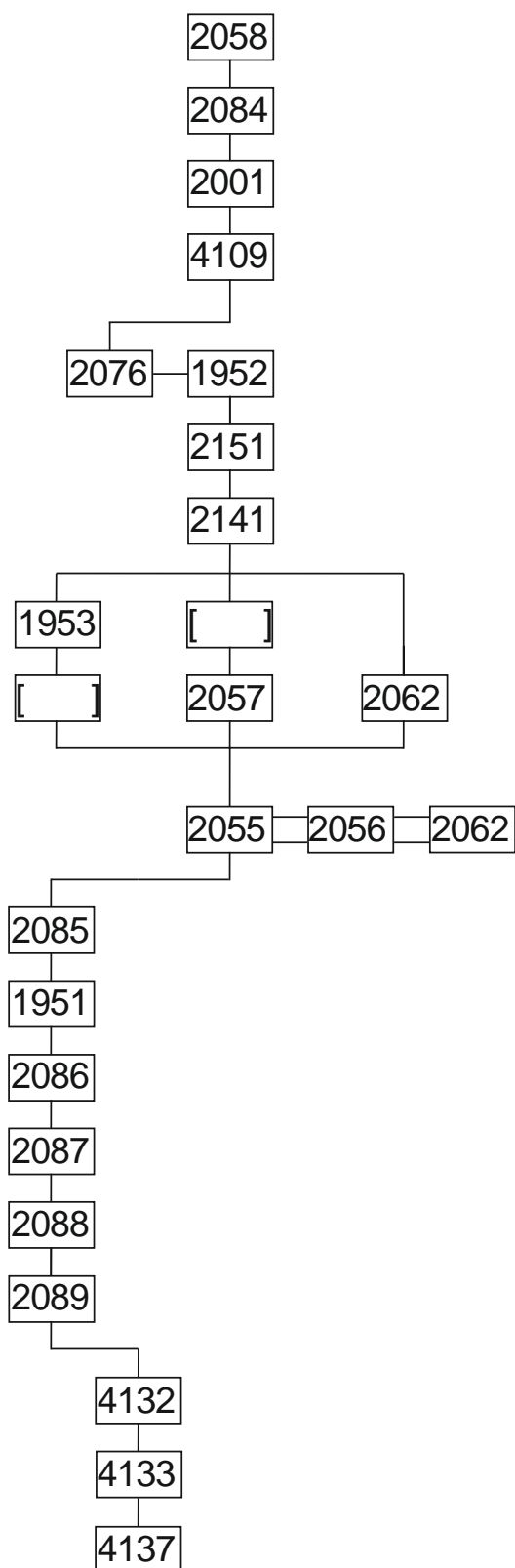


Figura 8: Matriz de Harris da unidade habitacional P/Q – 9/11

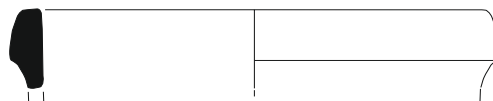


1ª Fase: Unidade Estratigráfica [4137]

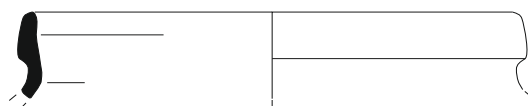
Panelas



Tipo A-1 / C2 - 15062-3



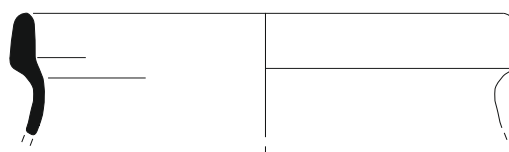
Tipo A-2/ C3 - 15081-3



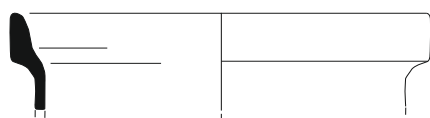
Tipo B-1 / C2 - 15072-3



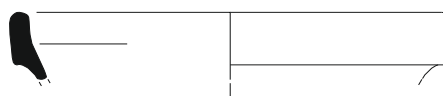
Tipo C-1/ C3 - 15104-2



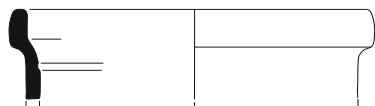
Tipo C-2/ C3 - 15104-4



Tipo D-1/ C3 - 15104-3



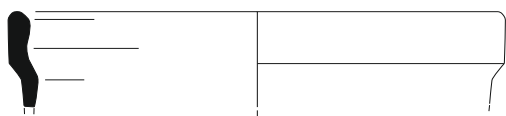
Tipo D-2/ C3 - 15104-5



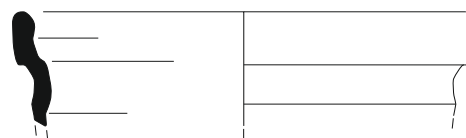
Tipo D-4/ C3 - 15104-9



Tipo D-3/ C3 - 15104-6



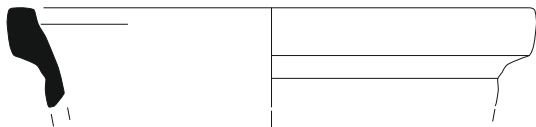
Tipo D-5/C3 - 15104-11



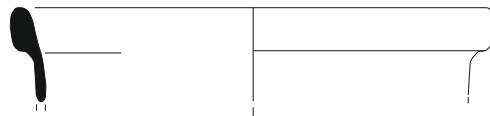
Tipo D-6/ C3 - 15104-12



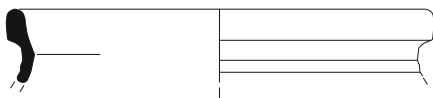
Panelas



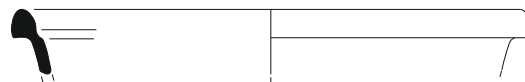
Tipo E-1/ C3 - 15104-7



Tipo F-1/ C3 - 15104-8



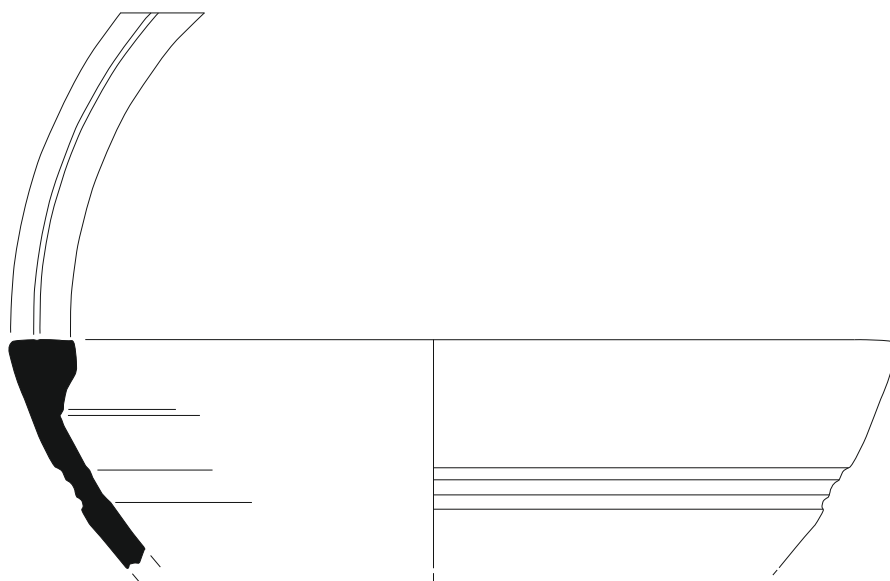
Tipo G-1/ C3 - 15104-10



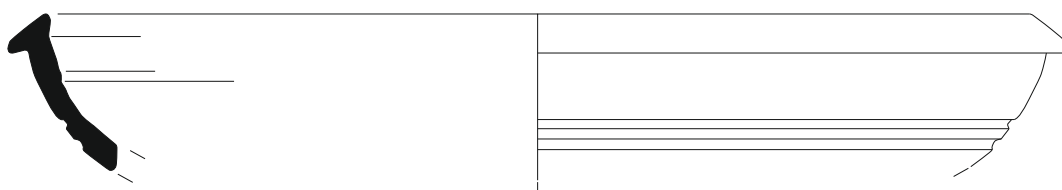
Tipo H-1/ C4 - 15068-44



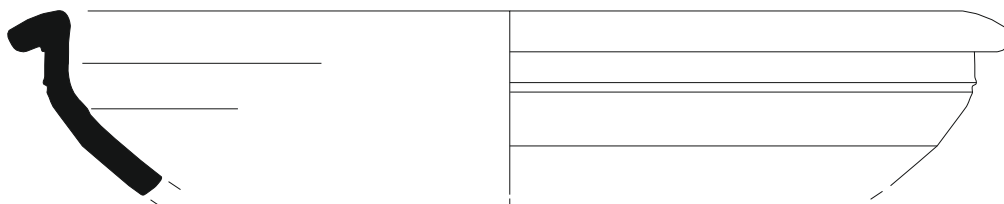
Caçoilas



Tipo A-1 / C2 - 15208-2



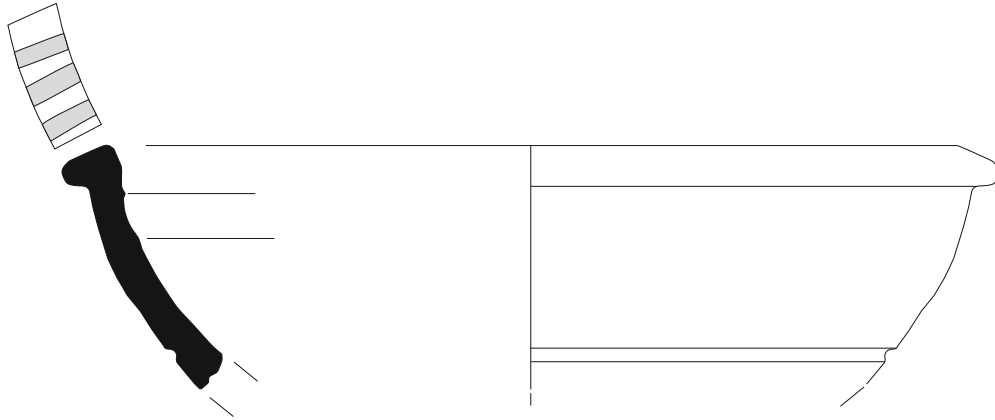
Tipo B-1/ C2 - 15108-10



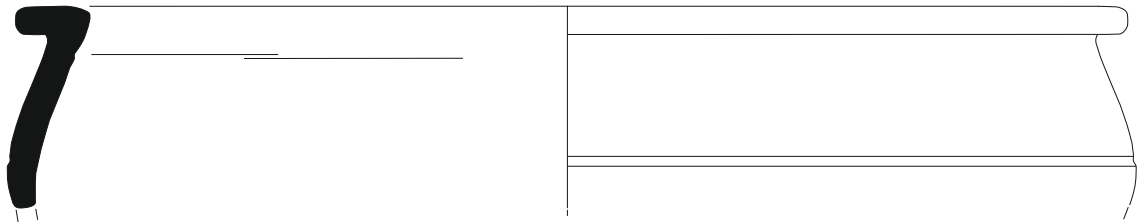
Tipo B-2/ C3 - 15081-1



Caçoilas



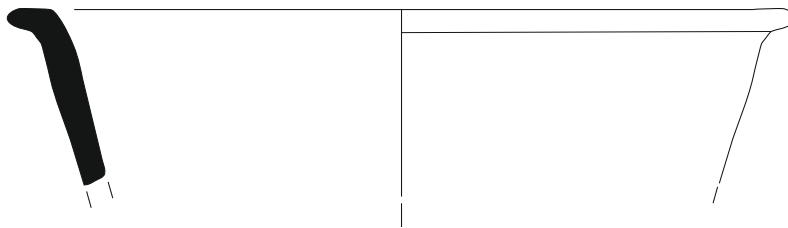
Tipo B-3/ C3 - 15095-3



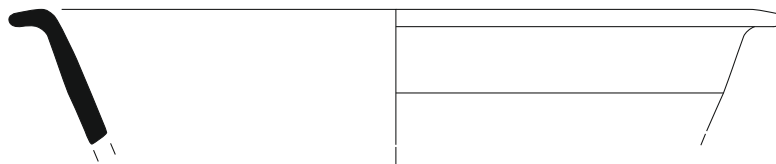
Tipo C-1/ C2 - 15108-14



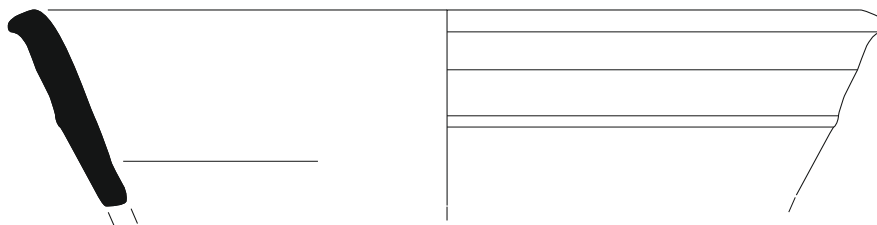
Tigelas



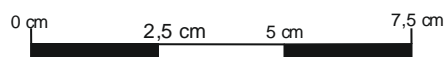
Tipo A-1/ C3 - 15095-1



Tipo C-1/ C3 - 15095-2



Tipo B-1/ C3 - 15083-5



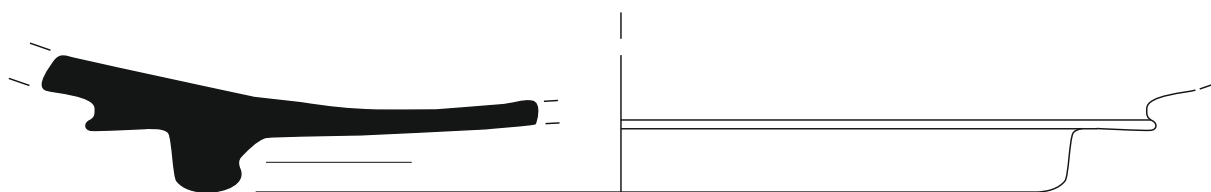
Base de Tigela



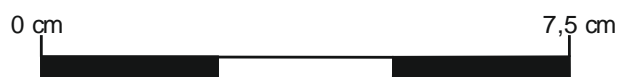
Tipo A-1/ C3 - 15079-11



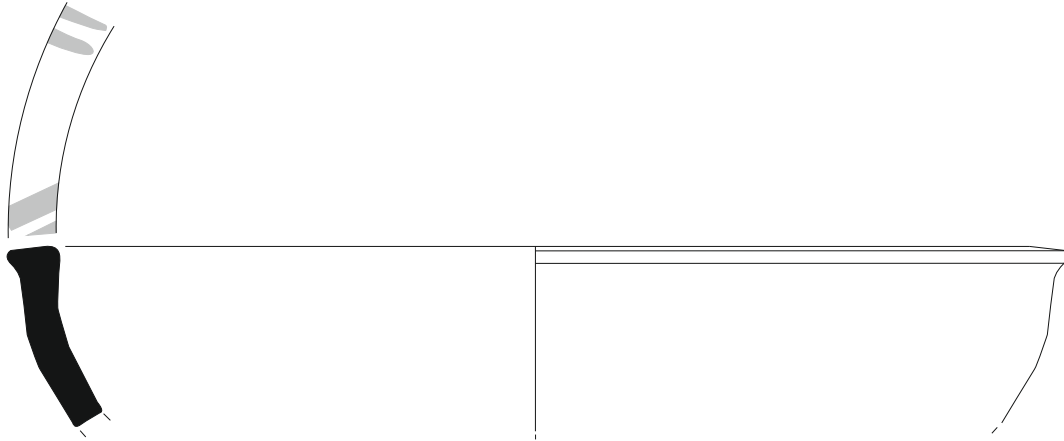
Tipo B-1/ C4 - 15068-70



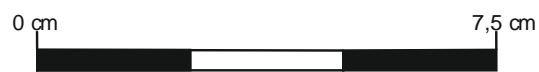
Tipo C-1/ C2 - 15239-8



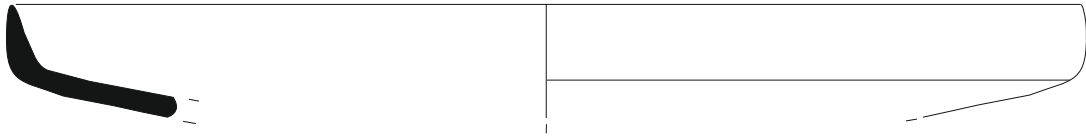
Taças



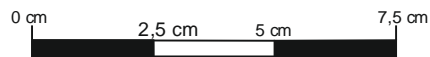
Tipo A-1 / C2-15262-4



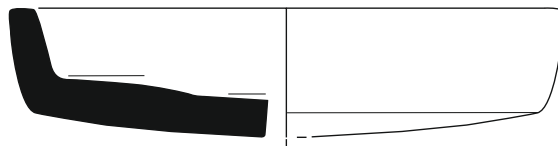
Prato



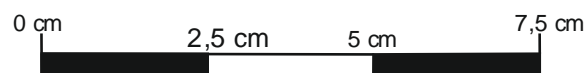
Tipo A-1 / C2 - 15239-1



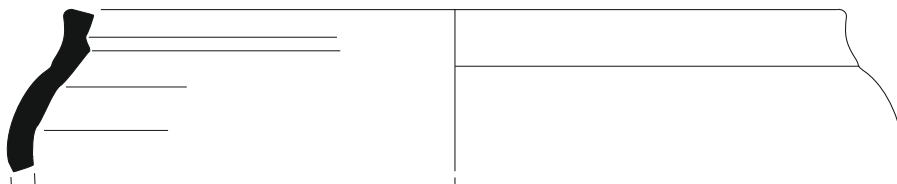
Salseiro



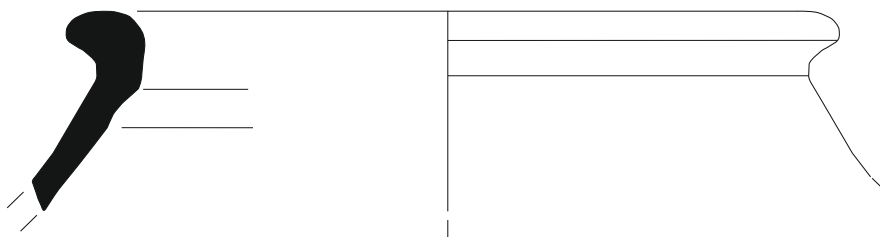
Tipo A-1/ C2 - 15108-09



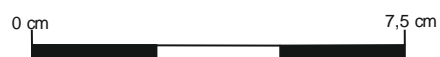
Potes



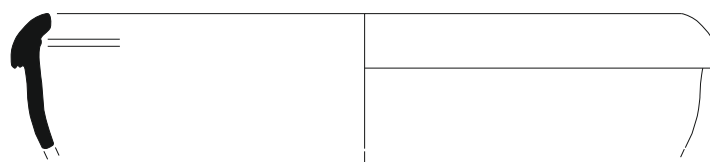
Tipo A/ C2-15062-3



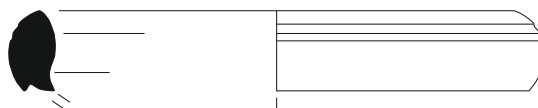
Tipo B-1 / C2-15108-6



Cântaro



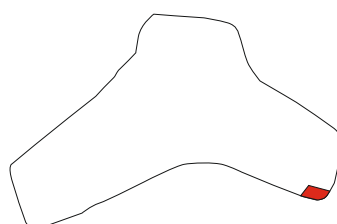
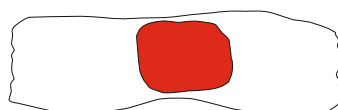
Tipo A-1 / C3 - 15083-9



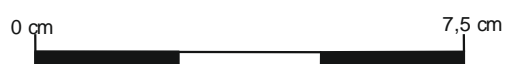
Tipo B-1/ C3 - 15012-4



Trempe

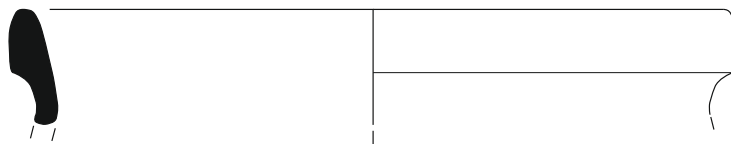


Tipo A/ C3 - 15079-19

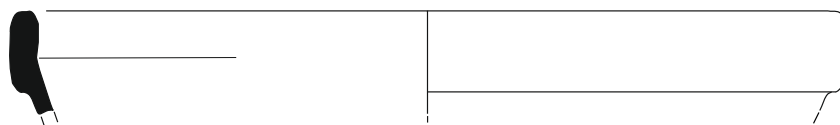


1ª Fase: Unidade Estratigráfica [4133]

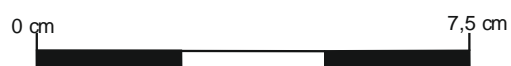
PANELA



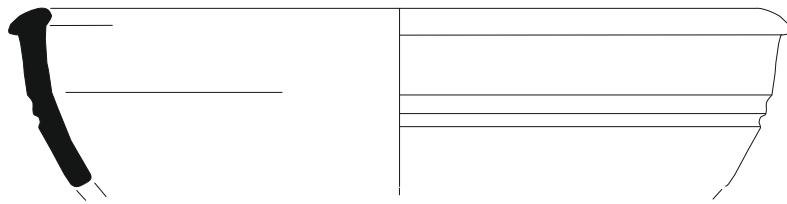
Tipo B-2/ C4 - 7997-11



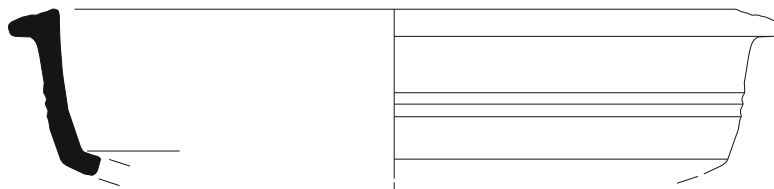
Tipo D-7/ C1 - 9510-31



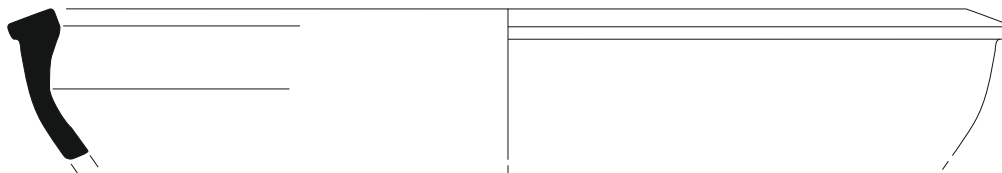
Caçoilas



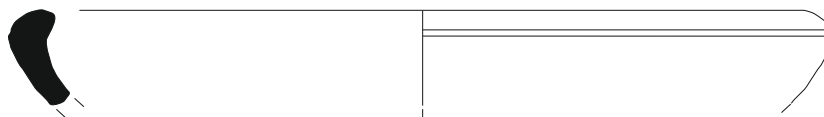
Tipo B-4/ C2 - 15223-9



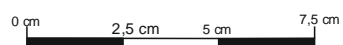
Tipo B-5/ C3 -15098-2



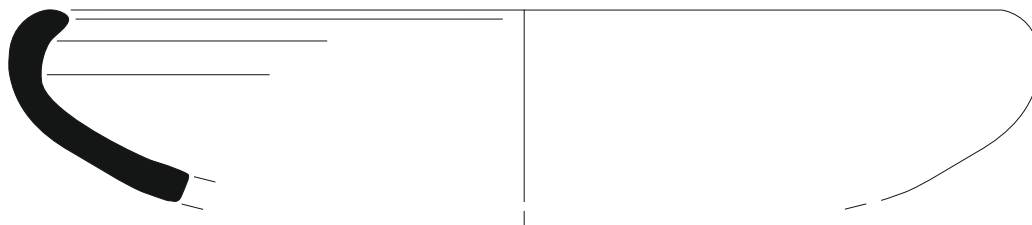
Tipo D-1/ C4 - 2403-12



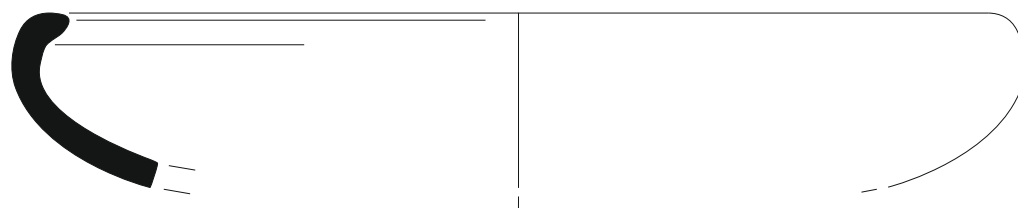
Tipo E-1/ C2 - 15223-6



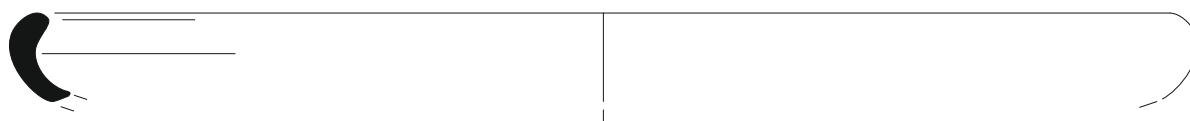
Caçoilas



Tipo E-2/ C4 - 7992-8



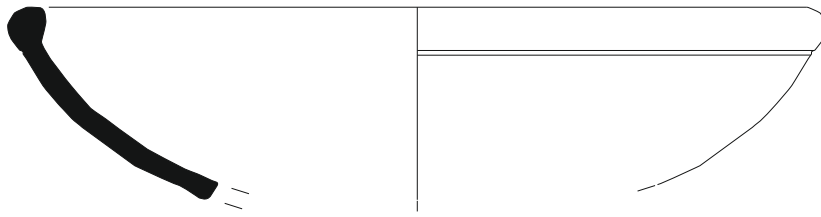
Tipo E-3/ C4 - 7992-9



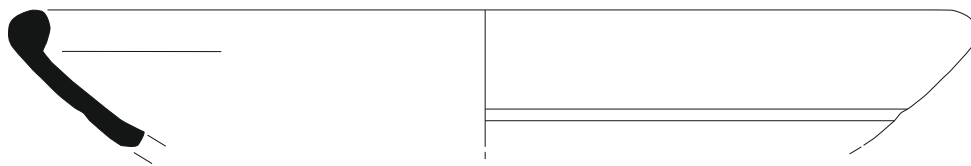
Tipo E-4/ C4 - 7997-12



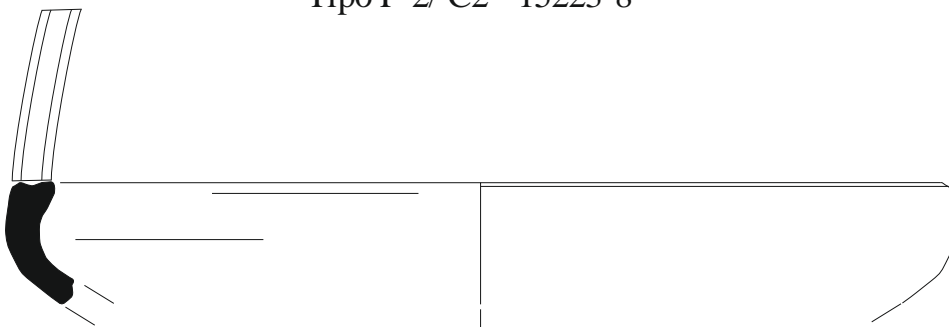
Caçoilas



Tipo F-1/ C2 - 15223-7



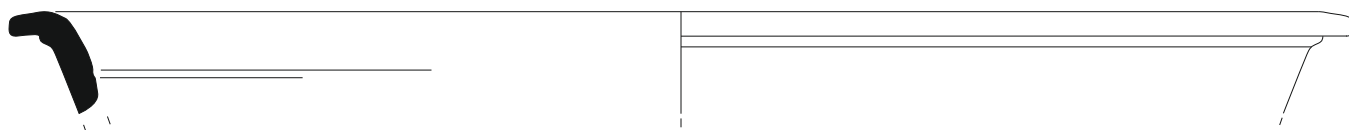
Tipo F-2/ C2 - 15223-8



Tipo G-1/ C3 - 15088-3



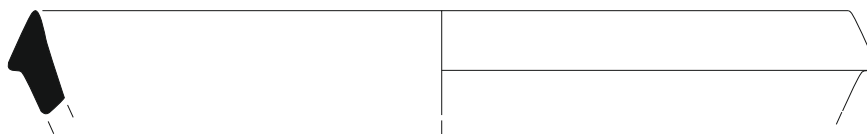
Alguidar



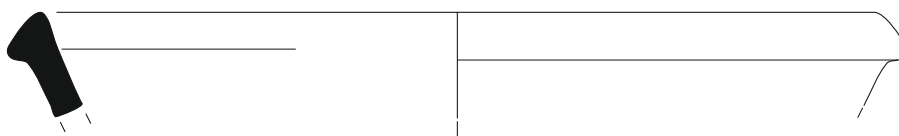
Tipo A-1/ C2 - 15223-3

0 cm 7,5 cm

Tigela



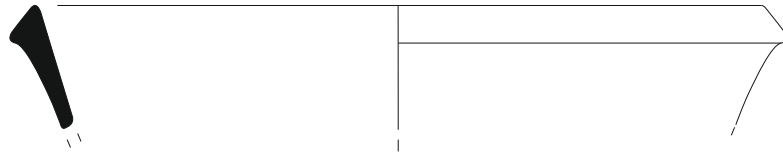
Tipo D-1/ C4 - 2403-85



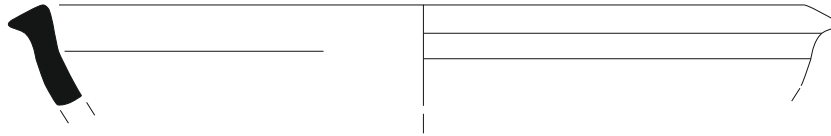
Tipo E-1/ C4 - 2403-88

0 cm 7,5 cm

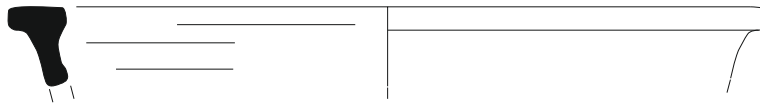
Tigela



Tipo E-2/ C4 - 7997-13



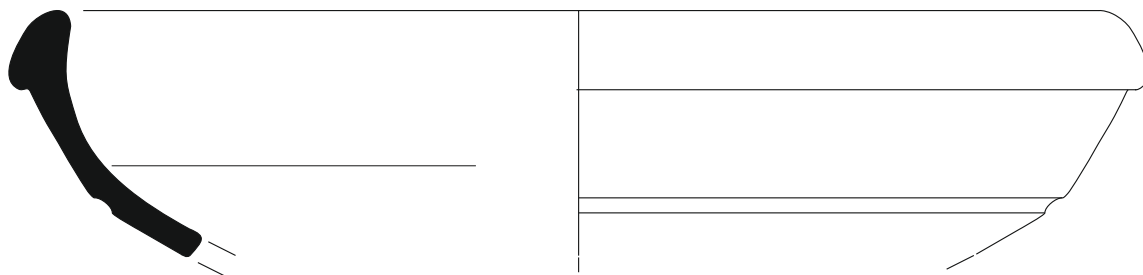
Tipo E-3/ C4 - 15098-5



Tipo F-1/ C4 - 2403-93



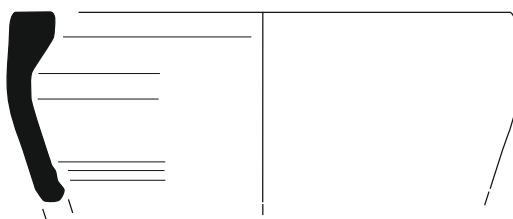
Taça



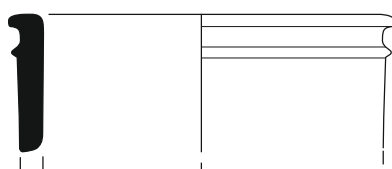
Tipo B-1/ C4 - 7997-2



Copo



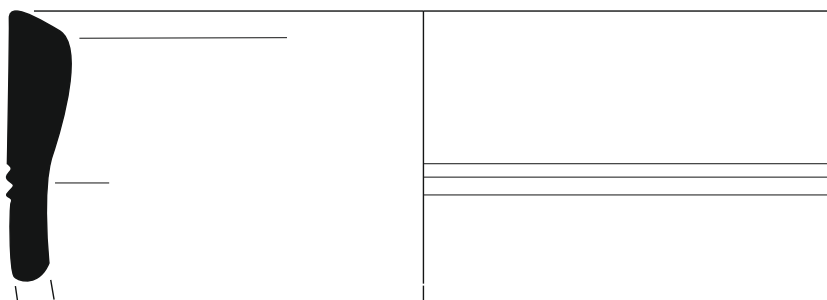
Tipo A-1/ C4 - 2403-75



Tipo B-1/C4 - 2403-80



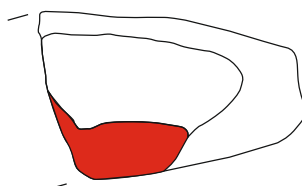
Jarra



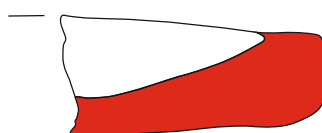
Tipo A-1/ C2 - 15240-11



Candil Bico



■ Fractura

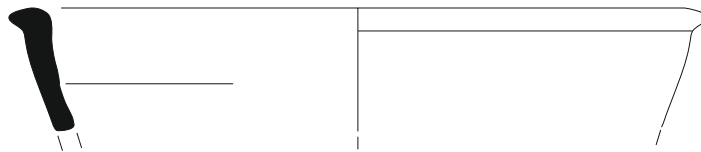


Tipo A-1/ C4 - 2403-100

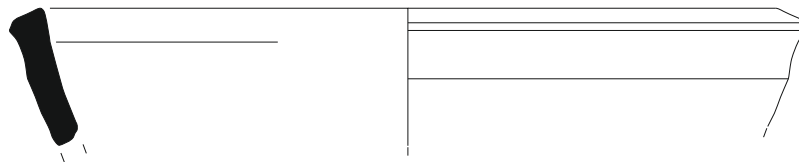


2ª Fase: Unidade Estratigráfica [2076]

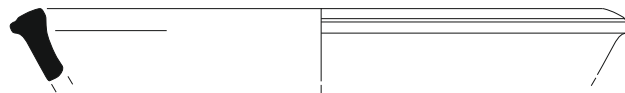
Tigelas



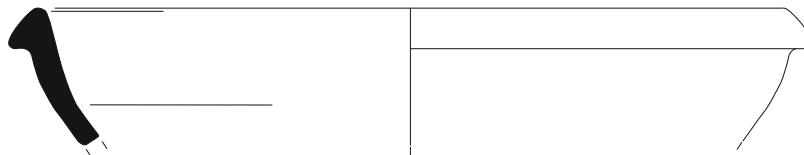
Tipo A-2/ C3 - 1353-4



Tipo B-2/ C3 - 1353-1



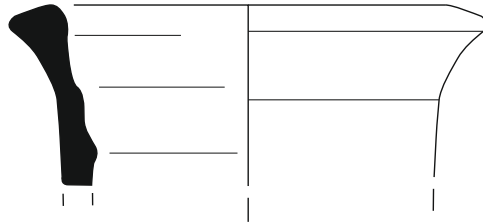
Tipo E-4/ C3 - 1353-5



Tipo E-5/ C3 - 1353-6



Cantarinha/Infusa



Tipo A-1/ C3 - 1353-12



3ª Fase: Unidade Estratigráfica [2001]

Base de Tigela



Tipo B-2/ C3 - 1260-23

